



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
PUBLICIDADE E PROPAGANDA

**REPRESENTATIVIDADE LGBTQIA+ NOS FILMES DE
ANIMAÇÃO DA DISNEY**

BEATRIZ MAGALHÃES RANGEL DA SILVA

Rio de Janeiro

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
PUBLICIDADE E PROPAGANDA

REPRESENTATIVIDADE LGBTQIA+ NOS FILMES DE ANIMAÇÃO DA DISNEY

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social – Publicidade e
Propaganda.

BEATRIZ MAGALHÃES RANGEL DA SILVA

Orientador: Prof. Luiz Solon Gonçalves Gallotti

Rio de Janeiro
2023

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

M188r Magalhães Rangel da Silva, Beatriz
Representatividade LGBTQIA+ nos filmes de
animação da Disney / Beatriz Magalhães Rangel da
Silva. -- Rio de Janeiro, 2023.
135 f.

Orientador: Luiz Solon Gonçalves Gallotti.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da
Comunicação, Bacharel em Comunicação Social:
Publicidade e Propaganda, 2023.

1. LGBTQIA+. 2. Representatividade. 3.
Neoliberalismo progressista. 4. Disney. 5.
Diversidade. I. Solon Gonçalves Gallotti, Luiz,
orient. II. Título.


Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

Representatividade LGBTQIA+ nos filmes de animação da Disney

Beatriz Magalhães Rangel da Silva

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Publicidade e Propaganda.

Aprovado por

Documento assinado digitalmente
 LUIZ SOLON GONCALVES GALLOTTI
Data: 12/06/2023 15:09:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Luiz Solon Gonçalves Gallotti – Orientador



Prof. Dr. Adil Giovanni Lepri



Eduardo Refkalefsky
Prof. Dr. Eduardo Refkalefsky

Aprovada em:
05/06/2023

Grau: 10

Rio de Janeiro/RJ

2023.1

AGRADECIMENTOS

Expresso minha profunda gratidão à UFRJ por proporcionar uma educação que contribuiu tanto para o meu desenvolvimento profissional, quanto para o pessoal. Agradeço a cada desafio proposto, pois foram eles que me capacitaram e me ajudaram a me tornar uma pessoa mais curiosa e proativa. Cada disciplina despertou em mim a vontade de expandir meus horizontes e questionar as supostas certezas que existem.

Quero expressar minha sincera gratidão ao meu professor orientador, Luiz Solon, por sua presença em minha jornada acadêmica: desde o ciclo básico até a especialização em publicidade. Sua disponibilidade, atenção e conselhos foram fundamentais para minha conquista da graduação. Sem a sua ajuda, tenho certeza de que não estaria aqui hoje.

Também desejo agradecer a professora Mônica Machado, que esteve ao meu lado durante os dois últimos períodos, oferecendo valiosos conselhos e sendo um ombro amigo. Sua presença tornou o fim da faculdade uma jornada mais fácil e reconfortante.

Por fim, desejo estender meu mais profundo reconhecimento ao Eduardo Refkalefsky, cujas matérias foram fundamentais para a compreensão do campo em que desejo atuar, e ao Adil Lepri, pelas aulas divertidas que me fizeram amar ainda mais o cinema. Cada um de vocês deixou uma marca em mim e contribuiu significativamente para a formação da profissional que desejo me tornar!

DA SILVA, Beatriz Magalhães Rangel. **Representatividade LGBTQIA+ nos filmes de animação da Disney**. Orientador: Luiz Solon Gonçalves Gallotti. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2023.

RESUMO

O padrão narrativo das animações da Disney passou por algumas transformações ao longo dos anos por conta de um contexto social e político que exige mudanças e posicionamentos constantes. Levando em consideração a agenda política americana e o impacto que a produtora apresenta ao redor do mundo, torna-se necessário um estudo sobre a visibilidade de minorias no audiovisual. Este trabalho tratará de uma das facetas dessa ampla agenda, a representatividade LGBTQIA+, e terá como foco os filmes de animação da *The Walt Disney Company*. As produções selecionadas terão seus efeitos analisados a partir de uma pesquisa netnográfica feita com depoimentos que demonstram a cultura participativa no *Twitter* e o poder da cibercultura. Com isso, será possível avaliar desde a ausência de visibilidade a uma representatividade estereotipada ou pensada para agradar as massas e gerar lucro, perpetuando o contexto político que apenas mantém os padrões já existentes e dominantes.

Palavras-chave: Diversidade; representatividade LGBTQIA+; cinema de animação; Disney; neoliberalismo progressista.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 - Praxinoscópio.....	17
Figura 2 - Storyboard quadro por quadro de <i>Cinderella</i> (1950).....	19
Figura 3 - Modelo de movimento para a produção de <i>A Bela Adormecida</i> (1959).....	19
Figura 4 - Criação das feições de Maui, personagem do filme <i>Moana</i> (2016).....	19
Figura 5 - Homossexualidade em obras de arte da Grécia Antiga.....	21
Figura 6 - Casamento entre mulheres na Nigéria.....	22
Figura 7 - Princesas e príncipes da Disney.....	38
Figura 8 - Linha do tempo com indicações de transformações físicas.....	40
Figura 9 - Vilões da Disney.....	41
Figura 10 - Peter liderando os meninos perdidos.....	50
Figura 11 - Depoimento sobre a Disney não ter representatividade LGBTQIA+.....	51
Figura 12 - Depoimento sobre a Disney não ter protagonistas LGBTQIA+.....	51
Figura 13 - Crítica sobre a Disney e sua diversidade quase nula.....	52
Figura 14 - Comparação de estúdios de cinema em relação a diversidade.....	53
Figura 15 - <i>Queerbating</i> e falta de avanço representativo.....	53
Figura 16 - <i>Queerbating</i> e falta de comprometimento.....	53
Figura 17 - Úrsula utilizando sua capacidade de transformação.....	54
Figura 18 - Scar com pálpebras escurecidas e unhas aparentes.....	56
Figura 19 - Depoimento sobre a descoberta dos vilões LGBTQIA+.....	58
Figura 20 - Depoimento reconhecendo vilões com diversidade LGBTQIA+.....	59
Figura 21 - Depoimento reconhecendo a maioria dos vilões da Disney como gays.....	59
Figura 22 - Alerta sobre a associação da comunidade LGBTQIA+ com a maldade.....	59
Figura 23 - Depoimento lamentando a diversidade apenas em vilões.....	60
Figura 24 - Fã alegando que os vilões são gays para demonizar a diversidade.....	60
Figura 25 - Depoimento de fã que identifica padrão de vilanização LGBTQIA+.....	61
Figura 26 - Depoimento sobre a representatividade velada e sem visibilidade.....	65
Figura 27 - Depoimento sobre representatividade fraca da Disney.....	65
Figura 28 - Fã comenta tática para apresentar diversidade sem desagradar ninguém.....	65
Figura 29 - Depoimento sobre a Disney durante o mês do orgulho e no resto do ano.....	66
Figura 30 - Depoimento sobre as falsas representações da Disney.....	66
Figura 31 - Pedido de diversidade em personagens antigos da Disney.....	68

Figura 32 - Pedido de diversidade para a personagem Elsa.....	68
Figura 33 - Esperança de diversidade para a personagem Elsa.....	68
Figura 34 - Pedido de diversidade em princesas da Disney.....	69
Figura 35 - Fã implorando por uma princesa LGBT na Disney.....	69
Figura 36 - Confirmação de casal gay implícito em filme.....	70
Figura 37 - Fã denunciando boicote aos filmes LGBTQIA+ pela Disney.....	72
Figura 38 - Depoimento com os esforços realizados para conseguir representatividade.....	73
Figura 39 - Fã afirma que a divulgação de filmes LGBTQIA+ foi fraca.....	74
Figura 40 - Fã relata falta de divulgação em filmes LGBTQIA+ da Disney.....	74
Figura 41 - Fã discorda dos motivos para o fracasso de filme com temática LGBTQIA+...	76
Figura 42 - Princípio de animação 1 - Esmagar e esticar.....	94
Figura 43 - Princípio de animação 2 - Antecipação.....	95
Figura 44 - Princípio de animação 3 - Encenação.....	95
Figura 45 - Princípio de animação 4 - Siga direto.....	95
Figura 46 - Princípio de animação 4 - Pose a pose.....	96
Figura 47 - Princípio de animação 5 - Siga em frente e ação sobreposta.....	96
Figura 48 - Princípio de animação 6 - Desaceleração e aceleração.....	97
Figura 49 - Princípio de animação 7 - Movimento em arco.....	97
Figura 50 - Princípio de animação 8 - Ação secundária.....	97
Figura 51 - Princípio de animação 9 - Temporização.....	98
Figura 52 - Princípio de animação 10 - Exagero.....	98
Figura 53 - Princípio de animação 11 - Desenho volumétrico.....	99
Figura 54 - Princípio de animação 12- Apelo.....	99

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....	17
2.1 Evolução da animação: do primeiro desenho animado ao império Disney.....	17
2.2 Repressão e diversidade: os estudos sobre gênero e sexualidade.....	20
2.3 Representatividade e estereótipos: o impacto da cultura na indústria cinematográfica.....	26
2.4 Gestão de marca e inserção de temas: diversidade e <i>queerbaiting</i>	30
3 DISNEY E SUA RELAÇÃO COM A DIVERSIDADE.....	34
3.1 Capitalismo e manipulação: o consumo influenciado pela mídia.....	34
3.2 Projeção de conceitos: machismo e sua influência nas relações interpessoais.....	36
3.3 Construção de imaginários: padrões de personagens e representações limitadas.....	38
3.4 Narrativas não-românticas: a importância das diferentes caracterizações.....	41
3.5 Falta de representatividade: coerção normativa e resistência <i>queer</i>	43
4 ANÁLISE METODOLÓGICA.....	48
4.1 Construção de identidade: impactos da ausência de representatividade.....	48
4.2 Perpetuação do estereótipo: a visibilidade pejorativa da Disney.....	54
4.3 Oportunidades desperdiçadas: chances perdidas de inclusão.....	61
4.4 Expectativas de reconhecimento: promessas de diversidade.....	69
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77

REFERÊNCIAS

APÊNDICES

Apêndice A - Os princípios de animação da Disney

Apêndice B - As eras de animação da Disney

Apêndice C - Relacionamento arranjado para procriação

Apêndice D - Relacionamento arranjado para união de terras

Apêndice E - Vilão apaixonado pela própria aparência

Apêndice F - Vilão com aparência afeminada

Apêndice G - Discussão da importância do gênero

Apêndice H - Pleakley preferindo acessórios femininos

Apêndice I - Possível casal formado por duas mulheres

Apêndice J - Casal formado por dois homens

Apêndice K - Casal de lésbicas com o filho

Apêndice L - Mulher afirma ter namorada em cena

Apêndice M - Família composta por duas mulheres

1 INTRODUÇÃO

A *Walt Disney Company* é responsável por alguns dos desenhos animados mais conhecidos ao redor do mundo e possui grande alcance global, podendo influenciar a vida de diversas crianças, jovens e adultos. Este trabalho tem como objetivo analisar a representatividade LGBTQIA+ dos filmes de animação da Disney ao longo de sua trajetória cinematográfica.

As animações da Disney são, há algum tempo, objeto de pesquisa no campo da comunicação. Para uma maior compreensão de sua importância no meio acadêmico, dois temas muito trabalhados por outros autores serão levados em consideração como referência para a contextualização dos domínios previamente estudados que abarcam o meu trabalho de conclusão de curso: a trajetória do cinema e o impacto desse meio midiático no público.

Para a elaboração da revisão bibliográfica acerca do primeiro tema, é importante mencionar os especialistas que contribuíram com seus estudos e pesquisas. Dentre os escritores que abordam o primeiro assunto, destacam-se Jacques Rittaud-Hutinet (1995), responsável por contar a história dos inventores do cinema; o roteirista e ilustrador Olivier Cotte (2015) e a mestre em Comunicação Social Carolina Lanner Fossatti (2009), que exploram, em artigos diferentes, a história da animação e a influência que a Disney adquiriu no contexto mundial.

Além deles, esse campo de estudo também contará com a apresentação de uma pesquisa da Rock Content sobre o mercado de animação, bem como a classificação técnica de filmes realizada pelo site e curso especializado Artgeist sobre desenhos animados e ilustrações. Para melhor entendimento desse ambiente de pesquisa, será exposta a definição de termos e conceitos cinematográficos realizada por Jacques Aumont e Michel Marie (2003), além do mapeamento do conjunto histórico da companhia feito por Chris Pallant (2011).

Em relação à percepção dos telespectadores, Janet Wasko (2013) fala sobre como a Disney produz mitos sobre si mesma que não são necessariamente verdade e Vera Lucia White (2011) será referência para entender o grande foco que a produtora norte-americana escolhe dar ao público infantojuvenil. Por fim, Nancy Eisenberg e Paul Mussen (1977) serão mencionados para explicar como jovens desenvolvem seu aprendizado por meio dos estudos relacionados à assimilação junto com as análises de George Gerbner (1969) relativas ao tempo e a frequência de exposição das pessoas à mídia.

Para ampliar ainda mais a revisão bibliográfica, é importante ressaltar que a base do meu estudo se apoia não apenas em autores que se debruçaram diretamente sobre o tema da

inclusão de personagens LGBTQIA+ nos filmes de animação da Disney, mas também naqueles que abordaram assuntos correlacionados, contribuindo assim para um entendimento mais amplo das transformações que a empresa tem promovido ao longo do tempo. Duas dessas temáticas são: os estudos de gênero e sexualidade.

O primeiro é um dos principais tópicos da minha revisão de literatura por causa do seu impacto na percepção da sociedade em relação ao que são as identidades humanas, conceitos que também podem fazer parte das classificações e entendimentos do que seria o acrônimo LGBTQIA+. Nesse sentido, autoras renomadas como Judith Butler (2012), Nancy Fraser (2019) e Joan Wallach Scott (1988) apresentam opiniões importantes sobre como a identidade de gênero é uma construção social e como as hierarquias sociais afetam a luta por igualdade. Além disso, será exposto o problema da ausência de representatividade política e midiática dessa comunidade por meio do trabalho de Antônio Rubim (2004) em “Comunicação e Política: conceitos e abordagens”.

No âmbito geral que abrange as fontes bibliográficas sobre sexualidade, serão discutidos antigos preconceitos sobre a atração pelo mesmo gênero. Entre eles estão os propagados por Richard von Krafft-Ebing (1892), que tratava o assunto como um distúrbio; juntamente com outras associações equivocadas com doenças mentais. Será apresentada a antiga nomenclatura de sufixo diferenciado que palavras vinculadas ao acrônimo LGBTQIA+ possuíam e o impacto delas na sociedade. Para complementar, serão discutidas a distribuição de poder em relação aos estereótipos e a representatividades de minorias a partir das visões de João Freire Filho (2004) e Anne Phillips (2001).

No âmbito acadêmico, há outras esferas de interesse que também contribuirão para a compreensão deste trabalho, como os estudos culturais e as relações de poder. Essas áreas serão abordadas a partir das perspectivas de autores renomados, como Max Horkheimer e Theodor Adorno (2002), que exploram a comercialização da cultura, a manipulação das massas e o controle social que limita tanto a imaginação quanto a capacidade crítica das pessoas, resultando em padrões estereotipados. Além deles, também há um autor que pertence a ambas as áreas e fará parte da composição deste documento: Stuart Hall (1992). Ele estudou a cultura para entender a construção de identidades, mostrando que a mesma é dinâmica e está em constante mudança. No que diz respeito às relações de poder, Hall acredita que elas são relacionais e funcionam tanto no nível individual quanto no de grupo social, gerando consequências e influências nos dois lados.

Nesse sentido, os capítulos do trabalho vão iniciar com o surgimento da animação na cronologia do cinema para trazer uma contextualização histórica. Será feita uma pequena

linha do tempo comentando sua evolução desde a criação do praxinoscópio (COTTE, 2015), uma ferramenta que gera a ilusão de movimento a partir de imagens, até chegar no livro de Ollie Johnston e Frank Thomas (1981). Esses foram dois animadores-chefes da *Walt Disney Company* e a obra deles tem a finalidade de mostrar como os princípios de animação da empresa se tornaram referência para muitos outros estúdios.

Depois, haverá uma introdução aos filósofos, sociólogos, psicólogos e pensadores que contribuíram para os debates de gênero e sexualidade. Esse subcapítulo terá a finalidade de mostrar as transformações que ambos os conceitos tiveram ao longo do tempo. Isso porque as mudanças sociais relacionadas a eles são fruto do pensamento de cada sociedade em uma época específica e, por isso, influenciam o que será divulgado por produtoras como a Disney.

Para que essa questão possa ser debatida e refletida, partimos do abandono da perspectiva biológica, do determinismo social em direção à uma abordagem ética, interseccional e de relações de poder. Nesse sentido, faremos uso das contribuições de autores como Judith Butler (2012), que põe em questão o gênero e a sexualidade enquanto performance e construção social; como Nancy Fraser (2006), que destaca o papel da desigualdade social e da luta de classes na construção das identidades; e também Michel Foucault (1988), sobretudo sua construção histórica da sexualidade. Além de outros que fornecem estudos complementares para o entendimento do que seria gênero, sexualidade e as articulações. Entre eles, Axel Honneth (2009) abordando a luta em busca do reconhecimento, Simone de Beauvoir (1967), a pioneira na argumentação do gênero como construção social, bem como Sigmund Freud (1996) e sua discussão sobre falocentrismo.

Após esses enfoques iniciais, será introduzida a perspectiva cultural nas relações humanas e midiáticas. Elas serão embasadas sobretudo nos estudos de Theodor Adorno e Max Horkheimer (2002), que exploraram a existência de modelos identificatórios criados e divulgados pela mídia com o objetivo dar às pessoas padrões e enquadramentos em que elas possam se inserir para fazer parte de um grupo social, massificando opiniões e exterminando individualidades.

Ademais, também serão expostas as perspectivas sociais de Zygmunt Bauman (2001), que trata a volatilidade dos acontecimentos, e Stuart Hall (1992), com as discussões sobre representação e identidade. Diante dessas reflexões, serão contrapostas posições acerca das representações de grupos minoritários nos filmes de animação da Disney.

Por fim, para encerrar o capítulo, serão explicadas as teorias relacionadas à gestão de marca e a questão do marketing de causa, a partir da contribuição de Frederico Tavares (2003) e do clássico Philip Kotler (2017), respectivamente. O primeiro aborda a importância de

aspectos como estratégia e identidade para a construção de uma marca de sucesso, permitindo entender o que uma empresa pretende abordar com sua suposta mudança de posicionamento. Enquanto isso, a segunda vai orientar como o comportamento do consumidor moderno mudou em relação à períodos passados e argumentar que as empresas vão precisar realizar mais esforços para entender suas necessidades e alcançá-los. Dessa forma, entender as causas que o público valoriza e adotá-las como parte da estratégia da empresa é uma grande oportunidade quando realizada da maneira correta.

Também serão comentados os conceitos de *queerbaiting* e os estereótipos que confirmam a visibilidade dos grupos minoritários analisados neste trabalho, importantes para avaliar se um conteúdo está realizando uma representatividade positiva e construtiva. Assim, será possível entender que mesmo quando os procedimentos de Kotler (2017) são bem sucedidos, a empresa ainda pode apenas simular defender uma causa quando na verdade não compactua ou tem entendimento o suficiente sobre ela. Para maior compreensão do tema, serão feitos paralelos com os estudos de Nancy Fraser (2018), sobre o neoliberalismo progressista, que fala sobre como o mesmo fenômeno ocorre no meio político americano para conseguir votos de grupos minoritários liberais sem desagradar os conservadores, e Maryann Erigha (2020), que estuda o preconceito existente em Hollywood e o atraso existente na tentativa de contar histórias diversas.

Aliado a isso, serão exibidas explicações de Joseph Brennan (2019) e Carine Prevedello (2019) sobre o tópico. O autor, bem como Adorno e Horkheimer (2002), aborda a tensão e a frustração existente no público ao prometer um conteúdo diverso e não oferecer o que foi divulgado, enquanto Prevedello esclarece como a inclusão poderia ser uma vantagem competitiva econômica e política para as empresas que assumissem esse nicho de mercado.

Essa discussão é fundamental para entender porque empresas como a Disney não oferecem uma representatividade positiva o suficiente para o público que a acompanha e a ligação que isso tem com a estrutura corporativa da instituição. Então, serão expostas outras companhias que apresentam comportamentos parecidos e como isso pode ser observado do ponto de vista dos consumidores. Uma delas é a Mattel, companhia responsável pela idealização e reprodução dos conteúdos relacionados à boneca Barbie, que assim como a Disney, também é muito vinculada ao público mais jovem.

Em seguida, serão explicadas como estereótipos como o machismo e as conquistas obtidas na luta por emancipação feminina são traduzidas nas produções audiovisuais da produtora. Depois será abordado o conceito de imagem de controle cunhado pela Patrícia Hill Collins (1993) em "Mammies, Matriarchs, and Other Controlling Images" que terá como

objetivo demonstrar os papéis destinados a diferentes indivíduos dependendo das suas características. Então, serão explicadas as formas de amor existentes e como cada uma delas é retratada nos filmes da Disney, para que seja possível entender melhor toda a caracterização que a companhia oferece aos seus telespectadores.

Apesar de alguns esforços da empresa em incluir personagens LGBTQIA+ em seus filmes e séries, ainda estamos muito distantes de uma representação verdadeiramente inclusiva. Para embasar esse argumento, o trabalho utiliza uma base de dados que inclui pesquisas realizadas por outros autores sobre determinadas passagens da Disney. Entre elas, a presença de papéis de gênero bem definidos conforme o padrão socialmente aceito e relacionamentos heteronormativos, como é o caso de Vicente Monleon Oliva (2021) no estudo dos clássicos de animação Disney. O mesmo ocorrerá com o tema observado por João Paulo Baliscai (2020), que acompanhou e analisou os vilões de masculinidade “suspeita”. Jessica Lynn King (2020) e Adam Key (2015) fazem uma revisão por todos os clássicos da Disney para entender, respectivamente, a postura da produtora em relação à comunidade LGBTQIA+, em cada uma de suas fases, e o uso de estereótipos para construir seus personagens. Por fim, o questionamento da sexualidade de alguns protagonistas sem par romântico também será levado em consideração, incluindo comentários na internet feitos por críticos e entusiastas da produtora.

Para encerrar, a metodologia utilizada para embasar o trabalho será a netnografia (KOZINETS, 2014). Na abordagem, são usados depoimentos, referências digitais e decupagem de cenas escolhidas como recorte temático dos filmes. A partir delas haverá uma explicação que será utilizada para reforçar as teorias levantadas sobre a linha do tempo que a Disney projetou com a representatividade LGBTQIA+ e a sua finalidade em aplicar esses temas em suas produções. Com isso, poderá ser entendido um dos espaços em que os fãs demonstram suas opiniões (JENKINS, 2008) e a cibercultura (LÉVY, 1998) presente nesse processo para que ele possa ser considerado impactante o suficiente para gerar mudanças no comportamento da companhia.

No *corpus* de análise, estão filmes como *Cinderella* (1950) e *A Bela Adormecida* (1959), representando toda a era clássica da Disney, em que uma das suas possibilidades de final feliz envolvia o casamento entre um homem e uma mulher. Apesar dessa seleção mais enxuta, outros filmes como *Branca de Neve e os Sete Anões* (1937) também se encaixam nesse padrão. Entretanto, ele será utilizado como exemplificação para a construção da cronologia que explica detalhes técnicos sobre as produções cinematográficas da produtora.

Na sequência, serão exemplificados os vilões de masculinidade suspeita. Eles fazem

parte de uma sequência de filmes que foram lançados antes dos anos 2000. Neles serão abordados os filmes *A Bela e a Fera* (1991) e *Pocahontas* (1995). Assim como no período anterior, aqui também se encaixam outras obras como *O Rei Leão* (1994), *Aladdin* (1992) e *A Pequena Sereia* (1989). Esses três serão apresentados para ajudar na construção simbólica de mensagens e significados que trazem uma diversidade inicial apenas em antagonistas, o que gera uma vilanização dos indivíduos não heteronormativos e propaga um estereótipo danoso à comunidade *queer*.

Nesse sentido, a Disney desperdiçou uma série de oportunidades em que eles poderiam ter colocado pares românticos que não fossem heterossexuais. Entre eles estão: *Hércules* (1997), *Mulan* (1998), *Lilo & Stitch* (2002), *Valente* (2012) e *Frozen* (2013). Todos eles variam desde oportunidades com embasamento histórico à possibilidades encontradas na forma como o enredo foi conduzido. Além desses, existem diversos outros filmes que poderiam ser paralelos das vivências da comunidade LGBTQIA+. Entre eles estão produções mais antigas como *Peter Pan* (1953) e outras mais recentes, como é o caso de *Luca* (2021), que terão suas metáforas explicadas ao longo do trabalho seja por meio de pesquisas de outros estudiosos ou de suposições e identificações feitas por fãs em redes sociais como o Twitter.

A parcela de personagens secundários e figurantes que agora inclui elementos de ambiguidade em relação ao seu pertencimento à comunidade LGBTQIA+ também será exposta, ainda que brevemente, assim como aqueles que já tiveram sua identidade de gênero ou orientação sexual confirmadas. A lista de filmes que fazem parte dessa categoria é extensa e ela possui *Procurando Dory* (2016), *Zootopia* (2016), *Toy Story 4* (2019), *Dois Irmãos: Uma Jornada Fantástica* (2020) e *Lightyear* (2022) no catálogo.

Por fim, para dar início à prometida agenda de diversidade da companhia, existem as histórias de *Segredos Mágicos* (2020) e *Mundo Estranho* (2022), que possuem protagonistas gays com bastante tempo de tela. O primeiro é um curta-metragem da Spark Shorts extremamente estereotipado e que só pode ser encontrado na Disney+. Enquanto isso, o segundo é um longa com protagonista homossexual que estreou nos cinemas de apenas alguns países e teve baixa divulgação em outros devido aos assuntos abordados na trama.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

2.1 Evolução da animação: do primeiro desenho animado ao império Disney

A animação foi criada em 1877 por Emile Reynaud, seu funcionamento era similar ao de um projetor. O aparelho utilizado para permitir o preparo de um desenho animado foi denominado de praxinoscópio. Ele é um equipamento que funciona como um tambor circular com várias imagens ao redor do interior dele. Ao ser girado, essas figuras internas geram um efeito de movimento nos espelhos dispostos no seu centro (COTTE, 2015).

Figura 1 - Praxinoscópio



Fig. 2. — Le Praxinoscope.

Fonte: Wikipedia contributors. **Praxinoscope**. Wikipedia, a enciclopédia livre, 21 de Dezembro de 2021. Disponível em: <<https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Praxinoscope&oldid=1061322239>>. Acesso em: 29 de out. de 2022.

Alguns anos mais tarde, os irmãos Lumière foram reconhecidos como inventores do cinema pela criação do cinematógrafo (RITTAUD-HUTINET, 1995)¹. Esse acontecimento ocorreu em 1895 e, graças a ele, surgiu uma nova classificação para filmes de animação: o *trickfilm*, desenhos sem história complexa que tem o objetivo de divertir e distrair. Depois disso, o cinema cresceu e ganhou não só efeitos sonoros como também jogos de iluminação

¹ Auguste e Louis Lumière não foram os únicos a criar máquinas de projeção cinematográfica. Thomas Edison, Charles Frances Jenkins e Thomas Armat são responsáveis pela invenção de outros aparelhos similares como o cinetoscópio, o phantoscope e o vitascope, por exemplo. O motivo dos dois familiares terem obtido maior sucesso e reconhecimento em sua empreitada está relacionado ao fato de ambos terem sido empresários do ramo e possuírem muitos contatos na Europa, o que trouxe uma vantagem significativa na divulgação e aceitação de sua invenção.

que contribuíram para a idealização das histórias animadas que existem atualmente. No início, todas as animações eram feitas *frame por frame*, ou seja, eram desenhadas ou capturadas em cada movimentação para trazer continuidade às imagens apresentadas.

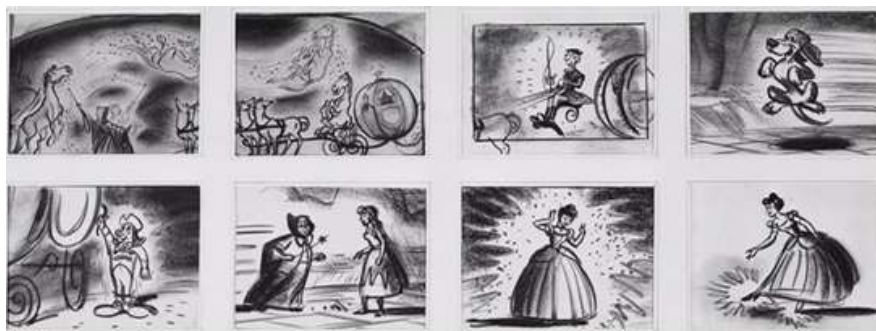
Logo após surgiram técnicas como a rotoscopia. Essa foi inventada por Max Fleischer em 1915. Nela, uma cena é registrada e depois suas imagens são separadas em telas para que o animador possa desenhar em cima e criar sua obra. Esse foi o predecessor da animação 2D, pois tornou-se possível pintar todos os quadros de uma única vez com o mesmo rascunho e ainda preparar apenas cenas-chave, deixando os intervalos entre elas se completarem sozinhos. Para facilitar o processo, era utilizado o acetato de celulose, um material transparente e flexível que permite o desenho de várias cenas a partir do intervalo dos momentos em sequência. Mais tarde, por volta de 1980, começaram a surgir os desenhos animados 3D. Estes são, hoje, a forma de animação mais utilizada no mundo por sua praticidade e rapidez de produção. Nela, é feita uma modelagem digital das cenas para compor uma pré-visualização. Essa é aprimorada com texturas mais sofisticadas, iluminação adequada e vozes para dublar os personagens.

A *The Walt Disney Company* é uma produtora de cinema americana que foi fundada em 1923 e é responsável por criar e distribuir filmes. Ela pertence a um grupo de entretenimento composto pela *Walt Disney Pictures*, *Disney Animation*, *Pixar*, *Marvel Studios*, *Lucasfilm* e *20th Century Studios*, entre outros. A empresa já produziu filmes em todos os estilos de animação supracitados. *Cinderella* (1950) e *O Rei Leão* (1994) são obras de animação tradicional, com o desenho feito quadro por quadro. *Branca de Neve e os Sete Anões* (1937) foi feito a partir da técnica de rotoscopia. Enquanto isso, *A Bela Adormecida* (1959) foi preparada em 2D e *Moana* (2016) em 3D (ESPREGA, 2018).

Além dessas, também existem outras técnicas muito usadas como o *Stop Motion*, em que são utilizados materiais como argila, massinha de modelar e papel, por exemplo, para dispor e movimentar os elementos de tela. Para a criação do vídeo, são realizadas diversas fotografias dos objetos se deslocando que são unidas e formam uma obra visual. Esse estilo de produção foi aplicado em filmes como *O Estranho Mundo de Jack* (1993) e *James e o Pêssego Gigante* (1996), por exemplo (BUHLMAN, 2021).

Aliado a isso, a Disney também é dona de *streaming*, parques temáticos, resorts, clubes, canais de televisão e produtos licenciados. Todos esses aspectos fazem da companhia um conglomerado milionário que a Forbes, uma reconhecida revista de negócios, classifica como uma das mais valiosas do mundo.

Figura 2 - Storyboard quadro por quadro de *Cinderella* (1950)



Fonte: FERNANDO, Luís. Curiosidades do Clássico Disney Cinderella. **Camundongo**, 29 de outubro de 2012. Disponível em: <https://www.ocamundongo.com.br/curiosidades-do-classico-disney-cinderela/>. Acesso em: 28 de out. de 2022.

Figura 3 - Modelo de movimento para a produção de *A Bela Adormecida* (1959)



Fonte: 'A Bela Adormecida' completa 60 anos; veja 10 fatos sobre o filme. **GLOBONEWS**, 06 de Fevereiro de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/noticia/2019/02/06/a-bela-adormecida-completa-60-anos-veja-10-fatos-sobre-o-filme.ghtml>. Acesso em: 28 de out. de 2022.

Figura 4 - Criação das feições de Maui, personagem do filme *Moana* (2016)



Fonte: MAXX, Rafael. Como foi feito Moana? (Making of) <Tá Começando>. **Youtube**, 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=w1J8dgzi_p4. Acesso em: 28 de out. de 2022.

Segundo o institucional da produtora norte-americana, sua missão é “Conduzir nossos negócios e criar produtos de maneira ética, além de fomentar a felicidade e bem-estar das crianças e famílias, inspirando-as a se juntarem a nós na construção de um futuro melhor.”. Dessa forma, ela assumiu o compromisso de produzir filmes para todas as idades, uma vez que as famílias incluem avós, tios, primos e parentes em diferentes momentos da vida. Diante disso, foi necessário um esforço para que suas longas e curtas metragens recebessem o devido reconhecimento sem a carga negativa que a animação obteve quando surgiu o conceito de *trickfilm*. Dessa forma, a Disney optou por realizar adaptações de obras clássicas da literatura infantojuvenil (WHITE, 2011). Entretanto, com modificações para que elas pudessem carregar uma mensagem compreensível tanto para adultos quanto para crianças, sem assustar ou aterrorizar como era feito com as obras originais de *A Pequena Sereia* (1989) e *Rapunzel de Enrolados* (2010), por exemplo.

Esse empenho causou bons resultados na bilheteria mundial e ajudaram a *Disney* a se consolidar como um grande estúdio. Segundo Fossatti (2009), a Disney inspira a animação ao redor do mundo e possui obras que funcionam como marcos temporais. Ele também diz que as técnicas empregadas trazem beleza e sensibilidade para várias gerações. No livro “*Disney Animation: The Illusion of Life*”, Ollie Johnston e Frank Thomas (1981) descrevem algumas dessas técnicas e ainda detalham os doze princípios básicos de animação² estabelecidos como fundamentais pelo Walt Disney que são até hoje replicados por outros estúdios.

Segundo a Rock Content, “O tamanho do mercado global de animação foi estimado em 372,44 bilhões de dólares e deve atingir mais de 587,1 bilhões até 2030”. Esse sucesso se deve à evolução tecnológica que permitiu que o processo de animar uma cena fosse mais rápido e mais barato do que era antes, encurtando o tempo de produção.

2.2 Repressão e diversidade: os estudos sobre gênero e sexualidade

Os debates teóricos em torno das questões de gênero partiram do questionamento do determinismo biológico, ou seja, da perspectiva que afirma que o órgão sexual define o gênero da pessoa em questão. Vale ressaltar que em outras culturas há exemplos de iconografia não binária ou heteronormativa. Em partes do sul da Ásia, imagens de pessoas

² Apêndice A - Os princípios de animação da Disney.

intersexuais e transexuais são valorizadas e tratadas como sagradas. Em 2014, a Suprema Corte da Índia reconheceu um terceiro gênero para que os *Hijras* pudessem se identificar (NAMBIAR, 2017). Na América do Norte, alguns povos nativos possuem a autodenominação *Two Souls*, que quer dizer dois espíritos (MILLÁN, 2018). Eles acreditam que algumas pessoas podem nascer com dois espíritos dentro de si, um feminino e outro masculino. Esse termo foi criado em 1990 e hoje já faz parte da comunidade LGBTQIA+³.

Figura 5 - Homossexualidade em obras de arte da Grécia Antiga



Fonte: FERNANDES, Rafael. Top 5 exemplos históricos de que a homossexualidade sempre existiu.

Jornal Ciência. Disponível em:

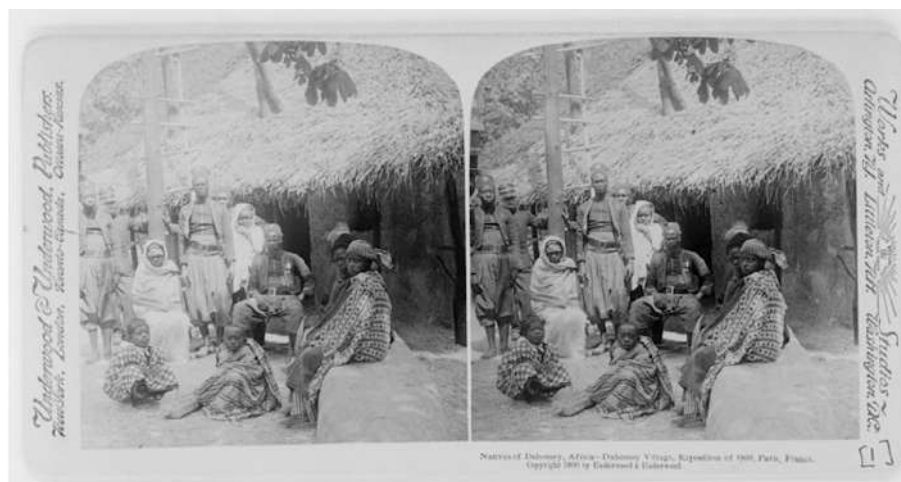
<https://www.jornalciencia.com/top-5-exemplos-historicos-de-que-a-homossexualidade-sempr-existiu/>
. Acesso em: 28 de out. de 2022.

Na Grécia Antiga, as relações sexuais entre homens eram chamadas de pederastia. Elas não eram valorizadas, porém também não eram vistas com preconceito, sendo consideradas toleráveis e normais. Esse fato era, inclusive, registrado em jarros, pinturas e quadros (FERNANDES, 2022). Segundo Foucault em “A História da Sexualidade”, o amor entre homens era algo permitido por lei e aceito pela opinião pública. Entretanto, com o

³ LGBTQIA+ é um acrônimo que tem como objetivo identificar parte da representatividade humana. Cada uma de suas letras corresponde a uma classificação, sendo a primeira para mulheres lésbicas e a segunda para homens gays. Ou seja, indivíduos que sentem atração pelo mesmo gênero. Enquanto isso, a terceira abarca os bissexuais, pessoas que sentem atração por ambos os gêneros. Depois vem o T, com indivíduos transexuais, transgêneros e travestis que são pessoas que não se identificam com o sexo biológico com que nasceram ou que se vestem de acordo com outro gênero. Em seguida há o Q de *queer*, que são para aqueles que não se encaixam no padrão de gênero ou orientação sexual estabelecido pela sociedade. O I de intersexo, termo usado para indivíduos que apresentam características ou sistemas além das opções binárias. Também tem o A de assexual, pessoas que não sentem atração sexual. Por fim, há o sinal de +, que indica outras identidades e sexualidades além das já mencionadas.

passar dos anos esse cenário mudou e apenas em dezembro de 2015 o casamento entre pessoas homossexuais foi legalizado no país (SÁNCHEZ-VALLEJO, 2015).

Figura 6 - Casamento entre mulheres na Nigéria



Fonte: FERNANDES, Rafael. Top 5 exemplos históricos de que a homossexualidade sempre existiu.

Jornal Ciência. Disponível em:

<https://www.jornalciencia.com/top-5-exemplos-historicos-de-que-a-homossexualidade-sempre-existiu/>
. Acesso em: 28 de out. de 2022.

De acordo com o jornalista Rafael Fernandes, do Jornal Ciência, em países como a Nigéria era permitido o casamento entre mulheres como maneira de manter uma determinada influência social e também garantir os bens da família. Entretanto, atualmente, esse mesmo ato é proibido por lei e pode até mesmo resultar em pena de morte em outros lugares do mesmo continente.

Dessa forma, é possível afirmar que diferentes culturas alteram muito a maneira como gênero e sexualidade são vistos pela sociedade. Entretanto, existem padrões que podem ser identificados na maioria das vezes. O primeiro foi a supracitada perspectiva biológica que definia tarefas para mulheres e outras para homens segundo seus sexos. Essa foi aplicada como uma justificativa para que instituições como a Igreja Católica pudessem utilizar a reprodução como regra de moralidade para reprimir a transexualidade, a não binariedade e a atração sexual por pessoas do mesmo gênero (CORBIN, 1987).

Esse conceito, apesar de ter sido muito divulgado e referenciado, é considerado controverso por diversos estudiosos uma vez que ele ignora toda a influência do ambiente, da cultura e dos fatores sociais que moldam o comportamento humano. Diante disso, instituições como a igreja substituíram essa explicação pela de que não seria ético possuir determinada postura. Contudo, a ética é uma opinião comum do que a sociedade considera como moral,

podendo ser mutável de acordo com o tempo e as pessoas. Segundo o livro “A Metáfora da Vida”, “A moral, enquanto prática, precede a ética como reflexão. A ética não começa a partir do zero; ela pressupõe uma moral que é sua matriz” (RICOEUR, 1975, p.250).

A religião teve um grande peso para evitar a mudança de cenário em relação ao respeito e a tolerância de casais não heteronormativos. Porém, a liberdade de amar sempre foi discutida e vivenciada independentemente do que era considerado ético pela sociedade. Ademais, também existiu um forte discurso médico sobre sexualidade que classificava relações não heteronormativas como um comportamento anormal (ANTUNES, 2021).

Esse mesmo discurso cunhou termos como homossexualismo, lesbianismo e transexualismo, por exemplo. Esse “ismo” é pejorativo e carrega a conotação de doença do mesmo jeito que reumatismo e astigmatismo (RODRIGUES, 2020). Além disso, o sufixo traz a ideia de algo passageiro ou curável, em vez de orientação que existe sem que precise de qualquer intervenção. Sérgio Rodrigues, em uma matéria para a revista Veja, defende a ideia de que “O combate pode envolver diversos tipos de argumento – linguísticos, históricos, etimológicos, científicos – mas eles não passam de armas. O que está em jogo para valer é uma questão política.” ao comentar sobre a diferença na escolha dos termos.

A visão de que a não ser heterossexual poderia ser associado a doenças mentais foi reforçada pelo sexólogo Richard von Krafft-Ebing. Ele dizia que a atração sexual por alguém do mesmo gênero era uma forma de inversão congênita ou distúrbio degenerativo causada no nascimento ou ao longo da vida do indivíduo (KRAFFT-EBING, 1892). Sigmund Freud, o pai da psicanálise, apesar de conceber a bissexualidade como a base universal a partir da qual se desenvolve um adulto, também explica que a sexualidade surgiu de uma necessidade daqueles que não possuíam um pênis de se ligarem aqueles que o tem. Diante disso, se um homem é homossexual, seu desejo por pessoas do mesmo gênero é gerado por uma rejeição daqueles que não apresentam falo. Isso é causado pelo que ele chama de Complexo de Castração. Enquanto isso, as mulheres que possuem o mesmo tipo de comportamento o desenvolvem por inveja da mãe, “há uma presença mais significativa do ciúme na construção psíquica das meninas” (FREUD, 1925, p. 283). Diante disso, as mesmas passam a agir de maneira mais masculina como uma forma de demonstrar ao pai como uma mulher deve ser cortejada a partir do seu próprio exemplo.

Em oposição a esses pensamentos, Joan Wallach Scott (1988) argumenta que as sociedades não se organizam em torno do falo ou usam isso para distinguir o que seria um homem e uma mulher, muito menos normatizam os tipos de relações que deveriam existir. Para Scott, as populações se estruturam a partir de relações de poder, independente de quem o

possui.

Na sua maioria, as tentativas dos/as historiadores/as para teorizar o gênero permaneceram presas aos quadros de referência tradicionais das ciências sociais, utilizando formulações há muito estabelecidas e baseadas em explicações causais universais. Estas teorias tiveram, no melhor dos casos, um caráter limitado, porque elas têm tendência a incluir generalizações redutivas ou demasiadamente simples, que se opõem não apenas à compreensão que a história como disciplina tem sobre a complexidade do processo de causação social, mas também aos compromissos feministas com análises que levem à mudança. Um exame crítico dessas teorias exporá seus limites e permitirá propor uma abordagem alternativa. (SCOTT, 1988, p. 74)

Reflexões desse tipo ganharam uma categorização por volta de 1990. Esses estudos e questionamentos passaram a ser chamados de *Queer Theories* e se tornaram um campo interdisciplinar envolvendo sociologia, antropologia e psicologia. Ele questiona as ideias de gênero e sexualidade desafiando as noções do que seria normal ou anormal em relação aos fenômenos culturais, incluindo manifestações e representações em filmes, livros, música e política.

Uma contribuição muito relevante desses estudos é a de Judith Butler. Ela também desassocia o gênero do sexo biológico, justificando o primeiro como fruto das relações de poder. Para a autora de “Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade”, “A crítica genealógica recusa-se a buscar as origens do gênero” (BUTLER, 2012, p. 9). Seu objetivo era questionar a forma como as subjetividades são criadas para, assim, desconstruí-las. Foucault (1988) pensava de forma muito parecida e defendia que as construções de identidade deviam-se aos discursos internalizados ao longo da vida, ou seja, as pessoas seriam influenciadas por práticas das esferas sociais familiares, institucionais e da sociedade.

A ideia de que o gênero é uma construção social remonta a Simone de Beauvoir (1967) filósofa existencialista, precursora do feminismo. Ela foi a responsável por disseminar a explicação de que não é possível nascer com um gênero, apenas adquiri-lo devido às vivências e perspectivas sociais experimentadas. Segundo a autora, “Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino.” (BEAUVOIR, 1967, p.9). Isso quer dizer que não há nada específico em qualquer ser humano que o diferencie de outro, com exceção da genitália. Em seu livro, “O segundo sexo”, ela chega até mesmo a descrever como ambos buscam os mesmos prazeres e tem uma dor idêntica em várias situações da vida, principalmente antes da

puberdade uma vez que depois dessa fase a própria sociedade se encarrega de distinguir os gêneros.

Fica evidente, portanto, que surgiram linhas de pensamento que passaram a questionar a correlação entre sexo e gênero. Boa parte desses estudos levavam em consideração a existência de apenas dois gêneros: o feminino e o masculino. Contudo, a comunidade LGBTQIA+ também abarca pessoas não-binárias, indivíduos que não se enquadram nas duas opções dispostas. Judith Butler questiona essa matriz heteronormativa e também levanta a discussão de que “se alguém ‘é’ uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é” (BUTLER, 2012, p. 21). Nesse sentido, gênero pode ser interpretado apenas como uma performance em um contexto cultural que todos de uma sociedade precisam desempenhar. Entretanto, não deve ser visto como algo limitante já que existe muito mais em um ser humano do que apenas as definições pré concebidas sobre ele.

Outra filósofa importante para o estudo de *Queer Theories* foi Nancy Fraser. Ela publicou “Feminismo para os 99%” em que ela, Cinzia Arruzza e Titchi Bhattacharya trouxeram a defesa de um feminismo para a maioria que seria antiLGBTfóbico, além de anticapitalista, antirracista e inseparável da perspectiva ecológica. Em seu livro, as pensadoras passam a questionar para quem é dado empoderamento ao utilizar determinadas pautas e como isso gera impacto verdadeiro nas vivências de cada um. Como o feminismo é um movimento social que busca igualdade de gêneros, essa proposta uniria diversas discussões paralelas da sociedade e daria um caráter de interseccionalidade e pluralidade essencial para abarcar mais adeptos. Fraser acredita que não adianta observar apenas o gênero sem levar em consideração outros fatores como a classe em que a pessoa está inserida, sua raça, sua sexualidade, a região ou a época em que ela nasceu e vários outros aspectos relacionados a sua vivência.

Nancy Fraser (2006), em “Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era ‘pós-socialista’”, sugere que para cada tipo de opressão sofrida por esses grupos distintos existe um tipo de remédio. Essas soluções variam desde ações afirmativas a redistribuição de estruturas para combater injustiças sociais e até mesmo a correção de falsos reconhecimentos. Entretanto, sua perspectiva de pseudo representatividade foi criticada por Butler (2016), que acrescentou que a visão de Nancy qualifica como secundário o reconhecimento de minorias sexuais, algo que afetava a classe trabalhadora. Judith questiona: “Por que um movimento preocupado em criticar e transformar os modos pelos quais a sexualidade é socialmente regulada não deveria ser entendido como central ao funcionamento da economia política?” (BUTLER, 2016, p. 238).

Para além disso, Axel Honneth (2009) aborda em “Luta por reconhecimento - a gramática moral dos conflitos sociais” que a identidade das pessoas é reconhecida a partir de fatores como suas relações amorosas, sua prática institucional e a forma como cada um está inserido na sociedade, reforçando que na verdade ele é intersubjetivo e social. Dessa forma, ele discorda da ideia de Nancy de que a diversidade é reivindicada por meio das relações de produção e redistribuição. Ele aborda sobre a importância do autorrespeito e das diferentes formas de ter seu reconhecimento negado, sejam elas por meio da privação de valor social que alguém possa sofrer aos maus tratos corporais.

(...) saber empiricamente se o potencial cognitivo, inerente aos sentimentos da vergonha social e da vexação, se torna uma convicção política e moral depende, sobretudo, de como está constituído o entorno político e cultural dos sujeitos atingidos - somente quando o meio de articulação de um movimento social está disponível é que a experiência de desrespeito pode tornar-se uma fonte de motivação para ações de resistência política.
(HONNETH, 2009, p. 224)

Esses filósofos continuam o debate em outros trabalhos relacionados a psicanálise, marxismo e teorias sociais de acordo com as suas próprias vertentes. Entretanto, a conclusão principal a ser retirada das suas contribuições é que as discussões de gênero e sexualidade ainda não foram finalizadas. Pelo contrário, o motivo da discordância está no questionamento do que seria o regime econômico e social em que as pessoas estão inseridas hoje e como ele pode ser trabalhado para chegar a um ponto de respeito, visibilidade e harmonia. Além dessa vertente, existem muitas outras pouco exploradas que podem contribuir para compreender toda a complexidade do heterossexismo presente na sociedade.

2.3 Representatividade e estereótipos: o impacto da cultura na indústria cinematográfica

Uma questão extremamente relevante que deve ser levada em consideração ao abordar a representatividade LGBTQIA+ nos filmes é a cultura. Isso porque esse conceito transforma a maneira como as pessoas entendem as mensagens transmitidas. Ela é responsável por definir o que representa ou não o outro, além de contribuir para o processo identitário de cada um. Nesse sentido, a cultura é tudo aquilo que permeia a vivência de alguém, desde o que ela come ou fala até como ela mesma se define.

Os fluxos culturais, entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de "identidades partilhadas"- como "consumidores" para os mesmos bens, "clientes" para os mesmos serviços, "públicos" para as mesmas mensagens e imagens - entre pessoas que estão bastante distantes umas das outras no espaço e no tempo.
(HALL, 1992, p.74)

Dentro de uma mesma região podem coexistir diversas culturas que pregam diferentes maneiras de viver e exigem costumes e representações distintas. Como exemplo disso estão associações como a *One Million Moms*, ou um Milhão de Mães em português. Essa organização criou uma petição contra o filme *Toy Story 4* (2019) e, segundo o site Rolling Stone, sua diretora ainda disse que "A cena é sutil. Mas é óbvio que se a criança tem duas mães, elas estão juntas" e protestou dizendo que "Claro que algumas crianças podem não pegar essa referência, mas foi extremamente desnecessário" além de também falar que "A Disney devia divertir ao invés de empurrar uma agenda de discussões e expor as crianças a esses tópicos". Esse pânico moral não é unânime no país uma vez que se mistura com opiniões como a de que a rainha Elsa, de *Frozen* (2013), deveria ter uma namorada na sequência de seu filme (PRATINI, 2016).

A cultura, entretanto, também pode ser o entendimento daquilo que as pessoas desejam no dia a dia delas. Seja isso um item, um serviço ou um estilo de vida, todos estão sujeitos a serem massificados e transformados em produtos da indústria cultural. Ela é profundamente influenciada pelos modelos identificatórios descritos por Adorno e Horkheimer, que servem para limitar as opções de escolhas das pessoas. Eles são padrões que as pessoas podem internalizar e seguir para que se tornem pertencentes a um grupo social. Esses podem ser encontrados em narrativas divulgadas pelo rádio, pelos jornais, pela televisão e por outros meios de comunicação. Com eles, é possível entender as camadas de opressão expostas àqueles que se enquadram ou não dentro do que é cobijado. Para conseguir gerar lucro, a mídia divulga algo massificado que deve ser consumido por todos a fim de não ter inferioridade social e, com isso, cada um vai perdendo um pouco da sua identidade particular. Entretanto, é um equívoco afirmar que não foram produzidas obras críticas mesmo com a existência da massificação. Isso porque também é possível desafiar a lógica dominante usando os artifícios da própria indústria cultural para tornar um protesto mais amplamente divulgado. Diversos autores utilizaram desse relativismo envolvendo a temática, inclusive a própria Disney quando lançou *Mulan* (2020). Nesse filme, a produtora optou por mudar e retirar personagens populares para gerar maior autenticidade com o país e a história da guerreira chinesa. Isso gerou um alerta maior para a apropriação cultural de elementos de outras crenças, como é o caso do dragão Mushu, e da necessidade das personagens femininas terem um par romântico mesmo quando o enredo da história é sobre sacrifício pela família e pela nação, como foi com a ausência do general Shang no *live-action*. Dessa forma, a empresa usou da credibilidade e do sucesso do desenho animado para atrair o público aos cinemas e assistir uma obra com maior conexão com a China e a lenda de Mulan.

A impotência é sua própria base [da diversão]. É na verdade uma fuga, mas não, como afirma, uma fuga da realidade ruim, mas da última ideia de resistência que essa realidade ainda deixa subsistir. A liberação prometida pela diversão é a liberação do pensamento como negação. O descaramento da pergunta retórica: “Mas o que é que as pessoas querem?” Consiste em dirigir-se às pessoas como sujeitos pensantes, quando sua missão específica é desacostumá-las da subjetividade.

(ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 135)

Por vezes, as produções optam por adicionar personagens considerados diversos em relação às normas sociais vigentes, mas fazem isso por meio de estereótipos que não agregam valor às suas vivências. Esse acontecimento pode ser explicado pelas teorias de Theodor Adorno e Max Horkheimer (1985) uma vez que ambos contribuíram para o entendimento do que seria a indústria cultural. Esse conceito explica uma tendência de capitalização existente que faz com que as pessoas não tenham perspectiva crítica. Além disso, ela também faz com que os meios de comunicação sejam reproduções que estimulem o consumo. Dessa forma, só é divulgado no rádio, na televisão e no cinema aquilo que não for crítico ao ponto de desagradar muitas pessoas e, portanto, deixar de ser lucrativo. Com isso, a arte e a cultura se tornam alienadas e repetitivas, servindo apenas para propagar ideias já defendidas pelas imposições do capitalismo.

A Disney contribuiu para essa visão generalizada e massificada diversas vezes. Isso ocorreu primeiro ao abordar apenas casais heterossexuais em suas tramas e depois ao explorar os estereótipos destinados aos membros da comunidade LGBTQIA+. Essa pequena transformação é apenas um reflexo do que a sociedade atual representa, não uma bandeira que a companhia vai defender independente dos impactos que isso trará no seu levantamento financeiro. Entretanto, mesmo assim, diversas pessoas apreciam e ficam agradecidas pela mudança. Essa satisfação só existe por conta da volatilidade e rapidez com que o público se esquece dos acontecimentos do passado no primeiro pequeno sinal de estímulo presente, o que é um conceito também chamado de Modernidade Líquida. Zygmunt Bauman (2001) explica que as relações estão cada vez menos fixas e solidificadas. Nesse sentido, as opiniões mudam muito rápido, como o líquido, sendo feitas e desfeitas com facilidade. Esse comportamento também pode ser compreendido pelo conceito de VUCA, que é um acrônimo em inglês para volatilidade, incerteza, complexidade e ambiguidade. Esse termo é utilizado para caracterizar um mundo de constantes mudanças e rápida difusão de acontecimentos. Além de contar com uma grande incerteza relacionada aos fatores políticos e econômicos, a possibilidade de diferentes interpretações de um mesmo evento e a falta de clareza de informações.

Segundo o sociólogo e teórico cultural Stuart Hall (1992), ocorreu uma mudança

estrutural no fim do século XX que está dividindo as perspectivas culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Para ele, isso causou uma transformação em como as pessoas entendem e veem as identidades, modificando a ideia de que todos são sujeitos integrados. Isso provoca, por consequência, uma dependência entre a identidade do indivíduo e a cultura em que ele está inserido.

Para reforçar esse argumento, o documentário da BBC “O século do ego” explica como as empresas induzem e influenciam as pessoas para que elas desejem cada vez mais produtos e serviços, tornando-se consumidoras da marca. O psicólogo Bill Schlackman⁴ comenta que “Você tem que saber quais são estas necessidades para explorar completamente o consumidor”. Sua frase fazia contexto com uma explicação dada anteriormente sobre como as donas de casa não compravam massas prontas de bolo porque se sentiam culpadas por não preparar a sobremesa, porém que mudaram de ideia após a fórmula ser modificada para que elas adicionassem um ovo à receita. O ingrediente não era necessário, mas a sua existência quebrou a barreira da culpa dando maior participação na produção do item. Isso fez com que ele pudesse ser vendido e gerasse lucro, o que é estudado e repetido em várias companhias com o objetivo de manipular o seu público a comprar.

Segundo o site Global Issues, a Disney é uma das seis companhias que dominam o mercado americano. Junto dela estão empresas como General Eletric, News Corp, Viacom, Time Warner e CBS, que juntas formam 90% das opções de mídia disponíveis. Isso prova que, por mais que o telespectador busque por outras opções ele acaba ficando preso às mesmas produções pertencentes a esses conglomerados. Ademais, o ponto de vista explorado dentro delas também é um grande fator limitante para qualquer possibilidade de diversidade. Laura Mulvey (2019) em seu trabalho "*Afterimages: On cinema, women and changing times*" relata como os filmes de Hollywood geraram, durante muito tempo, metragens que só refletiam o olhar masculino. Para provar seu argumento, ela explica as facetas expostas por Marilyn Monroe em seus filmes e destrincha papéis que diretores como Alfred Hitchcock e Max Ophüls davam às suas protagonistas do gênero feminino. A forma como cada personagem é retratada é importante e transmite ao telespectador a ilusão de que a vida real deve ser como o que é visto nos filmes.

Uma das mais recentes modificações sociais que impactou a forma como as culturas entendem a comunidade LGBTQIA+ é o processo de revisão da DSM-5, ou seja, a quinta versão do Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Nela, foi debatida a permanência das identidades trans na classificação de transtorno de identidade de gênero.

⁴ No trecho de 01'21'38 a 01'21'41 do filme.

Anteriormente, a sexualidade de um indivíduo que não se relacionasse de maneira heterossexual também se encaixava nessa categoria. Isso foi relatado por Berenice Bento (2006) em “Transviadas: gênero, sexualidade e corporeidade em processos de subjetivação de travestis brasileiras”, que relata como o tratamento dessas pessoas como indivíduos com distúrbios é prejudicial e até mesmo dificulta o acesso à saúde uma vez que planos de saúde não cobrem as demandas dessa população, como as cirurgias de redesignação de gênero e a aquisição de remédios ou injeções contendo hormônios.

Um dos motivos para que esse tipo de tópico ainda esteja em questionamento é a falta de representatividade que a comunidade sofre nos ramos político e midiático (RUBIM, 2004). O primeiro porque daria visibilidade e lugar de fala para que os indivíduos pertencentes à comunidade pudessem se defender e gerar discussões relevantes para sua causa. Enquanto isso, o segundo, contribuiria para uma maior divulgação de informações sobre os mesmos, além da normatização dos indivíduos que não se classificam como cisgêneros. No livro “Comunicação e política: conceitos e abordagens” é explicada a importante relação entre os ramos supracitados. Isso porque são eles que iniciam e propagam as ideologias capazes de interferir e transformar a cultura vigente.

O conceito de Cenário de Representação (CR) surge da necessidade de compreender as representações da realidade na mídia (media representations), em suas diferentes dimensões – política, raças, gêneros, gerações, nações, religiões – assim como compreender a crescente importância que a própria mídia adquire na sociedade contemporânea. (RUBIM, 2004, p.10)

2.4 Gestão de marca e inserção de temas: diversidade e *queerbaiting*

Outro tópico que a Disney precisou trabalhar para demonstrar uma mudança de postura em relação à representatividade foi modificar a forma como ela comunica a diversidade. Para isso, foi necessário revisar alguns fundamentos da marca e entender a mensagem que a sua estratégia empresarial deveria passar a partir daquele momento.

Frederico Tavares é um professor da UFRJ que escreveu o livro “Gestão da marca: Estratégia e marketing”. Nele, é abordado como uma construção de imagem bem feita pode causar uma impressão positiva e até mesmo a fidelização de clientes para uma empresa. Dessa maneira, é explicado como uma identidade forte e coesa ajuda a transmitir para o público-alvo a mensagem que a companhia deseja compartilhar (TAVARES, 2003).

A marca vale mais do que o produto e até mais do que a própria empresa. O marketing vive definitivamente a era das marcas. Ter uma marca diferenciada (singular e/ou exclusiva) e ser capaz de fixá-la na mente do consumidor é o grande desafio estratégico e tático perseguido pelas organizações.

(TAVARES, 2003, p. 15)

Apesar do autor não estar fazendo referência a Disney, sua explicação sobre a gestão de marca permitiu compreender como a companhia inseriu o assunto aos poucos de forma que chamasse a atenção daqueles que almejavam por um maior espaço de identificação com a própria realidade nas telas. Isso porque Frederico explica que o posicionamento no mercado gera impacto na mente do consumidor atual, o qual já espera que as marcas façam parte da sociedade.

Diante disso, é possível afirmar que a Disney tentou trabalhar um Marketing de Causa. Ou seja, procurou promover sua marca e gerar identificação com um público que está relacionado a uma causa social. No caso, uma das escolhidas foi a LGBTQIA+, porém também são perceptíveis tentativas relacionadas à pauta racial e de gênero, entre outras. Segundo grandes pesquisadores do Marketing, “Foi-se o tempo em que a meta era ser exclusivo. A inclusão tornou-se a nova tendência.” (KOTLER, KARTAJAYA, SETIAWAN, 2017, P.19).

Entretanto, vale ressaltar que essas modificações feitas pela companhia não foram pensadas de acordo com a missão, a visão e os valores da marca como Tavares sugere. Pelo contrário, elas foram realizadas cautelosamente para não desagradar o público conservador ao ponto de fazê-los deixarem de assistir os filmes ou proibirem seus filhos de acompanharem as produções. Nesse sentido, a marca ainda não pode considerar suas ações autênticas ou transparentes, ficando sujeitas a acusação de tática de marketing enganosa.

Ao sugerir a presença de personagens LGBTQIA+, mas não confirmar sua diversidade de forma clara, deixando sua sexualidade ambígua ou não aprofundando a representação para evitar conflitos com outros públicos, os criadores de mídia podem estar utilizando uma estratégia de *queerbaiting*. Essa expressão tem o objetivo de explicar o processo de atrair pessoas por um possível conteúdo *queer* para gerar engajamento e audiência, mas não entregar o prometido. Joseph Brennan é o escritor de "*Queerbaiting and Fandom: Teasing Fans through Homoerotic Possibilities*". Em seu livro, ele explica que "*Queerbaiting* não é apenas problemático por causa do que ele não faz, mas também por causa do que ele faz: ele cria um ambiente em que a presença de personagens *queer* é limitada a uma imaginação *queer*" (BRENNAN, 2019, p. 88). Ele também aprofunda seus argumentos dizendo que "A ideia de que tudo é subtexto é a maneira mais fácil de se esquivar da responsabilidade quando se trata de representação *queer*. Quando tudo é subtexto, nada precisa ser explicado, nada precisa ser mostrado" (BRENNAN, 2019, p. 78).

Sobre essa expectativa do telespectador, muitas empresas aproveitaram a demanda

para se apropriar das pautas através do capitalismo, utilizando a representatividade como forma de conseguir maior audiência. Antes, assuntos marginalizados ou pouco aceitos eram rejeitados ou ignorados. Porém, com a comercialização deles, companhias que buscam se aproveitar da influência econômica da comunidade LGBTQIA+ começam a ser associadas com o *Pink Money*. Essa é uma expressão em inglês que surgiu para explicar o potencial de consumo associado aos produtos ou serviços relacionados à comunidade. Entretanto, o termo em si não carrega uma conotação positiva ou negativa, cabendo ao público ao qual ela foi destinada decidir se esse capital está sendo utilizado para trazer visibilidade ou perpetuar superficialidade.

Devido a formação de grupos e comunidades que se unem para debater esses assuntos, eles viraram algo que pode ser convertido em lucro por companhias ou abordado por políticos que almejam se eleger. Em “Do neoliberalismo progressista a Trump - e além” da Nancy Fraser (2018), é possível entender que a representação abordada nem ao menos precisa existir de fato, ela pode ser simplesmente sugerida para já comover as massas e gerar um retorno imediato desejado para os meios capitalistas. Para entender melhor como esse panorama complexo funciona, Fraser explica:

Antes de Trump, o bloco hegemônico que dominava a política americana era o neoliberalismo progressista. Isso pode soar como um oxímoro, mas foi uma aliança real e poderosa de dois companheiros improváveis: por um lado, as principais correntes liberais dos novos movimentos sociais (feminismo, antirracismo, multiculturalismo, ambientalismo e direitos LGBTQ); por outro lado, os setores mais dinâmicos, de alto nível “simbólico” e financeiro da economia dos EUA (Wall Street, Vale do Silício e Hollywood). O que manteve esse casal estranho junto foi uma combinação diferenciada de pontos de vista sobre distribuição e reconhecimento. (FRASER, 2018, p.46)

No livro “*The Hollywood Jim Crow: The Racial Politics of the Movie Industry*”, Maryann Erigha aborda como um grupo minoritário é historicamente criado e todas as hierarquias sociais as quais ele precisa passar. Ela faz uma análise desde que o cinema começou a existir como indústria até a nomeação de atores e enredos para o Oscar. O objetivo do seu trabalho foi abordar a escassa diversidade de histórias retratadas na mídia e como essa representação tem mudado ao longo do tempo, desde caricaturas e estereótipos até personagens mais realistas e complexos.

Embora o texto de Maryann trate especificamente da representação racial, muitos dos questionamentos levantados por ela também devem ser considerados quando se aborda a diversidade de pessoas não heteronormativas retratadas nas telas do cinema e da televisão. Segundo Carine Prevedello (2019), a inclusão desses grupos historicamente marginalizados

poderia gerar oportunidades de negócios e crescimento econômico. Ela defende em seu livro "Economia Política da Diversidade" que um fortalecimento da representatividade poderia causar uma maior estabilidade política e econômica, além de gerar avanço social. Entretanto, essa ainda não é a realidade promovida pelos filmes da Disney, o que será explicado com mais detalhes nos próximos capítulos.

3 DISNEY E SUA RELAÇÃO COM A DIVERSIDADE

3.1 Capitalismo e manipulação: o consumo influenciado pela mídia

No livro “Dicionário teórico e crítico de cinema”, Jacques Aumont e Michel Marie (2003) abordam como o cinema é estruturado a partir de seus textos, contextos e semiologias. A animação é uma categoria pertencente ao audiovisual que é constantemente utilizada para explorar aspectos que não são possíveis em uma filmagem, tanto por suas limitações técnicas quanto pelos conceitos ideológicos expostos. Apesar dessa maior liberdade, os autores alegam que existe um estigma relacionado aos desenhos animados: eles são direcionados para uma audiência mais jovem.

O filme de animação foi com frequência considerado pelos teóricos, por um lado, uma espécie de laboratório figurativo, levando ao máximo as possibilidades da imagem em movimento; por outro lado, um revelador ideológico do cinema em geral (uma vez que em particular o gênero “desenho animado” é reputado destinar-se às crianças). (AUMONT; MARIE, 2006, p.19)

A Disney iniciou sua trajetória cinematográfica voltada para o público infantil (PALLANT, 2011). Hoje em dia, os filmes, parques e produtos licenciados da marca são direcionados para pessoas que acreditam na magia e se comovem com histórias sobre questões reais que ocorrem, em suas devidas proporções, com todos os indivíduos ao redor do mundo.

Em “Challenging Disney Myths”, Janet Wasko (2013) argumenta que o motivo porque as pessoas continuam associando a produtora com telespectadores mais novos é devido aos seus produtos, como os *resorts* temáticos de Orlando e Paris. Porém, relembra que existem canais de futebol e notícias vinculados ao nome da marca como as redes ESPN e ABC, o que faz dela um grande conglomerado de mídia. Wasko considera a Disney um empreendimento capitalista e ressalta trechos publicados tanto no site da empresa quanto enunciados por seu ex-CEO, Michael Eisner, em que é exposto o verdadeiro propósito da companhia: gerar lucro para seus acionistas. Ele diz “Success tends to make you forget what made you successful... We have no obligation to make art. We have no obligation to make a statement. To make money is our only objective.”, que em uma tradução literal significa “O sucesso costuma fazer você esquecer o que te fez um sucesso... Nós não temos obrigação de fazer arte. Não temos obrigação de fazer declarações. Nosso único objetivo é fazer dinheiro”.

O filme *A Corporação* (2003), assim como Janet Wasko, caracteriza a Disney como um sistema em que todas as ações da empresa são pensadas meticulosamente para gerar

capital. O documentário faz uma análise das corporações levando em consideração seus empreendimentos, operações e comunicações para compará-las com seres humanos. A partir dessa caracterização e de estudos nos moldes tradicionais da psicologia, os idealizadores da produção concluíram que se uma firma fosse um indivíduo seria psicopata. Isso se deve ao fato de que ela trabalha a manipulação muito bem e não tem problemas em ignorar os sentimentos alheios caso isso ofereça lucro aos seus acionistas. Diante disso, ao considerar as transformações que a Disney passou ao longo dos anos em relação a representatividade LGBTQIA+, é importante lembrar que, como uma corporação, ela só realiza mudanças que visem um aumento no seu rendimento.

Lucy Hughes⁵, a vice-presidente e co-criadora do *The Nag Factor*, diz que “É possível manipular os consumidores para que queiram algo e comprem seus produtos. É um jogo.”. Minutos mais tarde, Richard Grossman⁶, co-fundador do programa em corporações de lei e democracia, fala que “São décadas e décadas de propaganda e educação para nos fazer pensar de um determinado modo. Quando aplicado à corporação, é que ela é inevitável, indispensável, muito eficiente e responsável pelo progresso e qualidade de vida.”.

Pensando na audiência infantojuvenil, é importante ressaltar que tudo aquilo que é ensinado desde a juventude exibe uma chance muito maior de influenciar o resto das vidas dos indivíduos que foram impactados. O entendimento e a aquisição de novos conhecimentos entram em determinados enquadramentos que funcionam como molduras de valor. Isso porque crianças têm uma alta capacidade de assimilação, um conceito que introduz a ideia de que conhecimentos novos serão aprendidos, processados e correlacionados de forma mais eficaz (EISENBERG; MUSSEN, 1977).

A teoria do cultivo de George Gerbner (1969) explica que a mídia é capaz de passar e influenciar as percepções de quem a assiste. A repetição e a grande exposição dos assuntos divulgados nos diferentes meios de comunicação produzem efeitos cognitivos de longo prazo, cultivando concepções de realidade desde a infância. Ele percebeu, então, que existia uma relação entre essas mensagens e as crenças que as pessoas passaram a ter conforme amadureciam.

O objetivo da pesquisa era compreender como a violência televisionada influenciava no comportamento dos telespectadores. Entretanto, também levanta o questionamento dos efeitos que a enorme elucidação de relacionamentos heteronormativos na infância podem ter gerado nas crianças que cresceram assistindo os filmes repletos de casais formados por um

⁵ No trecho de 01'07'44 e 01'07'53 do filme.

⁶ No trecho de 01'14'36 a 01'14'55 do filme.

homem e uma mulher da Disney.

É importante ressaltar, entretanto, que a Disney não é a única companhia a utilizar dessa fórmula de sucesso. No livro “How Hollywood Works” de Janet Wasko (2003) ela descreve como a indústria cinematográfica americana é dominada por grandes estúdios que se comportam como as corporações descritas no filme supracitado. O controle das produções e distribuições é feito de maneira política para ajudar a influenciar a opinião pública sobre determinados assuntos. A autora explica que essa relação é uma troca de favores para conseguir maximizar os lucros das empresas. Um exemplo de como essa negociação acontece é o cigarro, pois a sua venda foi alavancada após a massiva divulgação de seu consumo em filmes norte-americanos. Isso é detalhado na revista médica *JAMA: The Journal of the American Medical Association*. Segundo o artigo de Anna B. Gilmore, Stanton A. Glantz e Kenneth E. Warner (1995), produções que promovessem o tabagismo recebiam um financiamento para retratar seu uso de forma positiva. Dessa forma, sua contextualização na trama funcionava como um patrocínio que economizava o dinheiro dos acionistas responsáveis pelo filme.

A Mattel é a maior fabricante de brinquedos do mundo. Assim como a Disney, grande parte do seu público é formado por crianças. Em 1959, ela introduziu a primeira boneca Barbie no mercado e focou em trazer diferentes roupas e acessórios para a personagem por conta da grande influência da moda na época em que ela foi lançada. Apesar dessa pegada fashionista não ter deixado de existir, houve uma mudança no enfoque da marca e ela começou a dar uma atenção maior às profissões que a boneca poderia exercer. Isso porque os anos passaram e as crianças que brincam com a Barbie adquiriram um perfil diferente, elas não queriam apenas crescer e se vestir bem, tinham o desejo de possuir uma carreira. Ao refletir essa necessidade interna do público, a Mattel estudou como executar alterações que pudessem ser bem aceitas e conseguiu se manter no mercado.

3.2 Projeção de conceitos: machismo e sua influência nas relações interpessoais

Ideologias são conceitos que moldam a maneira como as pessoas entendem o mundo. Segundo Louis Althusser (1970), elas podem ser produzidas e difundidas pelas instituições para manter a dominação de determinados grupos sociais. Elas são construídas a partir da família em que uma pessoa está inserida, da religião a qual ela faz parte e até mesmo o meio político que a rodeia. O machismo é uma ideologia que está presente em diversas civilizações. Ele promove a supremacia masculina levando em consideração o sexo biológico como regra para definir quem é o dominante e o dominado. Diante disso, uma vez que o homem tem sua

importância elevada em relação a mulher, outros sistemas como o patriarcado surgem para reforçar estereótipos. Esse pode ser considerado um sistema social e político, pois prega que os seres classificados como machos, por serem superiores, têm o direito de controlar e ter autoridade sobre os outros.

Uma economia que depende da escravidão precisa promover imagens de pessoas escravizadas que “justifiquem” a instituição da escravidão. As economias ocidentais são agora inteiramente dependentes da continuidade dos baixos salários pagos às mulheres. Uma ideologia que fizesse com que sentíssemos que temos menos valor tornou-se urgente e necessária para se contrapor à forma pela qual o feminismo começava a fazer com que nos valorizássemos mais. Isso não exigia uma conspiração; bastava uma atmosfera. (WOLF, 1992, p. 31)

Algumas das consequências das relações patriarcais são a desigualdade salarial, a sub-representação política, as restrições ao acesso à saúde (com o controle dos métodos contraceptivos) e a violência de gênero. Entretanto, mesmo com essas implicações negativas nas vidas das pessoas, é fácil perceber que as produções da Disney ajudaram a reforçar o patriarcado em suas produções. Afinal, *Branca de Neve e os Sete Anões* (1937) é sobre uma jovem indefesa que seria assassinada a mando de outra mulher, mas que tem sua vida poupada por um homem caçador. Depois disso, ela faz favores domésticos para sete homens em troca de abrigo e, por fim, é salva novamente das maldades da rainha pelo beijo sem consentimento de um príncipe. Além dela, *Cinderella* (1950) conta a história de uma órfã que é maltratada pela madrasta e as meias-irmãs, mas que tem todos os seus problemas resolvidos após se casar com um homem da realeza. *A Pequena Sereia* (1989) fala sobre uma princesa do reino dos mares que sacrifica sua voz, abandona seu lar e fica distante de sua família para tentar conquistar um homem.

Esses são apenas alguns exemplos de ideologias que os filmes da Disney propagam. Entretanto, existem muitas outras que são reforçadas em suas produções. Elas divulgam conceitos que ensinam as pessoas como elas devem ser e agir, configurando o que Iris Marion Young (1990) chamava de imagens de controle. Em seu livro "*Justice and the Politics of Difference*", ela argumenta que isso perpetua a opressão e a marginalização de grupos dominados a partir de representações culturais justificando as relações de poder existentes.

Patrícia Hill Collins (1993) é outra autora que trabalha com imagens de controle. Em "*Mammies, Matriarchs, and Other Controlling Images*" ela relaciona raça e gênero mostrando como a sociedade americana categoriza as pessoas que fazem parte dessa intersecção. Esse grupo minoritário é sempre visto como submisso e prestativo em relação aos brancos; forte e autoritário no contexto familiar e trabalhadores incansáveis em outros aspectos. Com seu

artigo é possível entender as diferentes etapas existentes na luta por emancipação feminina uma vez que, mesmo ao abordar as questões de gênero, ainda existem divisões internas como raça, sexualidade e idade, que tornam os estereótipos mais marcantes e limitantes.

Ainda sobre esse tópico, Pierre Bourdieu (1998) explica em seu livro "*La domination masculine*" que a mídia naturaliza e legitima o privilégio masculino afetando as esferas familiar, política, cultural, econômica e educacional da sociedade. Para ele, a única pessoa confortável para falar e impor suas vontades é o homem, enquanto isso a mulher está sempre em uma posição de desconforto para conseguir valer seus direitos. Apesar de não ser abordado em seu texto, o mesmo pode ser dito para pessoas com corpos fora do padrão, deficiências, identidades não convencionais, sexualidades que não a heteronormativa, entre outras opções.

Por fim, Winnie Bueno (2018) trás um ponto de vista do Brasil sobre o assunto em seu livro "Eu, empregada doméstica - Uma trajetória de luta e dignidade". Ela defende que as minorias devem contar suas próprias histórias, pois a mídia promove preconceitos. Seu foco era falar da visão de subalternidade divulgada sobre as empregadas domésticas, porém seu texto serve para mostrar que o contexto de imagem de controle é amplo e atinge todos os países e pessoas.

3.3 Construção de imaginários: padrões de personagens e representações limitadas

Figura 7 - Princesas e príncipes da Disney



Fonte: Disney Princesas Fandom. Lista de casais da Disney Princesa. **Wiki Disney Princesas**. Disponível em: https://disneyprincesas.fandom.com/pt-br/wiki/Lista_de_casais_da_Disney_Princesa. Acesso em: 28 de out. de 2022.

A Disney começou seu reinado adaptando contos antigos para seus filmes de animação. Entretanto, existem categorias diferentes dentro deles, entre elas: princesas,

animais, aventuras, fantasia e seres mágicos. O primeiro deles é um dos mais famosos e estereotipados. Isso porque, em sua maioria, retrata figuras femininas passivas, bonitas e de pouca representatividade étnica, etária, física e sexual. Elas costumam ser vítimas de um problema que é resolvido por um amor romântico oferecido por parte da figura masculina.

Esse é o enredo de *A Bela Adormecida* (1959), em que a princesa é amaldiçoada ainda bebê por uma mulher maligna capaz de realizar feitiços. Ela passa a vida rodeada de cuidados, pois é frágil e pode ser encontrada a qualquer momento pela vilã. Sua vida de reclusão e infortúnios só tem fim depois que um príncipe mata a antagonista e salva a jovem com um beijo enquanto ela dormia. Um detalhe importante sobre esse filme que se repete em várias outras produções é que a protagonista vive em um reino inspirado em países europeus. Nesse caso, Aurora vive na França medieval, porém também há a história de Bela em *A Bela e a Fera* (1991) que se passa em uma aldeia do mesmo país no século XVIII. Ariel de *A Pequena Sereia* (1989) vive em um reino da Dinamarca depois que se casa com Eric. Merida, a princesa do longa-metragem *Valente* (2012), mora na Escócia.

Além da Europa, existe outro cenário muito comum nas produções da Disney: a América do Norte. Isso pode ser visto em *Pocahontas* (1995), *Lilo & Stitch* (2002), *Irmão Urso* (2003), *A Princesa e o Sapo* (2009), *Soul* (2020) e *Red: Crescer é uma Fera* (2022), por exemplo. Entretanto, há um elemento intrigante na maioria desses filmes. Apesar de oferecerem maior representatividade cultural e racial do que os que se passam na Europa, alguns deles têm seus protagonistas transformados em animais ou seres místicos durante boa parte da trama. Kenai, personagem do filme de 2003, é um nativo americano que vira um urso; Tiana e Naveen são um casal negro da produção de 2009 que tem seus corpos transfigurados em sapos; Joe é um homem negro que sofre um acidente e metamorfoseia para ser apenas uma alma; e Meilin é uma descendente de chineses no Canadá que se transforma em um panda vermelho assim como resto de sua família também já fez.

Figura 8 - Linha do tempo com indicações de transformações físicas



Fonte: ANDRADE, Ranyelle. Por que personagens negros viram animais ou morrem em filmes e na TV? **Metrópoles**. Disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/por-que-personagens-negros-viram-animais-ou-morrem-em-filmes-e-na-tv>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

Existem exceções ambientadas em regiões como a Oceania no caso de *Moana* (2016), a Ásia em *Mulan* (1998) e o mundo árabe em *Aladdin* (1992). Porém, mesmo quando há um progresso em relação a uma das formas de representatividade, outras continuam pendentes como o fato de que em quase todas essas histórias os personagens principais têm menos de 30 anos. Algumas exceções são o Joe Gardner do filme *Soul* (2020), que conta a história de um professor de música de 45 anos que sofre um acidente e quase morre antes de entender o verdadeiro propósito da vida; e Carl Fredricksen de *Up: Altas Aventuras* (2009), um senhor de 78 anos que decide viver o sonho de sua falecida esposa e acaba embarcando em uma aventura com um escoteiro, um cachorro falante e uma ave misteriosa. Contudo, a maioria das produções da Disney coloca os jovens como pessoas capazes de viver aventuras, enquanto os adultos ou idosos são meros coadjuvantes ou vilões.

Outro padrão muito comum nos filmes da produtora é a reprodução de um biotipo ideal. Nele, as protagonistas são pequenas, magras e apresentam cabelos longos ou presos na maioria dos filmes. Enquanto isso, os heróis são altos, magros e de ombros largos. Por outro lado, vilões como Úrsula de *A Pequena Sereia* (1989) e a Rainha de Copas de *Alice no País*

das Maravilhas (1951), são gordas; Cruella De Vil de *Os 101 Dálmatas* (1961) e Yzma de *A Nova Onda do Imperador* (2000) são esqueléticas; Clayton de *Tarzan* (1999) e Capitão Gancho de *Peter Pan* (1953), possuem narizes aquilinos e queixos avantajados; e Shan Yu de *Mulan* (1998) e Frollo de *O Corcunda de Notre Dame* (1996) apresentam indícios de calvície.

Figura 9 - Vilões da Disney



Fonte: PASCHOA, Ramon de. Evolução dos vilões da Disney. **Dicas Jornalismo**. Disponível em: <https://labdicasjornalismo.com/noticia/9761/evolucao-dos-viloes-da-disney>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

Diante desses fatores, fica evidente que a Disney detém o poder de trazer maior diversidade aos seus filmes. No entanto, é uma escolha intencional da produtora não fazê-lo de maneira positiva e estruturada, perpetuando assim os preconceitos já enraizados em um modelo conhecido que só objetiva o lucro. A empresa opta por seguir uma narrativa estereotipada do que um herói deve ser, estabelecendo limites arbitrários de idade para as aventuras e impondo características físicas predefinidas aos antagonistas. Essa abordagem, embora financeiramente rentável, perpetua a marginalização e a exclusão de indivíduos diversos ao redor do mundo.

3.4 Narrativas não-românticas: a importância das diferentes caracterizações

Existem variados tipos de amor presentes nas produções da Disney. Eles merecem ser ressaltados para explicar a importância de narrativas diferentes da fórmula de sucesso estereotipada presente na maioria dos filmes, como foi citado no capítulo anterior. Clive Staples Lewis, autor do livro “As Crônicas de Nárnia: o Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa” adaptado para *live-action* pela Disney, também escreveu “Os Quatro Amores”. Essa obra descreve os amores ágape, que é incondicional e altruísta; *philia*, que funciona como uma grande conexão ou amizade; *eros*, que pode ser compreendido como amor romântico; e

storge, que é configurado pela relação familiar.

O primeiro pode ser encontrado em produções como *Mulan* (1998), em que a jovem chinesa apresenta uma relação de amor e respeito tão grande pelos seus ancestrais que, a cada desafio, pede por coragem e orientação dos mesmos. Em *Hércules* (1997) é possível identificar o segundo, principalmente ao analisar a relação do protagonista com seu treinador. Phil chega até mesmo a chorar de emoção, alegando que o semideus é seu garoto, ao ver o jovem ser reconhecido perante os deuses e os mortais. O terceiro é encontrado como narrativa principal nos dois filmes explicitados anteriormente, assim como em muitos outros. Isso é um grande indicativo da priorização de relações mostradas na Disney, pois mesmo quando outras formas de amor são demonstradas, elas ficam apenas em segundo plano quando comparadas com o romântico. Por fim, *storge* é a segunda manifestação de amor mais representada nos filmes da produtora norte-americana. Apesar de ser demonstrada em uma proporção muito menor do que a *eros*, essa relação já apresenta protagonismo em alguns longas metragens como *Lilo & Stitch* (2002) e *Procurando Nemo* (2003) que abordam questões familiares sendo resolvidas sem a dependência da existência de um casal apaixonado.

É importante ressaltar, entretanto, que até mesmo a relação *eros* dos filmes é padronizada, pois divulga majoritariamente relacionamentos heterossexuais e monogâmicos. O primeiro, por ser o tema deste trabalho, será evidenciado com mais detalhes no subcapítulo seguinte. O segundo é um conceito que refere-se à opção dos indivíduos de se relacionarem apenas com um parceiro. Eles não estão necessariamente correlacionados uma vez que uma pessoa poderia apresentar amor romântico por duas do mesmo gênero sem que elas estejam juntas. Porém, grupos que praticam poliamor entre si poderiam conter demonstrações de ternura homoafetivas. A ausência desse diálogo também contribui para o entendimento de que várias parcelas da sociedade foram excluídas nas produções da Disney.

Durante muito tempo, uma das ideias mais reforçadas pela produtora foi a de que a felicidade está no ato de encontrar um par romântico. Isso foi difundido inúmeras vezes ao atribuir um “felizes para sempre” para aqueles que se casassem no fim da história. Nesse contexto, o preceito seguido é que esse amor tão divulgado e celebrado só traria um final feliz para quem se encaixasse no modelo cis, monogâmico, heterossexual e padrão. Dessa forma, a Disney deixou de abordar, durante muito tempo, questões relacionadas à comunidade LGBTQIA+. Entretanto, essa não é uma tendência exclusiva da produtora, diversos períodos literários reproduziram esse mesmo padrão, sendo o mais conhecido de todos o romantismo. Nele, era comum encontrar personagens principais enfrentando desafios para ficarem juntos e terminando sua história com um casamento entre um homem e uma mulher. Apesar dessas

obras não serem estritamente sobre isso, com certeza essa foi uma enorme tendência do período. O mesmo ocorre até hoje, em diferentes proporções, com seriados, novelas e filmes criados e divulgados ao redor do mundo.

Diante disso, é importante ressaltar a existência de pelo menos três épocas diferentes: a inexistência da comunicação sobre esses grupos nas produções do estúdio de cinema americano; a presença de uma representatividade pejorativa nos filmes por estar ligada principalmente a pessoas de moral duvidosa ou de baixa contribuição pelo seu tempo de tela nas animações; e a sexualidade de personagens aberta para interpretação, seja por meio de indícios deixados nos curtas e longa metragens ou de falas e ações dos indivíduos animados que justifiquem esse entendimento.

Na maioria dos casos em que um personagem não era definido como heterossexual desde o início, a sexualidade dele não era declarada. Aliado a isso, membros da comunidade LGBTQIA+ também dificilmente são escolhidos como personagens principais. Isso não constrói um bom imaginário naqueles que assistem essas produções já que permite a interpretação de que essas pessoas deveriam ser discretas e esconder um lado delas ou de que não são dignas de serem indivíduos de destaque como os protagonistas de filmes.

3.5 Falta de representatividade: coerção normativa e resistência *queer*

Algumas das produções de maior sucesso da Disney são as de animação. Estas, majoritariamente, contém finais felizes sendo proporcionados para casais cis compostos por um homem e uma mulher em uma relação heterossexual (MONLEON OLIVA, 2021, p.86). Para Vicente Monleón Oliva, essa concepção exclusiva de amor romântico que a Disney reproduz funciona como uma alfabetização visual para seus telespectadores, demonstrando como um relacionamento deveria ser. Esse fato, aliado à construção de papéis que cada gênero pode se submeter e exercer dentro das tramas, são alguns dos fatores que contribuíram para que exista uma maior aceitabilidade desse cenário amoroso e identitário. Enquanto isso, durante muito tempo, outros modos de amar e se identificar ficaram apagados, sem o destaque necessário para causar uma normalização que não fosse cis e hétero, ou seja, heteronormativa (ROBINSON, 2016).

Brandon Robinson, professor de gênero e sexualidade na Universidade da Califórnia, propõe uma diferenciação teórica do que seria heteronormatividade e homonormatividade. O primeiro termo diz respeito à padronização que os relacionamentos envolvendo um homem e uma mulher possuem em relação às formadas por pessoas do mesmo gênero. Enquanto isso, o segundo termo é uma estratégia política de autodefesa criada por minorias sociais. Seu

objetivo é apenas reafirmar direitos iguais e a busca por mais representatividade em todos os âmbitos possíveis.

Alguns membros da comunidade LGBTQIA+ passaram a procurar por comportamentos *queer* dentro dos personagens disponíveis para ter alguém com quem se identificar. Segundo Jessica Lynn King (2020), existem diversos estudos que demonstram a ausência de representatividade dos indivíduos *queer* na sua época de Renascença⁷, que vai de 1989 a 1999. Esse período foi caracterizado como um retorno às origens da produtora, em que contos de fadas eram misturados com elementos musicais inspirados na Broadway. Além disso, ao ser comparada com fases anteriores, a da Renascença possui uma proporção bem maior de filmes cuja temática principal envolve um romance entre seres anatomicamente classificados como fêmeas e machos. Diante disso, King decidiu analisar os filmes lançados nos anos seguintes para entender se houve alguma mudança significativa no cenário.

Inicialmente, não era possível encontrar seres ou pessoas fictícias que pudessem ter um tempo de tela ou importância na trama que não fossem heterossexuais e cisgêneros. Entretanto, ela montou uma pequena escala de visibilidade que vai desde cenas ambíguas até outras com maiores evidências e aceitabilidade. Jessica Lynn defende que a empresa é multibilionária e que, mesmo assim, não havia colocado um protagonista LGBTQIA+ até a data do seu estudo. Esse fato reforça a ideia de que o progresso da empresa apenas acompanhou demandas que poderiam gerar mais renda, não necessariamente porque eles acreditam ou defendem a causa.

Apesar de atualmente existirem alguns personagens pertencentes a comunidade LGBTQIA+, eles ainda são muito estereotipados, o que não é o cenário ideal para uma representatividade positiva além de ser um desvio de norma. Na série *Once Upon a Time* (2011), que também pertence a Disney, a princesa Mulan é retratada como bissexual (KEY, 2015). Da perspectiva de Adam Key, essa foi uma escolha problemática, pois apesar de fornecer uma personagem pertencente à comunidade, o fato de optarem pela protagonista que mais possui características masculinas, reforça preconceitos que são danosos às mulheres que se identificam como lésbicas ou bissexuais. Para além disso, caracterizar homens gays como engraçados, divertidos ou melhores amigos de personagens principais sem desenvolver mais nenhuma característica a sua personalidade ou até mesmo vilanizar os indivíduos que se classificam como pertencentes às outras letras da sigla são mais formas de dar continuidade a coerção normativa.

No texto “Enquadramento e divergência - o queer como resistência”, Rosângela Fachel

⁷ Apêndice B - As eras de animação da Disney

de Medeiros explica que ser *queer* é estar além dos preconceitos ou padrões definidos pela sociedade quanto a gênero e sexualidade. Portanto, a própria definição do termo já exclui representações estereotipadas e enfraquece a tentativa fracassada da Disney em adicionar diversidade ao seu portfólio de filmes.

O Queer propõe a subversão da ordem e a abertura de espaço para outras formas de ser, permitindo a manifestação do amplo espectro do humano em contraposição aos enquadramentos binários: homem – mulher; heterossexual – homossexual. Esses enquadramentos identitários Queer não apresentam políticas identitárias e não defendem imagens positivas ou negativas dessas identidades. Dessa posição movediça vem sua força e sua importância como possibilidade de buscar e de apresentar imagens plurais de sujeitos e corpos diversos e desviantes (por estarem à margem do heteronormativo), suscitando polêmicas ao abordar assuntos desconfortáveis ou que já eram considerados resolvidos (acomodados no âmbito social e midiático) para o centro do debate, revelando-as em sua crueza, originalidade e beleza. (MEDEIROS, 2018, p. 74)

Segundo João Freire Filho (2004), a ideia de representação está profundamente ligada à distribuição de poderes. Ou seja, só tem visibilidade quem possui autoridade para expor suas crenças. Em seu texto, “Mídia, Estereótipo e Representação das Minorias”, Freire explica que há uma distorção da ideia de representatividade expressa a partir de estereótipos. Isso porque eles são julgamentos parciais de indivíduos baseados em fatores genéricos e equivocados de um grupo de pessoas. Dessa forma, os estereótipos que a Disney optou por divulgar em suas produções não trazem poder para a comunidade LGBTQIA+ expressar suas necessidades ou proporcionar uma posição de igualdade na indústria audiovisual.

Anne Phillips (2001), autora de “De uma política de ideias a uma política de presença”, comenta sobre as diferentes formas de se escolher os representantes de um país. Ela cita sistemas em que as pessoas eleitas são escolhidas pelo povo e outras em que esses indivíduos são até mesmo sorteados.

Nós podemos não ter mais muita esperança de participar nas atividades de governo, mas resta, ao menos, a possibilidade de exigir que nossos políticos façam aquilo que prometeram fazer. A qualidade da representação é, assim, vista como dependente de mecanismos mais firmes de responsabilização e prestação de contas, que vinculem mais estreitamente os políticos às opiniões que eles afirmam representar. (PHILLIPS, 2001, p.271)

Para agregar a essa discussão, ela escreve sobre como os escolhidos devem fazer para atender as vontades da população. Uma das sugestões de Phillips é que os governantes sejam parte das minorias sociais que devem ser representadas. Isso porque a diversidade de indivíduos deve ser valorizada para que as pautas entregues sejam vistas com a mesma importância que outras. Assim, por quem se fala e em nome de quem é debatido determinado

assunto passaria a fazer diferença, evitando cenários sem representatividade ou estereotipados.

A maior parte dos problemas, de fato, surge quando as duas são colocadas como opostos mutuamente excludentes: quando idéias são tratadas como totalmente separadas das pessoas que as conduzem; ou quando a atenção é centrada nas pessoas, sem que se considerem suas políticas e idéias. É na relação entre idéias e presença que nós podemos depositar nossas melhores esperanças de encontrar um sistema justo de representação, não numa oposição falsa entre uma e outra. (PHILLIPS, 2001, p.271)

É relevante questionar esses cenários políticos e suas distribuições, pois eles são um reflexo representativo da sociedade e de seus ideais. Nancy Fraser, em “Do neoliberalismo progressista a Trump e além” fala do conceito de hegemonia e como ele impacta as pessoas por se tratar de uma naturalização da classe dominante impondo suas ideologias aos outros. Como o próprio título sugere, antes do governo do presidente americano Donald Trump, existia um domínio progressista-liberal formado por setores dinâmicos da economia. Esses eram correspondidos pelo Vale do Silício, Wall Street e Hollywood, por exemplo. Eles estavam unidos com indivíduos que pregavam as correntes dos novos movimentos sociais. Entre eles os direitos LGBTQIA+, o feminismo e o multiculturalismo. Entretanto, sua abordagem não foi disruptiva, ela almejava apenas criar uma hierarquia dentro de cada grupo sub-representado para que seus participantes pudessem competir entre eles o título de talentosos ou merecedores por alcançar a mesma posição que homens brancos heterossexuais.

Segundo a autora, “Por mais enviesada que fosse, essa política de reconhecimento funcionou para seduzir as principais correntes dos movimentos sociais progressistas para o novo bloco hegemônico.” (FRASER, 2018, p.48). Com a entrada de Trump, esse panorama piorou. Ele se recusou a defender processos judiciais sobre direitos LGBTQIA+ e retirou a contratação do seguro obrigatório, por exemplo, provando que essas causas não lhe interessavam.

Karey Burke, presidente da Disney General Entertainment, disse que espera que até o final de 2022 a empresa entre em um movimento para tornar 50% dos seus futuros personagens diversos. Contudo, apesar do pronunciamento, essa meta ainda não foi cumprida e parece distante de se tornar realidade. Enquanto isso, estúdios como o Cartoon Network produziram séries como Hora da Aventura e Steven Universo, que possuem personagens lésbicas e bissexuais. Por fim, para compreender a verdadeira motivação da empresa para sua mudança é relevante explicar que existe um projeto de lei na Flórida chamado “*Don't Say*

Gay”, que proíbe exibições relacionadas à orientação sexual ou à identidade de gênero do jardim de infância à terceira série. Segundo o Money Report, a Disney não se pronunciou inicialmente sobre o caso. Apenas após os fãs reclamarem sobre a omissão a companhia decidiu declarar que o objetivo deles é que a lei seja revogada. Isso prova, mais uma vez, que a corporação só se mobiliza caso seu capital esteja em risco.

4 ANÁLISE METODOLÓGICA

Para o desenvolvimento desta pesquisa sobre a transformação da representatividade LGBTQIA+ nos filmes da Disney foram utilizados dois meios de pesquisa. O primeiro é o documental, por meio da decupagem de cenas selecionadas dos filmes de animação da Walt Disney Pictures. O segundo é uma pesquisa netnográfica (KOZINETS, 2014) sobre os depoimentos de fãs da marca encontrados no Twitter, que leva em consideração desde interações digitais até o estudo do contexto social que envolve a marca.

Para a decupagem foram utilizados os trechos dos seguintes filmes: *Cinderella* (1950), *A Bela Adormecida* (1959), *A Bela e a Fera* (1991), *Pocahontas* (1995), *Mulan* (1998), *Lilo & Stitch* (2002), *Procurando Dory* (2016), *Zootopia* (2016), *Toy Story 4* (2019), *Dois Irmãos: Uma Jornada Fantástica* (2020), *Lightyear* (2022) e *Mundo Estranho* (2022). Além de uma análise das histórias de *Peter Pan* (1953), *A Pequena Sereia* (1989), *Hércules* (1997), *Valente* (2012), *Frozen* (2013), *Frozen 2* (2019) e *Luca* (2021). Também serão citadas *Branca de Neve e os Sete Anões* (1937), a série de *Lilo & Stitch* (2003), o live-action de *A Bela e a Fera* (2017) e o curta *Segredos Mágicos* (2020).

Na análise dos *tweets*, será levada em consideração a utilização do meio de cultura participativa (JENKINS, 2008) para avaliar a criação das diferentes discussões que concentram opiniões sobre a marca. Esse conceito explica a participação ativa do público na criação, divulgação e modificação de conteúdo nas mídias. Além dele, também será avaliada a opinião de alguns usuários da rede social sobre as produções da Disney a partir da ideia de inteligência coletiva (LÉVY, 1998) que irá expor as perspectivas dos telespectadores graças ao esforço coletivo para compartilhá-las em um fórum online. Isso poderá ser avaliado a partir dos relatos disponibilizados na combinação das hashtags #Disney, #representatividade, #diversidade, #LGBT e #gay que contém opiniões de diferentes países sobre a mesma temática.

4.1 Construção de identidade: impactos da ausência de representatividade

Segundo o Mundo Cultura, *Branca de Neve e os Sete Anões* (1937) e *Cinderella* (1950) são os filmes mais famosos da Disney. Essas histórias fizeram parte, respectivamente, da Era de Ouro e de Prata da companhia. Dessa forma, são alguns dos longa-metragens mais antigos e assistidos da marca. Isso tem uma importância muito grande, pois demonstra que são produções com grande impacto no público. Entretanto, ambos os filmes apresentam os já citados preconceitos de gênero, além de uma completa ausência de representatividade

LGBTQIA+.

Durante trechos⁸ de *Cinderella* (1950), por exemplo, o comandante e seu conselheiro conversam sobre conseguir herdeiros para o reino e a importância do príncipe abandonar seus pensamentos de amor ou romance para dar netos ao rei. Para garantir que seu plano dê certo, todas as jovens solteiras do reino são convidadas à festa e os personagens principais se conhecem.

Entre as falas que podem ser utilizadas para comprovar a exclusividade de um pensamento heteronormativo estão: “Meu filho vem evitando as responsabilidades do trono! Deve se casar e sossegar!”, “Sou paciente! Mas dia a dia, vou envelhecendo. Gostaria de conhecer meus netinhos.” e “Deixá-lo em paz? Com suas ideias românticas? (...) Amor. Ahah! Basta um rapaz conhecer uma jovem em um momento especial. Então, arranjarmos o momento!”⁹. Dessa maneira, é possível perceber que, na história de Cinderella, o único romance possível e permitido é aquele entre um homem e uma mulher. Isso porque, independentemente da vontade do príncipe, o rei assumiu que deveria casar o filho com uma donzela para que ela pudesse produzir herdeiros.

A história de *A Bela Adormecida* (1959) também tem um pretexto parecido. Nela, um rei e uma rainha que sonhavam em ter uma filha tem seu desejo atendido e resolvem realizar uma festa para que todas as pessoas possam agraciar a jovem princesa. Nesta mesma celebração, eles recebem um amigo monarca e resolvem que seus filhos se casarão para que possam juntar seus reinos. Esse acordo é feito¹⁰ e contém a narração “E estes dois monarcas sonharam afetosamente que um dia seus reinos se uniriam. Hoje eles anunciariam que Felipe, filho e herdeiro de Humberto, seria prometido a filha de Estevão.”¹¹. Tudo isso é decidido quando Aurora ainda é um bebê e Felipe apenas uma criança, não possuindo qualquer afeição entre os dois e fazendo até mesmo com que o príncipe faça uma careta ao conhecer a futura noiva.

Diante disso, apesar do desenrolar do enredo mostrar que Aurora e Felipe realmente se apaixonaram sem a influência dos pais, toda sua história teve início em um casamento arranjado sem o consentimento de ambos. Eles foram prometidos ainda crianças com o objetivo de unificar reinos e, futuramente, produzir um herdeiro que seria rei ou rainha dos dois territórios por nascença. Essa confirmação de relacionamento a partir dos frutos que a reprodução biológica pode causar é um dos fatores que reforça a normalização do

⁸ 23’30 e 26’03

⁹ Apêndice C - Relacionamento arranjado para procriação

¹⁰ Entre 04’14 e 04’53.

¹¹ Apêndice D - Relacionamento arranjado para união de terras

relacionamento heteronormativo em detrimento de qualquer outra manifestação de sexualidade (CORBIN, 1987).

Outro desenho animado feito pelo estúdio que se encaixa nesse padrão pouco representativo das primeiras eras da Disney é *Peter Pan* (1953). Nele, os únicos relacionamentos amorosos apresentados são os da família Darling e seus conhecidos. Todos eles são heterossexuais ou não expõem sua sexualidade. Além disso, o filme também não revela nenhum personagem que não seja cisgênero. Entretanto, caso fosse da vontade da produtora seria possível inserir uma reflexão sobre a importância de ter exemplos de vivências LGBTQIA+ para a maior aceitação pessoal.

O filme conta a história de três irmãos que vão parar na Terra do Nunca, um local em que ninguém envelhece. Lá, as únicas figuras adultas são os vilões ou os seres mitológicos coadjuvantes e, por isso, os meninos perdidos crescem sem nenhuma referência do que devem fazer. Em um cenário como esse, é fácil perder sua própria identidade e simplesmente aceitar o único padrão visível, que é o de Peter Pan. O jovem guia dos meninos perdidos, também por falta de referência de como é crescer com seus pais, tenta convencer outras pessoas a ficarem na Terra do Nunca, como foi com os três irmãos personagens principais. Isso poderia ter sido uma metáfora sobre o que é crescer sem saber da existência de pessoas gays, lésbicas, bissexuais ou pertencentes a comunidade LGBTQIA+. Afinal, quando não se sabe que algo é possível e normal, fica muito mais difícil aceitá-lo e existe uma grande chance da pessoa se enganar e ainda repassar isso para os outros durante toda a sua vida por falta de conhecimento e entendimento.

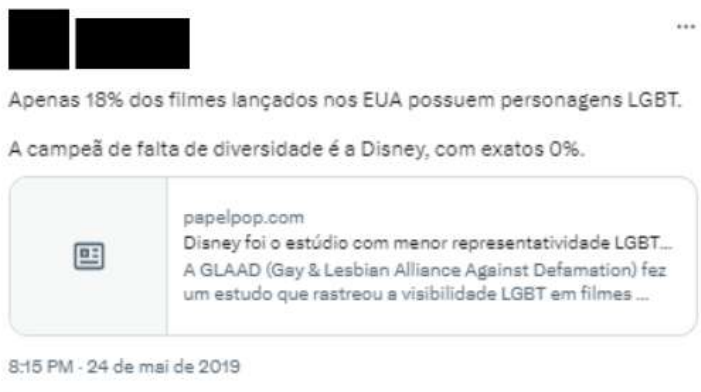
Figura 10 - Peter liderando os meninos perdidos



Fonte: PETER PAN. Direção: Hamilton Luske, Clyde Geronimi e Wilfred Jackson. Produção: Walt Disney Picture. Estados Unidos, 10 de abr. de 1953. 77

min de filme, son., cor.

Figura 11 - Depoimento sobre a Disney não ter representatividade LGBTQIA+



Fonte: APENAS 18% dos filmes lançados nos EUA possuem personagens LGBT. A campeã de falta de diversidade é a Disney, com exatos 0%. Brasil, 24 de maio de 2019. Twitter: @berieux. Disponível em: <https://twitter.com/berieux/status/1132062617189736448?s=46>. Acesso em 20 de maio de 2023.

Figura 12 - Depoimento sobre a Disney não ter protagonistas LGBTQIA+



Fonte: AH sim, a toda poderosa Disney que não tem sequer um protagonista LGBT, e não é por falta de pedido. A toda poderosa Disney

que vetou uma série com temática LGBT (que teve que ir pra Hulu). Façam mais antes de usar essa bandeira e fazer esse discurso. Brasil, 25 de abr. de 2021. Twitter: @patriself. Disponível em: <https://twitter.com/patriself/status/1386213716253888513?s=46>. Acesso em 20 de maio de 2023.

Figura 13 - Crítica sobre a Disney e sua diversidade quase nula



Fonte: ESSE post é tão genérico e sem alma que a Disney não teve nem coragem de colocar a única protagonista abertamente lgbt do estúdio TODO (Luz) na postagem, essas empresas não tem um pingão de vergonha na cara. Brasil, 2 de jun. de 2021. Twitter: @nandafermm. Disponível em: <https://twitter.com/nandafermm/status/1400149749496528898?s=46>. Acesso em 20 de maio de 2023.

Em seus depoimentos, os fãs demonstram insatisfação por não ter representatividade LGBTQIA+ nas produções da Disney (Figuras 11, 12 e 13). Eles alegam que a empresa propaga um discurso de diversidade sem realmente contribuir para a causa, o que pode ser configurado como o já citado anteriormente *queerbating* (BRENNAN, 2019). Além disso, eles comparam a companhia com outras do mesmo ramo (Figura 14) e apresentam provas de que ela não tem feito um uso positivo do Marketing de Causa, escolhido, tentando se apropriar de um tópico popular sem entregar o que o público pede (Figuras 15, 16 e 17).

Figura 14 - Comparação de estúdios de cinema em relação a diversidade



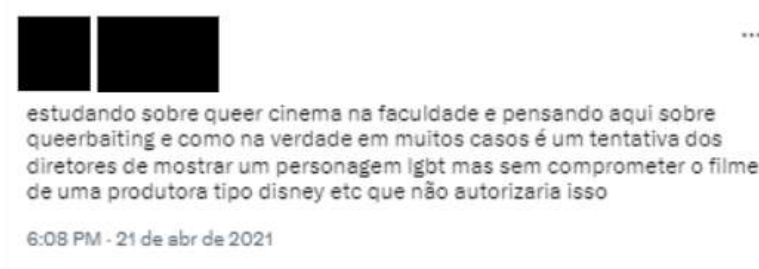
Fonte: CARTOON Network e Nickelodeon já possuem personagens LGBT, só falta a Disney. Bem, tem a Elsa de Frozen mas não conta muito porque não foi confirmado. Chile, 29 de set. de 2020. Twitter: @MariteCerpa. Disponível em: <https://twitter.com/maritecerpa/status/1311079153026904067?s=46>. Acesso em 20 de maio de 2023.

Figura 15 - *Queerbaiting* e falta de avanço representativo



Fonte: EU odeio discurso de representatividade a qualquer custo, porque isso faz o povo aceitar qualquer porcaria como se fosse um grande avanço, principalmente no audiovisual. Brasil, 22 de ago. de 2021. Twitter: @santrasna. Disponível em: <https://twitter.com/santrasna/status/1429564074724102144>. Acesso em 20 de maio de 2023.

Figura 16 - *Queerbaiting* e falta de comprometimento



Fonte: ESTUDANDO sobre queer cinema na faculdade e pensando aqui sobre queerbaiting e como na verdade em muitos casos é um tentativa dos diretores de mostrar um personagem lgbt mas sem comprometer o filme de uma produtora tipo disney etc que não autoriza isso. Brasil, 21 de abr. de 2021. Twitter: @kylloren. Disponível em: <https://twitter.com/kylloren/status/1384977411356381187?s=46>. Acesso em 20 de maio de 2023.

4.2 Perpetuação do estereótipo: a visibilidade pejorativa da Disney

Como já foi explicitado, inicialmente não era possível encontrar seres ou pessoas fictícias que pudessem ser reconhecidos como membros da comunidade LGBTQIA+ nos filmes da Disney. Porém, durante o Renascimento da companhia, surgiram personagens secundários e antagonistas com comportamentos não heteronormativos para compor o catálogo da produtora.

A Pequena Sereia (1989) foi um deles e, no enredo, Ariel é uma sereia que deseja se tornar humana para viver com o homem que ama e também aproveitar das maravilhas do mundo terrestre. Para concretizar esse desejo, ela entra em contato com a banida e excêntrica bruxa do mar, Úrsula, que faz um acordo com ela. A bruxa, entretanto, faz de tudo para prejudicar a sereia, chegando até mesmo a se transmutar para seduzir o príncipe e roubá-lo de Ariel. No final, a farsa é descoberta e a sereia não só consegue viver na terra com seu amado, como também se reconcilia com seu pai Tritão, com quem havia brigado no início do filme por conta do seu desejo de deixar o oceano.

Figura 17 - Úrsula utilizando sua capacidade de transformação



Fonte: A PEQUENA SEREIA. Direção: John Musker e Ron Clements. Produção: Walt Disney Pictures, Walt Disney Feature Animation e Silver Screen Partners IV. Estados Unidos, 5 de dez. de 1989. 83 min de filme, son., cor.

Úrsula, por sua maquiagem marcada e exagerada, acessórios grandes, unhas compridas e movimentos performáticos pode ser associada com grandes ícones da comunidade LGBTQIA+, as *drag queens*. Elas não possuem o comportamento padrão esperado de uma pessoa cisgênero. Os espetáculos exibidos pelas *drags* envolvem a caracterização de personagens e a transformação física, algo que a Úrsula também faz para conseguir o que quer. Além disso, a vilã, assim como os outros seres místicos do filme, não possui genitália

quando está na sua forma aquática. Apenas aqueles que se transformam em humanos possuem uma, a qual eles só conquistam a partir de uma troca. Isso também permite associações com indivíduos transsexuais, que fazem parte de outra classificação presente na quarta letra da sigla LGBTQIA+.

Entretanto, questões como esta supracitada levantam reflexões sobre o impacto psicológico que mensagens assim têm sobre os jovens que já se identificam como pertencentes a alguma categoria dentro da comunidade (FINEMAN, 2013) e percebem essa associação sendo feita com vilões, ou pessoas que não são dignas de confiança. A saúde mental desse grupo, após repetidamente serem chamados de enganadores ou traiçoeiros por suas mudanças de aparência, também é atacada por esses pré-julgamentos e podem resultar em barreiras para a aceitação e o amor-próprio.

Em *Aladdin* (1992), Jafar é o vizir real de Agrabah. Um homem de muita confiança para o sultão, porém que deseja absorver o poder para si e que fará de tudo para isso. Ele não pode ser classificado como homossexual, até porque em determinado momento da trama ele demonstra interesse em ter Jasmine como parceira. Entretanto, sua fala e seus trejeitos sugerem um comportamento menos másculo do que tinha sido exposto até então nos outros filmes da marca. Rebecca Sugar criou o desenho *Steven Universo* e diz que as crianças estão repletas de conteúdo heteronormativo. Como uma pessoa não binária, ela argumenta que é muito pesado ser saturado na infância de informações que mostram que se você é LGBTQIA+, só pode existir como vilão ou como piada.

Em *O Rei Leão* (1994), o irmão do rei da selva apresenta coloração nas pálpebras como se fossem pintadas e deixa suas unhas expostas mesmo sem estar em cenas de batalha, diferente dos outros animais da mesma espécie, podendo indicar características de vaidade normalmente associadas ao gênero feminino.

Já na primeira cena em que os personagens irmãos compartilham o mesmo cenário é possível identificar que a aparência, o tom de voz e os movimentos do vilão assinalam a construção de uma identidade de gênero masculina afeminada em oposição da imagem viril de seu irmão. O corpo de Scar se movimenta de maneira suave, lenta e dramática, desenhando curvas com seus membros, calda e quadril, enquanto a postura de Mufasa permanece rija e forte, deslocando-se em movimentos retos e firmes (...).
(BALISCEI; JOÃO PAULO, 2020, p. 62)

Figura 18 - Scar com pálpebras escurecidas e unhas aparentes



Fonte: O REI LEÃO. Direção: Rob Minkoff e Roger Allers. Produção: Walt Disney Pictures e Walt Disney Feature Animation. Estados Unidos, 15 de jun. de 1994. 89 min de filme, son., cor.

Outro personagem que se encaixa nesse critério é Gaston, o vilão do filme *A Bela e a Fera* (1991). O personagem deseja se casar com a Bela apenas porque as pessoas da cidade a consideram a mais bonita de lá. Ele, por ser muito vaidoso e acreditar ser mais habilidoso do que todos, quer estar com alguém a sua altura. Não por amor, mas por puro narcisismo. Tanto que, ao analisar o trecho¹², é possível perceber que Gaston diz “Eu vi logo que ela tinha a beleza igual à minha. E é por isso que eu quero casar com ela.”¹³ enquanto se olha orgulhosamente no espelho, provando que ele ama mais a própria imagem do que Bela. Esse fragmento mostra como Gaston é narcisista. Levando em consideração a obra “Sobre o Narcisismo: uma introdução”, esse comportamento pode ser associado ao homossexualismo masculino uma vez que ele remete a uma obsessão consigo mesmo e, conseqüentemente, com suas próprias características físicas.

Uma curiosidade importante sobre *A Bela e a Fera* (1991) é que em 2017 o filme ganhou um *live action* e optou por adicionar a sexualidade de um personagem que antes não era abordada. O escolhido foi LeFou e, nesse enredo, ele não só admira, mas também é apaixonado pelo vilão. Isso faz com que ele contribua e ajude a encobrir algumas das maldades planejadas por Gaston. Entretanto, essa mudança só contribuiu para o estereótipo de que gays são engraçados e boas opções de melhores amigos, algo divulgado de forma cansativa na mídia como uma maneira de oferecer diversidade sem dar protagonismo ou personalidades complexas aos personagens.

¹² Entre 06’35 e 07’20.

¹³ Apêndice E - Vilão apaixonado pela própria aparência

Outro vilão que também apresenta masculinidade suspeita é o Governador Ratcliffe. Ele veste roupas com diversas cores e recortes, além de usar o cabelo preso em laços e agir de maneira delicada e pomposa. Todos esses atributos são encontrados apenas no antagonista da história e em seu ajudante, o que os distingue de todos os outros tripulantes e trabalhadores ingleses que viajaram para a América. As cores mais presentes nas roupas de Ratcliffe são roxo e rosa, tons relacionados ao poder e a feminilidade, respectivamente (CLEMENTE, 2020). Seus enfeites no cabelo em forma de laço vermelho, um de cada lado, também contribuem para a construção de uma imagem delicada. Por fim, os trejeitos leves e sutis ao se movimentar e pegar objetos se opõem a força e a firmeza com que os outros personagens do gênero masculino se comportam.

A única outra exceção a esse padrão é o seu ajudante, Wiggins, que afirma gostar do chefe apesar da opinião dos outros e está sempre em sua companhia. Ele auxilia o Governador na hora de se vestir e cuida de seu cachorro de estimação. Tudo isso pode ser visto no filme *Pocahontas* (1995)¹⁴, em que também ocorre um diálogo entre os personagens e Ratcliffe diz "Os homens gostam de Smith, não é? Eu nunca fui um homem querido."¹⁵, seguido pela resposta de Wiggins "Eu gosto do senhor" para que, logo depois, ambos falassem sobre o porquê das pessoas não gostarem do Governador.

Todos esses vilões do gênero masculino foram estudados e analisados por João Paulo Baliscai (2020). Os filmes escolhidos por ele foram produzidos na mesma década e com um ponto em comum: atributos que podem ser considerados afeminados. O problema desse tipo de história é que antagonistas são personagens que ensinam como as pessoas não devem ser ou se comportar. Dar características não heteronormativas pela primeira vez em pessoas com o perfil de vilão pode fazer com que isso seja associado a pessoas suspeitas de atos de manipulação ou crueldade.

Entretanto, eles não são os únicos, como foi possível perceber com Úrsula. Para além dela, também há o exemplo de Hades, deus do Submundo no filme *Hércules* (1997) e muitos outros. Nesse enredo, um herói grego tem a oportunidade de provar seu valor para viver entre os deuses. Apesar da Grécia ter sido um dos lugares ao redor do mundo em que, antes de Cristo, eram permitidos casos amorosos entre homens, a produtora preferiu dar prioridade para mais um vilão afeminado. Dessa vez, um que dá conselhos sobre homens e que é desprezado pelo resto da família, outro estereótipo comum.

Com exceção do vilão, todos os outros personagens de *Hércules* (1997) são

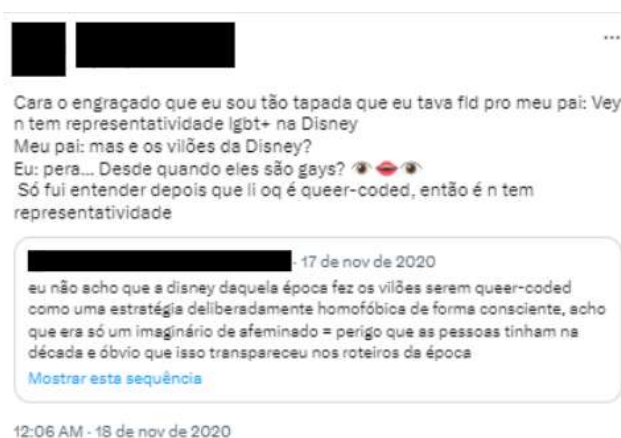
¹⁴ Entre os trechos 18'13 e 19'37.

¹⁵ Apêndice F - Vilão com aparência afeminada

explicitamente heterossexuais, desperdiçando uma representatividade que tinha até mesmo embasamento histórico para existir. Segundo a mitologia local, os próprios deuses Zeus e Apolo, por exemplo, possuíram amantes que se identificavam como homens. Esses são os contos de Ganimedes, o copeiro do Olimpo (FIRMINO, 2008), e Jacinto, o belo e forte mortal disputado entre dois deuses (SERGIO, 2011). Diante disso, a Disney teve a oportunidade perfeita para adicionar um personagem homossexual na trama de forma realista e falhou.

Entre as mensagens deixadas pelos fãs em diferentes fóruns do Twitter estão aquelas que reconhecem, nos vilões da Disney, a primeira manifestação de representatividade LGBTQIA+ (Figuras 19, 20 e 21). No entanto, há também aqueles que reconhecem com o dano provocado pela perpetuação desses estereótipos junto aos telespectadores, sobretudo quando se considera que uma parte considerável do público da produtora é composta por jovens em fase de formação. Esses comentários destacam o impacto implícito dessa representação, que associa a comunidade LGBTQIA+ com características negativas (Figuras 22, 23, 24 e 25).

Figura 19 - Depoimento sobre a descoberta dos vilões LGBTQIA+



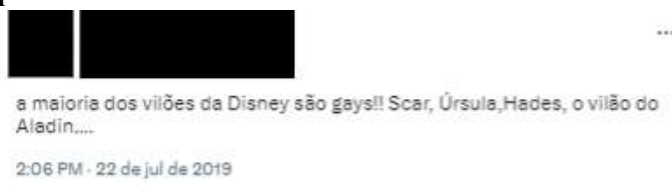
Fonte: CARA o engraçado que eu sou tão tapada que eu tava fld pro meu pai: Vey n tem representatividade lgbt+ na Disney. Meu pai: mas e os vilões da Disney? Eu: pera... Desde quando eles são gays? Só fui entender depois que li oq é queer-coded, então é n tem representatividade. Brasil, 18 de nov. de 2020. Twitter: @panquecadedebis. Disponível em: <https://twitter.com/panquecadedebis/status/1328897446315962369?s=46>. Acesso em 20 de maio de 2023.

Figura 20 - Depoimento reconhecendo vilões com diversidade LGBTQIA+



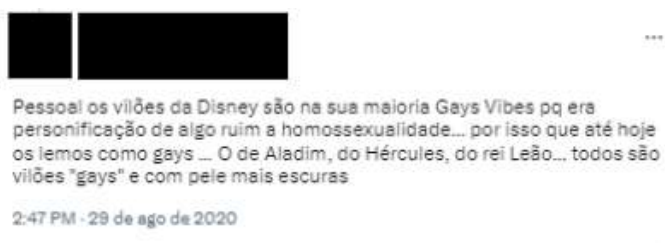
Fonte: TA ai a maior representatividade LGBT da Disney. Brasil, 31 de ago. de 2021. Twitter: @LKVLucas. Disponível em: <https://twitter.com/lkvlucas/status/1432835253522030594?s=46>. Acesso em 20 de maio de 2023.

Figura 21 - Depoimento reconhecendo a maioria dos vilões da Disney como gays



Fonte: A maioria dos vilões da Disney são gays!! Scar, Úrsula, Hades, o vilão do Aladin.... Brasil, 22 de jul. de 2019. Twitter: @lo_ovelhanegra. Disponível em: https://twitter.com/lo_ovelhanegra/status/1153350619190763520?s=46. Acesso em 20 de maio de 2023.

Figura 22 - Alerta sobre a associação da comunidade LGBTQIA+ com a maldade



Fonte: PESSOAL os vilões da Disney são na sua maioria Gays Vibes pq era personificação de algo ruim a homossexualidade... por isso que até hoje os lemos como gays... O de Aladim, do Hércules, do rei Leão... todos são vilões "gays" e com pele mais escuras. Brasil, 29 de ago. de 2020. Twitter: @ArtLuckyou. Disponível em: <https://twitter.com/artluckyou/status/1299765727625383939?s=46>. Acesso em 20 de maio de 2023.

Figura 23 - Depoimento lamentando a diversidade apenas em vilões



Fonte: PERSONAGENS codificados como gays da Disney :) $\frac{3}{4}$ deles são vilões :(. Brasil, 31 de mar. de 2019. Twitter: @timesnewmoran. Disponível em: <https://twitter.com/timesnewmoran/status/1112420788290928640?s=46>. Acesso em 20 de maio de 2023.

Figura 24 - Fã alegando que os vilões são gays para demonizar a diversidade



Fonte: A teoria de que os vilões da disney são meio gays com o intuito de demonizar lgbt+ faz sentido DEMAIS. Brasil, 22 de maio de 2021. Twitter: @rafaabrl. Disponível em: <https://twitter.com/rafaabrl/status/1396279152370651148?s=46>. Acesso em 20 de maio de 2023.

Figura 25 - Depoimento de fã que identifica padrão de vilanização LGBTQIA+



Fonte: DISNEY nos anos 90: vamos dazer nossos vilões darem pinta e aí as crianças vão ver que é errado e inadequado ser gay!!! Crianças nos anos 90: Pera.... Então eu posso ser gay *E* do mal?. Brasil, 17 de nov. de 2020.
 Twitter: @vampire_twink. Disponível em:
https://twitter.com/vampire_twink/status/1328867478571782144?s=46.
 Acesso em 20 de maio de 2023.

4.3 Oportunidades desperdiçadas: chances perdidas de inclusão

No final da Renascença e durante a Era Pós-Renascentista, a produtora americana começou a lançar filmes com potencial para alcançar o público LGBTQIA+. O primeiro deles foi *Mulan* (1998). Esse conta a história de uma jovem chinesa da época do império que tem o seu país invadido e decide se apresentar no exército no lugar de seu pai para evitar que ele morra em combate. Para que isso seja possível, Mulan precisa cortar os cabelos e agir de forma masculina. Com o treinamento necessário e muita perseverança ela consegue desconstruir a ideia de que determinados afazeres só poderiam ser executados por homens, contrariando também a divisão de tarefas divulgada em ideologias como a da Psicologia Evolucionista (WRIGHT, 1996).

Ainda disfarçada, ela ganha a admiração de seus colegas e de Shang, comandante de seu batalhão. Entretanto, ao descobrir que ela é uma mulher o comportamento de todos muda e ela é tratada como traidora, sendo abandonada e deixada viva apenas por ter salvo a vida de todos. Mesmo assim, quando a China e seus companheiros correm perigo novamente, Mulan

aparece para ajudá-los e ainda os orienta sobre como derrotar o inimigo, o que eles obedecem recordando do respeito e da confiança que tinham nela enquanto a personagem ainda se vestia como um homem. Assim, três guerreiros colocam roupas do gênero oposto e lutam usando artefatos femininos para ajudar Mulan e Shang a vencer os Hunos.

Esse filme permite questionar se qualquer opção de gênero seria relevante para o desenvolvimento do amor entre Mulan e Shang. Isso porque os dois protagonistas terminam juntos e em uma das falas no trecho¹⁶ ela diz “Você confiava em Ping. Por que seria diferente com Mulan?”¹⁷. No contexto da cena, essa frase fazia referência aos conselhos de guerra. Porém, caso fosse da vontade da produtora, também poderia se estender a questões envolvendo gênero e sexualidade, permitindo que a sociedade retratada fosse baseada em relações de poder e não no sexo biológico como já defendia Butler (2012) em seus estudos. Essa mudança sutil traria visibilidade para o tema, mas provavelmente traria uma queda nas vendas por desagradar parte do público que acompanha a Disney. Esse é exatamente o motivo porque essa oportunidade não foi acatada. Todas as transformações que ocorreram na produtora só aconteceram por conta de mudanças já existentes na sociedade que permitiram abordar esses temas e conseguir lucrar em cima deles. Caso fosse necessário perder parte da audiência e, conseqüentemente da renda que esses filmes geram, não haveria evolução nenhuma.

Por fim, o último filme que ofereceu algum tipo de possibilidade de representatividade, mas não aproveitou a oportunidade para se aprofundar no tema foi *Lilo & Stitch* (2002). Nele, um experimento extraterrestre foge de sua sentença e pousa na Terra, sendo adotado por uma humana e sua irmã que constituem uma família capaz de ensinar o amor para o pequeno animal. Para resgatar Stitch sem destruir o local em que ele se encontra, o cientista que o criou e um especialista sobre o planeta Terra se juntam para resolver o problema. Essa segunda autoridade se chamava Wendell Pleakley e é um alienígena que, diferente dos outros, poderia ser identificado como uma pessoa de gênero fluído. Esse reconhecimento não é feito durante o filme, porém em vários trechos é possível ver Pleakley optando por se vestir tanto de maneira masculina quanto feminina, usando joias, peruca e maquiagem. Durante a cena¹⁸, ele chega até mesmo a experimentar uma cabeleira falsa sem a necessidade de disfarce e se admira no espelho com ela, demonstrando gostar do que vê.

Dessa maneira, a produtora introduz um personagem que se veste de maneira

¹⁶ De 01'06'24 a 01'07'12.

¹⁷ Apêndice G - Discussão da importância do gênero

¹⁸ Que ocorre entre 33'53 e 34'54.

andrógina. Ou seja, dependendo de como Wendell quer se expressar no momento, ele pode optar por um determinado tipo de vestimenta relacionado a um gênero e no outro um completamente diferente¹⁹. O filme do alienígena que aprende a amar e a conviver com humanos fez sucesso e virou série televisiva no ano seguinte, levando consigo os outros personagens. Entretanto, não houve um desenvolvimento maior ou mesmo uma explicação sobre o comportamento de Pleakley, deixando uma brecha no que poderia ter sido um esclarecimento sobre outras formas que as pessoas têm de manifestar quem elas são.

Após esses episódios, a Disney investiu em produções que diminuíssem os estereótipos de gênero, como *Valente* (2012) e *Frozen* (2013). Esse foi um passo importante para a produtora, pois ambas as estigmatizações de gênero e sexualidade são lutas relevantes para a comunidade LGBTQIA+ e a suavização dos problemas relacionados a uma delas já abre caminho para outros avanços. Por exemplo, quando Merida desafia seus pretendentes e vence a batalha para decidir seu futuro noivo ela prova que não é uma donzela que precisa de proteção, quebrando a ideia de que um gênero sempre dependerá do outro para viver em harmonia e complementaridade. Esse conceito, seguido com a ausência de um casamento entre homem e mulher, já é um enorme avanço, pois a não obrigatoriedade do matrimônio dá mais opções de escolha para as protagonistas, que podem permanecer assim ou evoluir para outros tipos de união.

No segundo filme explicitado, a personagem principal é uma princesa que nasceu com poderes especiais da neve e do gelo. Porém, ela não aprendeu a utilizar esse talento da forma correta e ele acaba ficando sem controle. Com medo de machucar os outros, ela se isola de todos e um príncipe malvado aproveita a situação para tentar tomar o seu trono. Segundo Molly Farris em seu trabalho “Into the Unknow: A Queer Analysis of the Metaphors in Disney’s Frozen Franchise”, cenas como a de Elsa se trancando no quarto para esconder quem ela é servem como uma metáfora crítica para sua sexualidade. Ela fala sobre como a música “*Let it go*” aborda a solidão da mulher lésbica que precisa esconder seus desejos de todos com trechos como “A kingdom of isolation, and it looks like I’m the queen. The wind is howling like the swirling storm inside.”, que em português significa “Um reino de isolamento e parece que eu sou a rainha. O vento está uivando como a tempestade que rodopia por dentro”. Ela ainda descreve um mantra pra si mesma dizendo que não deve sentir ou demonstrar quem ela realmente é aos outros com “Conceal, don’t feel, don’t let them know”. Ambas as comparações também são levantadas por Neil Hayward Cocks (2022), que se aprofunda no questionamento de Judith Butler sobre a necessidade de algo ser explícito para poder ser

¹⁹ Apêndice H - Pleakley preferindo acessórios femininos

considerado um indício de sexualidade. Como a filósofa americana defende que não, ele aproveitou sua fala para indicar que Elsa é uma personagem *queer* mesmo sem que haja uma confirmação por parte da Disney.

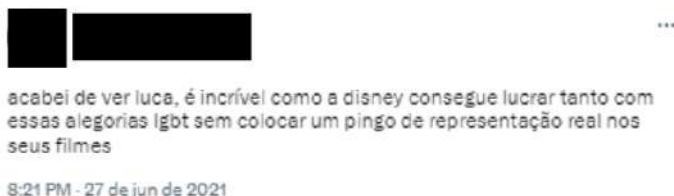
No segundo filme da franquia, *Frozen 2* (2019), a trama está relacionada a origem dos poderes de Elsa e em diversas músicas e trechos é possível entender que os problemas que surgem são apenas fruto do medo. Farris argumenta que, assim como os poderes da personagem causam estranhamento e apreensão por serem diferentes do que as outras pessoas podem fazer, *queers* sofrem preconceito devido ao desconhecimento e a falta de confiança que alguns indivíduos heterossexuais podem ter de suas vivências.

Em uma produção mais recente da Disney, *Luca* (2021), também há grandes indicações implícitas ao público que podem ser enquadradas no tema da sexualidade não evidente de Butler. A trama desse filme conta a história de dois jovens garotos italianos, um humano e um monstro marinho que fica em forma humanóide quando está fora da água. Os dois se tornam amigos e aprendem a lidar com as diferenças e necessidades um do outro. O principal *link* do filme com a causa LGBTQIA+ é que ele fala sobre o processo de se auto descobrir e também da aceitação tanto de familiares quanto de conhecidos sobre quem você quer ser.

No caso do filme, o Alberto aprende a se reconhecer como meio humano e não apenas monstro marinho. Além disso, ele também passa pela experiência de descobrir o nível de aceitabilidade que a família dele e as pessoas da cidade têm sobre sua descoberta. Isso é uma ótima metáfora para o processo de identificação de sexualidade ou gênero que muitas pessoas passam. Aliado a isso, serviria para explicar a sensação de expor essa informação tão íntima aos outros ao seu redor, como é quando alguém decide sair do armário.

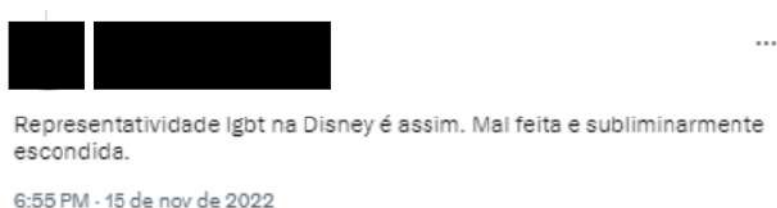
Apesar dessa sutil representatividade ser algo que gera identificação pelo público, não há um reconhecimento falado, o que é importante para gerar visibilidade. Para que isso seja possível, é necessária uma redistribuição de papéis e caracterizações que ainda não foram efetivamente aplicadas pela Disney. Isso pode ser notado tanto pela construção do enredo dos filmes quanto pela percepção da audiência ao assistir cada uma dessas produções (Figuras 26, 27 e 28). Mesmo com o passar dos anos e a construção de novas eras cinematográficas, o público continua percebendo que a produtora só usa a causa LGBTQIA+ para se promover, criando um histórico de falsas representações (Figuras 29 e 30)

Figura 26 - Depoimento sobre a representatividade velada e sem visibilidade



Fonte: ACABEI de ver luca, é incrível como a disney consegue lucrar tanto com essas alegorias lgbt sem colocar um pingo de representação real nos seus filmes. Brasil, 27 de jun. de 2021. Twitter: @pdrbahia. Disponível em: <https://twitter.com/pdrbahia/status/1409290882369662980?s=46>.

Figura 27 - Depoimento sobre representatividade fraca da Disney



Fonte: REPRESENTATIVIDADE lgbt na Disney é assim. Mal feita e subliminarmente escondida. Brasil, 15 de nov. de 2022. Twitter: @wFlorencio_. Disponível em: https://twitter.com/wflorencio_/status/1592637331475173377?s=46.

Figura 28 - Fã comenta tática para apresentar diversidade sem desagradar ninguém



Fonte: O que é representatividade lgbt+ na Disney/ o que NÃO é

representatividade lgbt+ na Disney. Representatividade n é só o autor fazer um post em rede social(onde nem 1/3 das pessoas que viram o desenho vão ver) afirmando que x personagem é da comunidade, ela tem que ser clara. Brasil, 29 de nov. de 2020. Twitter: @amityjudia.

Disponível em:

<https://twitter.com/amityjudia/status/1333216872536416256?s=48>.

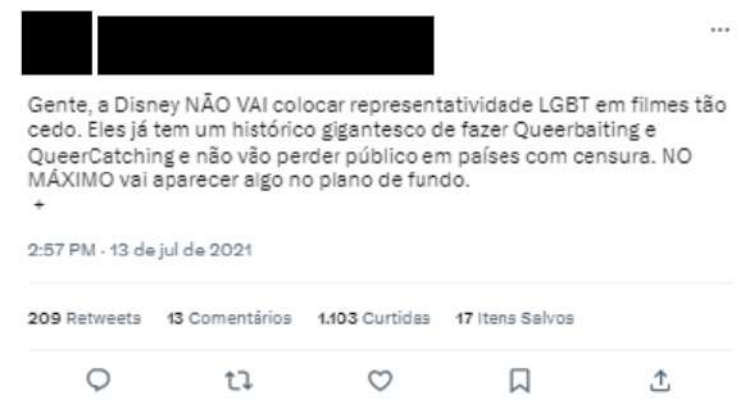
Acesso em 21 de maio de 2023.

Figura 29 - Depoimento sobre a Disney durante o mês do orgulho e no resto do ano



Fonte: DISNEY dando representatividade dos lgbt. Brasil, 05 de out. de 2021. Twitter: @poxamarquinhos. Disponível em: <https://twitter.com/poxamarquinhos/status/1445443729591001088?s=48>. Acesso em 21 de maio de 2023.

Figura 30 - Depoimento sobre as falsas representações da Disney





Fonte: GENTE, a Disney NÃO VAI colocar representatividade LGBT em filmes tão cedo. Eles já tem um histórico gigantesco de fazer Queerbaiting e QueerCatching e não vão perder público em países com censura. NO MÁXIMO vai aparecer algo no plano de fundo. + Brasil, 13 de jul. de 2021. Twitter: @MaxALeite. Disponível em: <https://twitter.com/maxaleite/status/1415007449543761923?s=46>. Acesso em 21 de maio de 2023.

Segundo uma pesquisa realizada pela Aliança Contra Difamação de Gays e Lésbicas divulgada no site Adoro Cinema, só 22 de 126 filmes possuem personagens LGBTQIA+, sendo que a maioria deles possui pouco tempo de tela. Esse estudo foi realizado levando em consideração os grandes estúdios de Hollywood em 2015 e não só a Disney. Esse fato garantiu uma pontuação mais alta uma vez que outros canais e estúdios introduziram personagens LGBTQIA+ em seus desenhos.

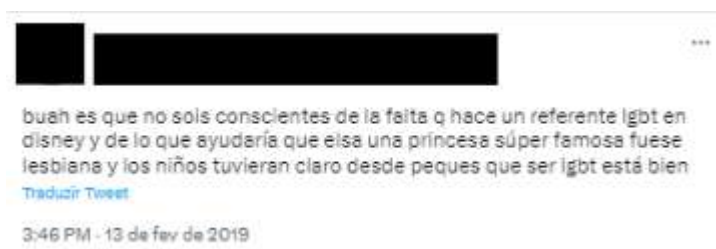
Para além disso, em 2019, Daniel Avery expôs que a GLAAD passou a considerar a Disney um dos mais fracos em trazer representatividade, falhando em construir personagens diversos. Esse é um fator que também foi percebido pelo público e exigido da produtora de diferentes formas, seja pela demanda em tornar personagens já existentes parte da comunidade LGBTQIA+ (Figura 31, 32 e 33) ou pela criação de novos que não apresentem pouca exposição visual (Figuras 34 e 35).

Figura 31 - Pedido de diversidade em personagens antigos da Disney



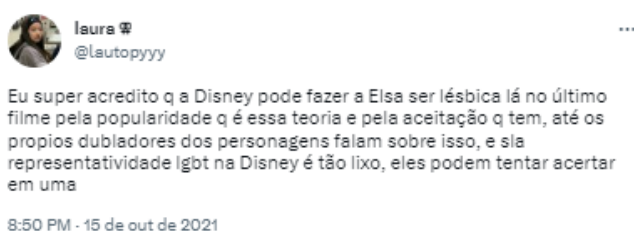
Fonte: O problema não é a falta de personagens lgbt nos filmes da disney. o que falta é a disney assumir eles. Brasil, 05 de jun. de 2018. Twitter: @kmlrbro. Disponível em: <https://twitter.com/kmlrbro/status/1004162091698311168?s=46>. Acesso em 21 de maio de 2023.

Figura 32 - Pedido de diversidade para a personagem Elsa



Fonte: POXA é que vocês não tem ideia da falta que faz ter uma referência lgbt na disney e do quanto ajudaria ter uma princesa super famosa como a elsa sendo lésbica para que as crianças soubessem desde pequenas que está tudo bem ser lgbt. Brasil, 13 de fev. de 2019. Twitter: @pussykmnaa. Disponível em: <https://twitter.com/pussykmnaa/status/1095740929791672322?s=46>. Acesso em 21 de maio de 2023.

Figura 33 - Esperança de diversidade para a personagem Elsa



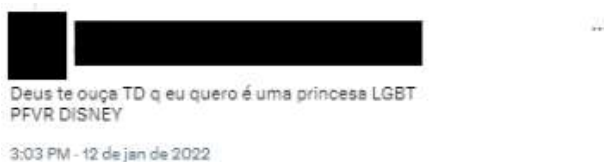
Fonte: EU super acredito que a Disney pode fazer a Elsa ser lésbica lá no último filme pela popularidade q é essa teoria e pela aceitação q tem, até os próprios dubladores dos personagens falam sobre isso, e sla representatividade lgbt na Disney é tão lixo, eles podem tentar acertar em uma. Brasil, 13 de fev. de 2019. Twitter: @pussykmnaa. Disponível em: <https://twitter.com/pussykmnaa/status/1095740929791672322?s=46>. Acesso em 21 de maio de 2023.

Figura 34 - Pedido de diversidade em princesas da Disney



Fonte: POR causa dessas coisas é necessário implementar a ESI para as crianças nas escolas e ensinar que existem famílias homoafetivas e que está tudo bem. Além disso, visibilizar mais a comunidade LGBTQ em desenhos e livros para crianças. Faz falta uma princesa da Disney lésbica por exemplo. Brasil, 02 de jul. de 2019. Twitter: @FedericoNiohe_. Disponível em: https://twitter.com/federiconiohe_/status/1146198005604859905?s=46. Acesso em 21 de maio de 2023.

Figura 35 - Fã implorando por uma princesa LGBTQ na Disney



Fonte: DEUS te ouça TD q eu quero é uma princesa LGBTQ PFVR DISNEY. Brasil, 12 de jan. de 2022. Twitter: @H_Wojcikiewicz. Disponível em: https://twitter.com/h_wojcikiewicz/status/1481326031223074816?s=46. Acesso em 21 de maio de 2023.

4.4 Expectativas de reconhecimento: promessas de diversidade

Durante a Era do Revival e do Streaming, a Disney lançou uma série de filmes em que personagens secundários poderiam ser interpretados como pertencentes à comunidade devido à composição da cena em que estavam inseridos. Em *Procurando Dory* (2016), sequência do filme *Procurando Nemo* (2003), existe uma cena²⁰ em que duas mulheres estão em um parque cheio de famílias no Instituto de Vida Marinha e uma delas vê que caiu uma mamadeira do carrinho de bebê logo atrás dela. Porém, dentro desse carrinho tem um polvo disfarçado de neném, o que acaba assustando a mesma devido a sua aparência incomum. Ela, então, segura

²⁰ Que ocorre entre os trechos 39'19 e 39'27.

o braço da outra mulher de forma protetiva e a vira para que ambas deixem o ambiente²¹.

Nenhuma das duas personagens é peça-chave para o entendimento da trama uma vez que a história é sobre um peixe com problemas de memória que tenta buscar respostas para seu passado. Contudo, segundo o Correio Brasiliense, a cena chamou a atenção dos internautas pela possibilidade de apresentação de uma nova configuração familiar antes não vista nos filmes da produtora. Aliado a isso, os diretores do filme decidiram se pronunciar dizendo que não confirmam nem negam as teorias.

Outro filme lançado no mesmo ano e que apresenta características parecidas é *Zootopia* (2016). Ele conta a história de uma coelha que deseja ocupar uma profissão normalmente designada para animais maiores. Diante disso, ela treina pesado e se dedica muito para realizar seu sonho e conseguir solucionar um caso de verdade. Em uma cena²² do filme, a coelha se apresenta para os seus dois vizinhos antílopes que moram juntos²³. Esse fato isolado não oferece nenhuma conclusão, porém, ao analisar os créditos²⁴ do filme é possível perceber que esses animais se chamam Bucky Oryx-Antlerson e Pronk Oryx-Antlerson. Seus sobrenomes iguais permitem inferir que os dois são casados ou familiares e um dos roteiristas do filme, Jared Bush, contribuiu para solucionar essa dúvida dizendo que são um casal (Figura 36).

Figura 36 - Confirmação de casal gay implícito em filme



Fonte: BUSH, Jared. Eles são um casal gay. Porém eles não gritam um com o outro porque são gays, eles fazem isso porque são reais. ;). Estados Unidos, 30 de Novembro de 2016. Twitter: @thejaredbush. Disponível em: <https://twitter.com/thejaredbush/status/803836679425556480>. Acesso em 15 de nov. de 2022.

Da mesma maneira que os dois filmes anteriores, *Toy Story 4* (2019) também trouxe um casal formado por pessoas do mesmo gênero que não alteram em nada a trama, mas que contribuem para que esse padrão também passe a ser visto com naturalidade pelos seus

²¹ Apêndice I - Possível casal formado por duas mulheres

²² Entre 12'55 e 13'01.

²³ Apêndice J - Casal formado por dois homens

²⁴ Entre 01'40'26 e 01'40'38.

telespectadores. Na cena²⁵ pode ser visto um ambiente escolar com várias crianças e pais ao redor. No início, é possível ver uma mãe abaixada abraçando um menino que parece ser seu filho. Alguns segundos depois, outra mulher também se inclina na mesma direção com as mãos nas costas da primeira para falar com a mesma criança. Depois, com a mudança de ângulo, é possível ver os três personagens se abraçando em despedida já que os pais precisam deixar seus filhos na creche e sair. Em outra cena, as mesmas mães aparecem juntas para buscar a criança.²⁶

No ano seguinte, a produtora lançou *Dois Irmãos: Uma Jornada Fantástica* (2020) com uma personagem cuja sexualidade é explícita, ao contrário do que vinha sendo exposto até então nos filmes de animação. Esse filme conta a história de um elfo que não teve a oportunidade de conhecer seu pai devido ao falecimento do mesmo. Porém, recebe um presente de aniversário especial que permite que ele compreenda que tudo aquilo que ele sempre sonhou viver e aprender com o progenitor poderia ser experimentado com o irmão mais velho.

A personagem lésbica presente no filme se chama Spectre e é uma policial que trabalha com o padrasto do elfo. Ou seja, ela ainda possui papel secundário como nas produções anteriores, porém desta vez tem uma comprovação oral no próprio filme de que possui relações homoafetivas com outra figurante. Spectre conduz uma investigação policial²⁷ e comenta “Não é fácil virar pai de repente. A filha da minha namorada me deixou careca, sabia?”²⁸ ao imaginar que o colega de trabalho estava nervoso por conta disso quando, na verdade, ele é um disfarce dos dois irmãos para não serem presos.

A reação negativa após essa produção veio forte. Segundo o Papo de Cinema, quatro países não permitiram a veiculação do filme. Kuwait, Omã, Catar e Arábia Saudita barraram a estreia de *Dois Irmãos: Uma Jornada Fantástica* (2020) e até hoje mantém a censura por conta da personagem homossexual. Entretanto, fãs alegam que esse cenário isolado não seria motivo para um lançamento fracassado. Depoimentos demonstram que a produção poderia ter sido um sucesso se a própria Disney não tivesse boicotado sua divulgação (Figura 37) ou se o início da pandemia do coronavírus não tivesse ocorrido no mesmo período, uma vez que muitos cinemas fecharam e várias pessoas deixaram de transitar pelas ruas.

Figura 37 - Fã denunciando boicote aos filmes LGBTQIA+ pela Disney

²⁵ De 11'32 a 11'43.

²⁶ Apêndice K - Casal de lésbicas com o filho

²⁷ Durante os trechos de 48'13 a 51'41.

²⁸ Apêndice L - Mulher afirma ter namorada em cena



Fonte: FALTA de marketing pq a Disney não botou uma grama de fé nesse projeto kkkkkkkkkk Tem uma galera que jura de pé junto q foi pra por conta das temáticas LGBT presentes na animação mas pra mim isso não tem lógica vendo o histórico de diversos desenhos q tem e fizeram+. Brasil, 15 de abr. de 2023. Twitter: @Math_BDB. Disponível em: https://twitter.com/math_bdb/status/1647186465560973312?s=46. Acesso em 21 de maio de 2023.

Com essa transformação gradual, a Disney divulgou um curta-metragem abordando o amor entre pessoas do mesmo gênero chamado *Segredos Mágicos* (2020). Esse pequeno filme possui a trama principal relacionada a um homem gay que vai se mudar para uma casa nova com seu namorado e seu cachorro, mas recebe a visita de sua família que ainda não sabe da sua sexualidade. A produção se diferencia por demonstrar uma relação de afeto e carinho entre dois homens e também por retratar o processo de aceitação familiar do protagonista, algo que não tinha sido compartilhado até então na Disney. Entretanto, o filme é cheio de estereótipos, como a música pop-eletrônica e o arco-íris (DUQUE, 2020), elementos muito associados com um determinado padrão de comportamento da comunidade LGBTQIA+. Além de ser apenas um curta pertencente a uma coleção dentro do Sparkshorts, não um filme de grande divulgação e bilheteria da Disney. Apesar de não ser o cenário ideal de representação, esse pequeno avanço só foi possível graças à insistência incansável dos fãs e de membros da própria produtora que lutaram para conseguir um filme de temática não heteronormativa (Figura 38).

Figura 38 - Depoimento com os esforços realizados para conseguir representatividade



Fonte: A pouca representatividade LGBT que tem nessa gigante do entretenimento é graças a luta e protesto de funcionários da equipe de criadores como Pixar, Walt Disney Studios/Animation, Marvel Studios e por aí vai... que desde sempre pressionam para essas histórias saírem do papel. Brasil, 12 de mar. de 2022. Twitter: @InfoStarPlusBR. Disponível em: <https://twitter.com/infostarplusbr/status/1502767746169413635?s=46>. Acesso em 21 de maio de 2023.

Na Era dos Streamings, a produtora americana introduziu mais dois filmes com temáticas LGBTQIA+. O primeiro deles foi *Lightyear* (2022), que conta a história que inspirou a criação do boneco Buzz Lightyear pertencente à sequência *Toy Story*. O segundo foi *Mundo Estranho* (2022) que apresenta uma fantasia em família cheia de aventuras.

O filme do herói astronauta²⁹ mostra o que acontece com a vida de sua colega de trabalho, a comandante Alisha Hawthorne, enquanto ele tenta solucionar o problema que os prendeu em um planeta inexplorado. A cena dura apenas alguns minutos, mas utiliza vários dos princípios de animação do estúdio, sendo o mais importante deles a temporização. Durante esse tempo, é possível assistir a passagem de tempo da vida da comandante. Ela é uma mulher negra que, assim como o resto da tripulação, precisou se estabelecer no novo planeta. Ela se casou e ficou grávida, fatores que são perceptíveis graças à protuberância na barriga de Hawthorne e ao anel dourado em seu dedo.

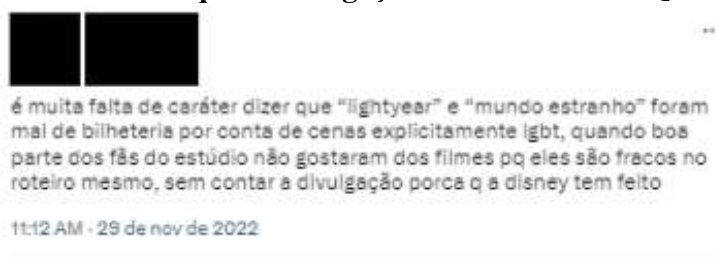
Nos momentos seguintes, é apresentado ao telespectador a pessoa com quem a comandante se casou e ela é uma mulher de cabelos curtos que abraça tanto ela quanto a criança que Alisha deu à luz. Mais algumas cenas intermediárias acontecem até que ambas as personagens aparecem de novo, já de cabelos brancos e com o filho bem mais velho em uma comemoração de aniversário. As duas mulheres se beijam e se abraçam enquanto o garoto

²⁹ Durante os trechos que ocorrem entre 21'16 e 22'23.

aparece com os braços em volta da parceira³⁰. Toda a cena trás aspectos de interseccionalidade como Nancy Fraser (2019) divulgou, mostrando não só um casal lésbico, mas também um relacionamento interracial.

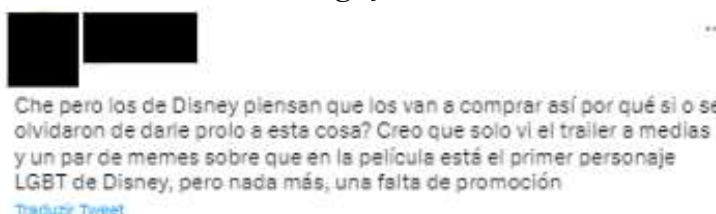
A produção sofreu boicotes e só faturou 187 milhões de dólares nas primeiras duas semanas em cartaz. Segundo críticos como Kyle Smith “A decisão da Disney de passar alguns minutos na tela nos lembrando que é uma empresa gay-friendly pode ter custado milhões em vendas de ingressos para o que deveria ser seu mega sucesso anual da Pixar.”. Além disso, segundo a Gazeta do Povo, o filme também foi proibido em mais de uma dúzia de países exatamente por conta da cena em questão. Entretanto, assim como em filmes anteriores, os fãs da marca afirmam que o baixo faturamento tem relação com a publicidade que deixou a desejar em ambas as produções (Figuras 39 e 40).

Figura 39 - Fã afirma que a divulgação de filmes LGBTQIA+ foi fraca



Fonte: É muita falta de caráter dizer que ‘lightyear’ e ‘mundo estranho’ foram mal de bilheteria por conta de cenas explicitamente lgbt, quando boa parte dos fãs do estúdio não gostam dos filmes pq eles são fracos no roteiro mesmo, sem contar a divulgação porca que a disney tem feito. Brasil, 29 de nov. de 2022. Twitter: @rafa_bill2. Disponível em: https://twitter.com/rafa_bill2/status/1597594325273251840?s=46. Acesso em 21 de maio de 2023.

Figura 40 - Fã relata falta de divulgação em filmes LGBTQIA+ da Disney



Fonte: PO mas a Disney pensa que vão comprá-lo assim se esqueceram de divulgar essa coisa? Acho que só vi o trailer umas poucas vezes e encontrei divulgações na internet sobre esse filme ter o primeiro personagem LGBT da Disney, porém nada mais, uma falta de divulgação . Argentina, 28 de nov. de 2022. Twitter: @vovensio. Disponível em: <https://twitter.com/vovensio/status/1597247093978320896?s=46>. Acesso em 21 de maio de 2023.

³⁰ Apêndice M - Família composta por duas mulheres

No fim de 2022, a Walt Disney Pictures lançou o seu mais novo filme chamado *Mundo Estranho* (2022). Pelo trailer e pelas prévias disponíveis a produção prometeu entregar uma aventura em família com muita ação e diversão. A trama envolve três personagens principais que são avô, pai e neto, respectivamente. Eles são: Jaeger Clade, um grande explorador desaparecido, porém valorizado por todos; Searcher Clade, um homem mais ligado a família e cultivador de uma planta capaz de gerar energia sustentável; e Ethan Clade, um adolescente que quer ter experiências significativas em harmonia com os elementos a sua volta.

Um detalhe que não foi colocado no trailer, mas que é interessante para o mapeamento da evolução da Disney em relação a representatividade LGBTQIA+ é que o neto da família terá interesse romântico em outro personagem do mesmo gênero. Diante disso, apesar da história principal falar sobre conflito geracional, também será possível introduzir para os telespectadores a vivência de alguém que está descobrindo sua sexualidade. Esse é um fator muito interessante, pois Ethan é o primeiro protagonista gay da Disney e o filme tem como objetivo trazer o tema com naturalidade, sem que isso seja um segredo ou um constrangimento para sua família ou amigos.

Segundo o site Disney Plus Brasil, o filme *Mundo Estranho* (2022) quebrou o recorde negativo em comparação com os outros filmes da produtora americana. Ele atingiu nota B no CinemaScore, que é a mais baixa que um filme da Disney já teve. Até o lançamento dessa produção, a nota mais baixa recebida tinha sido A-, o que é uma exceção já que a maioria dos filmes conseguiram uma ótima classificação, como é o caso de *A Bela e a Fera* (1991), *Aladdin* (1992), *O Rei Leão* (1994), *Mulan* (1998) e *Frozen* (2013) que obtiveram nota A+.

Apesar da aparente baixa receptividade ao filme, o Observatório do Cinema levantou uma série de críticas positivas que a produção recebeu. A revista *Variety* elogiou o conteúdo, principalmente a caracterização dos personagens. O *The Hollywood Reporter* disse que a produção tinha tudo para se tornar um clássico. Enquanto isso, *The Los Angeles Times* e *Looper* exaltaram a dinâmica familiar e a mensagem da trama. Diante disso, fica evidente que uma disseminação maior do lançamento poderia ter garantido uma avaliação melhor a essa produção. Contudo, essa não foi a escolha da Disney, pelo contrário, eles optaram por continuar com o marketing pouco expressivo assim como a audiência havia percebido nas últimas produções com a mesma temática (Figura 41).

Figura 41 - Fã discorda dos motivos para o fracasso de filme com temática LGBTQIA+



Fonte: NÃO concordo! #StrangeWorld sofreu muitos boicotes por conta da representação LGBTQ+ e ainda teve um marketing PÍFIO da Disney. Além disso, para cobrir a falta de Marketing, chamaram influencers pra fazer esse trabalho. Tudo isso colaborou para o fracasso, obviamente. Brasil, 27 de nov. de 2022. Twitter: @apolo_junior. Disponível em: https://twitter.com/apolo_junior/status/1597015291841884162?s=46. Acesso em 21 de maio de 2023.

Em razão do baixo comprometimento da Disney encontrado tanto nas escolhas de enredo quanto na percepção dos fãs sobre a distribuição de histórias e personagens, fica evidente que ainda é necessário muito estudo para fazer uma representatividade positiva e efetiva da comunidade LGBTQIA+. Mesmo os filmes que já apresentam a temática ainda não ultrapassaram a barreira do *queerbaiting* e do Marketing de Causa fracassado, como foi explicitado nos subcapítulos 2.4 e 3.5.

É notório, pelos depoimentos e estudos levantados em 2.2, 3.2, 3.3 e 3.4, que a marca diminuiu a quantidade de enredos que valorizassem o machismo, o patriarcado e a heterossexualidade. Porém, isso só aconteceu após anos de manifestações dos fãs, que divulgaram suas esperanças e reclamações para cada filme produzido. Enquanto isso, questões envolvendo sexualidade, raça, idade e aparência continuam sendo trabalhadas apenas com ressalvas. Os *tweets* comprovam a existência de uma demanda não atendida por conteúdos verdadeiramente diversos e bem divulgados, assim como foi defendido por outros autores no subcapítulo 3.5. Porém, isso só ocorrerá quando essa mudança for incontestavelmente lucrativa para a empresa, devido ao perfil capitalista da Disney exposto no subcapítulo 3.1.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos anos, a opinião dos indivíduos sobre gênero e sexualidade mudou drasticamente. Sua transformação foi acompanhada por estudiosos e pesquisadores ao redor do mundo e resultou em diferentes conclusões dependendo da época, da cultura e do local em que estavam inseridos. Dessa forma, o desfecho majoritário que pode ser compreendido é que ocorreram diversas metamorfoses sociais nas sociedades, sendo possível montar uma linha temporal de acontecimentos e pontos de vista com elas.

Com a evolução dos sistemas de comunicação também foi possível registrar cada uma dessas mudanças pelas quais a população mundial passou. Entre elas, a criação e popularização do cinema, um veículo de divulgação de ideias e costumes em um formato lúdico que permite não só o ensinamento de conhecimentos, como também a diversão e o entretenimento.

A Disney é uma empresa americana que ficou muito conhecida por seus filmes de animação. Apesar desse não ser o único tipo de metragem que ela produz, seu público está acostumado a esperar grandes histórias nesse recurso cinematográfico. Como uma renomada produtora de filmes, a empresa detém o poder de comunicar aos seus telespectadores enredos que carregam mensagens instrutivas e educacionais junto com o lazer prometido. Competência essa que fica ainda mais importante ao levar em consideração que parte de sua audiência é composta por crianças e adolescentes. Eles, por estarem em fase de crescimento e desenvolvimento, têm maior facilidade de assimilar ideias e entender padrões.

Ao longo de suas eras, a companhia passou a fazer algumas mudanças em relação à representatividade LGBTQIA+ para atender às demandas do público e expandir sua base de telespectadores. No entanto, essa decisão parece ser mais motivada pelo lucro do que por um real compromisso da Disney com a causa. Muitas vezes, a representação presente nas obras é mínima e estereotipada, e a empresa é frequentemente questionada sobre seu posicionamento em relação ao tema. Até agora a inclusão de casais não heterossexuais e pessoas não cisgênero é apresentada apenas de forma limitada e superficial em suas histórias ou com pouca divulgação para que o público possa se conectar efetivamente com elas.

Este trabalho tem como objetivo identificar a passagem de tempo dos personagens pertencentes a comunidade LGBTQIA+, mapeando a percepção dos telespectadores em cada era da Disney. A partir disso, foram expostas algumas das consequências e repercussões que cada mudança provocou. Essa reflexão revelou a necessidade de um aprimoramento na representação da diversidade, destacando que ela é, atualmente, abordada de forma

insuficiente. É fundamental desenvolver enredos e personalidades mais elaboradas para abordar esse tema de maneira mais completa e fidedigna. As opiniões e depoimentos compartilhados após a publicação de cada história foram fundamentais para essa compreensão. Além disso, a análise técnica do roteiro, por meio da decupagem, revelou a presença de elementos gráficos nas cenas que também contribuíram para identificar a falta de representatividade positiva e funcional na Disney.

Embora existam diferentes opiniões sobre a inclusão desse tema nos filmes da produtora, este trabalho concentra-se em defender a importância da representação e destaca o contexto social que impulsionou essa demanda. Para que isso pudesse acontecer, foram exemplificadas tanto a evolução do cinema quanto das questões de gênero. Além de também levar em consideração o funcionamento da indústria cultural e a finalidade das empresas em um meio capitalista.

A Disney continua utilizando estratégias de construção de tramas e divulgação de produções que resultam em uma representação mínima ou ausente de diversidade. A empresa tenta realizar essa abordagem para não desagradar um público mais conservador que pode resistir a mudanças mais significativas e progressistas. Isso significa que, embora a Disney tente se promover em torno de uma causa de inclusão, ela não abraça completamente essa temática em suas obras. Isso porque busca atender a diferentes grupos de público para alcançar o maior lucro possível e acaba falhando em ambos por falta de identificação com os valores.

Em suas transições, ela saiu de um cenário em que todos os indivíduos eram cisgêneros e heterossexuais para introduzir menos heteronormatividade em alguns de seus vilões. Depois disso, adicionou figurantes e personagens secundários que tivessem diferentes maneiras de se identificar ou amar. Porém, fez isso de forma velada ou meramente implícita, deixando ao critério da audiência decidir se existe diversidade ali ou não. Então, por fim, colocou personalidades com maior tempo de tela e um protagonista que pertence à comunidade LGBTQIA+, mas sem uma divulgação adequada da produção para que ela pudesse ser considerada um lançamento de sucesso.

Diante disso, podemos afirmar que a abordagem da Disney em relação à temática em seus filmes de animação têm demonstrado alterações ao longo das eras. No entanto, é importante ressaltar que ainda há espaço para melhorias significativas na construção de personagens. Embora a empresa diga que se esforça para manter essa agenda em postagens oficiais e publique os filmes mesmo com censuras e proibições em alguns países, ainda é necessário um comprometimento mais robusto e abrangente com a causa para que ela possa

ser considerada concreta. Dessa forma, não é possível dizer que este trabalho está concluído. Isso porque a produtora ainda não entregou o nível de diversidade prometido. Nesse sentido, uma das linhas de complementação para futuras pesquisas seria continuar analisando a próxima década de animações para entender as melhorias realizadas e o nível de visibilidade que cada uma delas oferece. Isso poderia ser feito a partir da decupagem dos próximos lançamentos da produtora e do recolhimento de mais depoimentos de fãs.

Aliado a isso, também seria interessante fazer um levantamento mais detalhado e qualitativo da opinião do público sobre cada uma das modificações realizadas. Apesar das críticas no *Twitter* já apresentarem uma parcela do posicionamento da audiência, uma pesquisa de mercado com amostragem poderia garantir maior assertividade no entendimento dos efeitos da transformação. Ela poderia ser feita a partir de um formulário com índice de recomendação e grau de satisfação, entre outras perguntas que ajudassem a compreender a opinião do público da companhia.

Por fim, outro tópico adicional que pode enriquecer o estudo é uma comparação entre estúdios de cinema para entender o nível de visibilidade que cada um deles ofereceu em determinado ano. Dentre as várias datas disponíveis para abordar o assunto, a mais interessante é a partir de 2022, pois foi para esse período que a presidente da Disney General Entertainment anunciou o início de sua agenda voltada para a busca da representatividade. O objetivo dessa análise seria entender o quanto a Disney está atrasada ou adiantada em relação às outras produtoras e poderia ser feita por meio de um estudo mais descritivo dos filmes, como ocorre na decupagem de cenas.

REFERÊNCIAS

'A BELA Adormecida' completa 60 anos; veja 10 fatos sobre o filme. **GLOBONEWS**, 06 de Fevereiro de 2019. Disponível em:

<https://g1.globo.com/globonews/noticia/2019/02/06/a-bela-adormecida-completa-60-anos-veja-10-fatos-sobre-o-filme.ghtml>. Acesso em: 28 de out. de 2022.

A BELA ADORMECIDA. Direção: Les Clark, Clyde Geronimi, Eric Larson, Wolfgang Reitherman e Hamilton Luske. Produção: Walt Disney Pictures. Estados Unidos, 29 de jan. de 1959. 75 min de filme, son., cor.

A BELA E A FERA. Direção: Bill Condon. Produção: Walt Disney Pictures e Mandeville Films. Estados Unidos, 17 de mar. de 2017. 129 min de filme, son., cor.

A BELA E A FERA. Direção: Gary Trousdale e Kirk Wise. Produção: Walt Disney Pictures, Walt Disney Feature Animation e Silver Screen Partners IV. Estados Unidos, 13 de dez. de 1991. 84 min de filme, son., cor.

ACABEI de ver luca, é incrível como a disney consegue lucrar tanto com essas alegorias lgbt sem colocar um pingo de representação real nos seus filmes. Brasil, 27 de jun. de 2021.

Twitter: @pdrbahia. Disponível em:

<https://twitter.com/pdrbahia/status/1409290882369662980?s=46>.

A CORPORAÇÃO. Direção: Mark Achbar e Jennifer Abbott. Produção: Big Picture Media Corporation. Canadá, 10 de set. de 2013. 145 min de filme, son. cor.

AH SIM, a toda poderosa Disney que não tem sequer um protagonista LGBT, e não é por falta de pedido. A toda poderosa Disney que vetou uma série com temática LGBT (que teve que ir pra Hulu). Façam mais antes de usar essa bandeira e fazer esse discurso. Brasil, 25 de abr. de 2021. Twitter: @patriself. Disponível em:

<https://twitter.com/patriself/status/1386213716253888513?s=46>. Acesso em 20 de maio de 2023.

ALADDIN. Direção: Ron Clements e John Musker. Produção: Walt Disney Pictures e Walt Disney Feature Animation. Estados Unidos, 25 de nov. de 1992. 90 min de filme, son., cor.

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS. Direção: Clyde Geronimi, Wilfred Jackson e Hamilton Luske. Produção: Walt Disney Productions. Estados Unidos, 26 de julho de 1951. 75 min de filme, son., cor.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

A MAIORIA dos vilões da Disney são gays!! Scar, Úrsula, Hades, o vilão do Aladin.... Brasil, 22 de jul. de 2019. Twitter: @lo_ovelhanegra. Disponível em:

https://twitter.com/lo_ovelhanegra/status/1153350619190763520?s=46. Acesso em 20 de maio de 2023.

ANDRADE, Ranyelle. Por que personagens negros viram animais ou morrem em filmes e na

TV? **Metrópolis**. Disponível em:

<https://www.metropoles.com/entretenimento/por-que-personagens-negros-viram-animais-ou-morrem-em-filmes-e-na-tv>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

A NOVA ONDA DO IMPERADOR. Direção: Mark Dindal. Produção: Walt Disney Pictures. Estados Unidos, 15 de dezembro de 2000. 78 min de filme, son., cor.

ANTUNES, Silvana. Há pouco mais de três décadas a homossexualidade era tratada como doença mental. **Tribuna do Pampa**, 28 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.tribunadopampa.com.br/ha-pouco-mais-de-tres-decadas-a-homossexualidade-era-tratada-como-doenca-mental/>. Acesso em: 28 de out. de 2022.

APENAS 18% dos filmes lançados nos EUA possuem personagens LGBT. A campeã de falta de diversidade é a Disney, com exatos 0%. Brasil, 24 de maio de 2019. Twitter: @berieux. Disponível em: <https://twitter.com/berieux/status/1132062617189736448?s=46>. Acesso em 20 de maio de 2023.

A PEQUENA SEREIA. Direção: John Musker e Ron Clements. Produção: Walt Disney Pictures, Walt Disney Feature Animation e Silver Screen Partners IV. Estados Unidos, 5 de dez. de 1989. 83 min de filme, son., cor.

A POUCA representatividade LGBT que tem nessa gigante do entretenimento é graças a luta e protesto de funcionários da equipe de criadores como Pixar, Walt Disney Studios/Animation, Marvel Studios e por aí vai... que desde sempre pressionam para essas histórias saírem do papel. Brasil, 12 de mar. de 2022. Twitter: @InfoStarPlusBR. Disponível em: <https://twitter.com/infostarplusbr/status/1502767746169413635?s=46>. Acesso em 21 de maio de 2023.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. Tradução de Eloisa de Araújo Ribeiro. Campinas: Papirus, 2003. 396 p. ISBN 8530808913.

A TEORIA de que os vilões da disney são meio gays com o intuito de demonizar lgbt+ faz sentido DEMAIS. Brasil, 22 de maio de 2021. Twitter: @rafaabrl. Disponível em: <https://twitter.com/rafaabrl/status/1396279152370651148?s=46>. Acesso em 20 de maio de 2023.

BALISCEI, João Paulo. O vilão suspeito: o que há de errado com a masculinidade dos vilões da Disney?. **Diversidade e Educação**, v. 7, n.2, p. 45-70, 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BECKER, Alan. 12 Principles of Animation (Official Full Series). **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uDqjIdI4bF4>. Acesso em: 02 de Novembro de 2022.

BENTO, Berenice. **Transviadas**: gênero, sexualidade e corporeidade em processos de subjetivação de travestis brasileiras. São Paulo: Annablume, 2006. 336 p. ISBN 85-7419-619-3.

BOURDIEU, Pierre. **La domination masculine**. Paris: Seuil, 1998.

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES. Direção: David Hand. Produção: Walt Disney Pictures e Walt Disney Animation. Estados Unidos, 21 de dez. de 1937. 83 min de filme, son., cor.

BRENNAN, Joseph. **Queerbaiting and Fandom: Teasing Fans through Homoerotic Possibilities**. Iowa City: University of Iowa Press, 2019. 221 p.

BREVE, Giovanna. Da Branca de Neve à Encanto: Entenda as eras que marcaram as animações da Disney. **Omelete**, 15 de nov. de 2022. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/disney/eras-animacoes-disney-lista#58>. Acesso em 16 de maio de 2023.

BUENO, Winnie. **Eu, empregada doméstica: uma trajetória de luta e dignidade**. São Paulo: Letramento, 2018.

BUHLMAN, Jocelyn. Stop everything and watch these stop-motion movies on Disney+. **D23 The official Disney fan club**, 12 de abr. de 2021. Disponível em: <https://d23.com/stop-everything-and-watch-these-stop-motion-movies-on-disney-plus/>. Acesso em 21 de out. de 2022.

BUSH, Jared. **Eles são um casal gay. Porém eles não gritam um com o outro porque são gays, eles fazem isso porque são reais. ;)**. Estados Unidos, 30 de Novembro de 2016. Twitter: @thejaredbush. Disponível em: <https://twitter.com/thejaredbush/status/803836679425556480>. Acesso em 15 de nov. de 2022.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 4a Edição, 2012.

BUTLER, Judith. **Vida Precária: Os Poderes do Luto e da Violência**. Tradução de Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

CARA o engraçado que eu sou tão tapada que eu tava fld pro meu pai: Vey n tem representatividade lgbt+ na Disney. Meu pai: mas e os vilões da Disney? Eu: pera... Desde quando eles são gays? Só fui entender depois que li oq é queer-coded, então é n tem representatividade. Brasil, 18 de nov. de 2020. Twitter: @panquecadebis. Disponível em: <https://twitter.com/panquecadebis/status/1328897446315962369?s=46>. Acesso em 20 de maio de 2023.

CARTOON Network e Nickelodeon já possuem personagens LGBT, só falta a Disney. Bem, tem a Elsa de Frozen mas não conta muito porque não foi confirmado. Chile, 29 de set. de 2020. Twitter: @MariteCerpa. Disponível em: <https://twitter.com/maritecerpa/status/1311079153026904067?s=46>. Acesso em 20 de maio de 2023.

CINDERELLA. Direção: Clyde Geronimi, Wilfred Jackson e Hamilton Luske. Produção: Walt Disney Pictures. Estados Unidos, 4 de mar. de 1950. 74 min de filme, son.cor.

CLEMENTE, Matheus. Entenda o que é psicologia das cores e descubra o significado de cada

cor. **Rock Content**, 22 de jul. de 2020. Disponível em:
<https://rockcontent.com/br/blog/psicologia-das-cores/>. Acesso em: 11 de nov. de 2022.

COCKS, Neil Hayward. Letting go, coming out, and working through: queer Frozen. **Humanities**, 11 (6). 146. [S.I.], 24 de nov. de 2022. Disponível em:
<https://centaur.reading.ac.uk/109070/>

COLLINS, Patricia Hill. Mammies, Matriarchs, and Other Controlling Images. In: COLLINS, Patricia Hill. **Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment**. New York: Routledge, 2000. p. 74-100.

CORBIN, Alain. **A relação íntima ou os prazeres da troca**. História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

COTTE, Olivier. **100 ans de cinéma d'animation: la fabuleuse aventure du film d'animation à travers le monde**. Paris: Dunod, 2015.

COYNE, Sarah M. WHITEHEAD, Emily. Indirect Aggression in Animated Disney Films. **Journal of Communication**, v.58, n. 2, p. 382–395, 2008.

DANTAS, Carolina. 7 perguntas sobre como a ciência vê a chamada ‘cura gay’. **G1**, 21 de set. de 2017. Disponível em:
<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/7-perguntas-sobre-como-a-ciencia-ve-a-chamada-cura-gay.ghtml>. Acesso em: 02 de jan. 2023.

DEPALMA, Renee; ATKINSON, Elizabeth. **Interrogating Heteronormativity in Primary Schools: The No Outsiders Project**. [S.I.]: Trentham Books Ltd, 2009.

DEUS te ouça TD q eu quero é uma princesa LGBT PFVR DISNEY. Brasil, 12 de jan. de 2022. Twitter: @H_Wojcikiewicz. Disponível em:
https://twitter.com/h_wojcikiewicz/status/1481326031223074816?s=46. Acesso em: 21 de maio de 2023.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Diretores comentam repercussão de possível casal lésbico em Procurando Dory. **Correio Braziliense**, 10 de jun. de 2016. Disponível em:
https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016/06/10/interna_diversao_arte,535798/diretores-comentam-repercussao-de-possivel-casal-lesbico-em-procurando.shtml. Acesso em: 26 de nov. de 2022.

DISNEY BRASIL. Institucional. **Disney**. Disponível em:
<https://cidadania.disney.com.br/institucional#:~:text=Conduzir%20nossos%20neg%C3%B3cios%20e%20criar,constru%C3%A7%C3%A3o%20de%20um%20futuro%20melhor>. Acesso em: 11 de jun. de 2023.

DISNEY dando representatividade dos lgbt. Brasil, 05 de out. de 2021. Twitter: @poxamarquinhos. Disponível em:
<https://twitter.com/poxamarquinhos/status/1445443729591001088?s=48>. Acesso em: 21 de maio de 2023.

DISNEY nos anos 90: vamos dazer nossos vilões darem pinta e aí as crianças vão ver que é

errado e inadequado ser gay!!! Crianças nos anos 90: Pera... Então eu posso ser gay *E* do mal?. Brasil, 17 de nov. de 2020. Twitter: @vampire_twink. Disponível em: https://twitter.com/vampire_twink/status/1328867478571782144?s=46. Acesso em 20 de maio de 2023.

Disney Princesas Fandom. Lista de casais da Disney Princesa. **Wiki Disney Princesas**. Disponível em: https://disneyprincesas.fandom.com/pt-br/wiki/Lista_de_casais_da_Disney_Princesa. Acesso em: 28 de out. de 2022.

DOIS IRMÃOS: UMA JORNADA FANTÁSTICA. Direção: Dan Scanlon. Produção: Walt Disney Pictures e Pixar Animation Studios. Estados Unidos, 20 de mar. de 2020. 102 min de filme, son., cor.

DUQUE, Fabricio. Segredos Mágicos: Felicidade é chocolate quente com marshmallow. **Vertentes do cinema**, 25 de dez. de 2020. Disponível em: <https://vertentesdocinema.com/segredos-magicos/>. Acesso em 15 de nov. de 2022.

É MUITA FALTA de caráter dizer que ‘lightyear’ e ‘mundo estranho’ foram mal de bilheteria por conta de cenas explicitamente lgbt, quando boa parte dos fãs do estúdio não gostam dos filmes pq eles são fracos no roteiro mesmo, sem contar a divulgação porca que a disney tem feito. Brasil, 29 de nov. de 2022. Twitter: @rafa_bill2. Disponível em: https://twitter.com/rafa_bill2/status/1597594325273251840?s=46. Acesso em 21 de maio de 2023.

EISENBERG-BERG, Nancy; MUSSEN, Paul. **Roots of Caring, Sharing, and Helping : The Development of Prosocial Behavior in Children**. Estados Unidos: Freeman & Company, W&H, 1977.

ENROLADOS. Direção: Nathan Greno e Byron Howard. Produção: Walt Disney Pictures. Estados Unidos, 24 de nov. de 2010. 100 min de filme, son., cor.

ERIGHA, Maryann. **The Hollywood Jim Crow: The Racial Politics of the Movie Industry**. New York: New York University Press, 2020.

ESSE post é tão genérico e sem alma que a Disney não teve nem coragem de colocar a única protagonista abertamente lgbt do estúdio TODO (Luz) na postagem, essas empresas não tem um pingão de vergonha na cara. Brasil, 2 de jun. de 2021. Twitter: @nandafermm. Disponível em: <https://twitter.com/nandafermm/status/1400149749496528898?s=46>. Acesso em 20 de maio de 2023.

ESPREGA, Daniela. 5 Tipos de animação que todo animador deve conhecer. Artgeist, 17 de abr. de 2018. Disponível em: <https://artgeist.com.br/5-tipos-de-animacao/>. Acesso em 20 de out. de 2022.

ESTUDANDO sobre queer cinema na faculdade e pensando aqui sobre queerbaiting e como na verdade em muitos casos é um tentativa dos diretores de mostrar um personagem lgbt mas sem comprometer o filme de uma produtora tipo disney etc que não autoriza isso. Brasil, 21 de abr. de 2021. Twitter: @kylloren. Disponível em: <https://twitter.com/kylloren/status/1384977411356381187?s=46>. Acesso em 20 de maio de

2023.

EU odeio discurso de representatividade a qualquer custo, porque isso faz o povo aceitar qualquer porcaria como se fosse um grande avanço, principalmente no audiovisual. Brasil, 22 de ago. de 2021. Twitter: @santrasna. Disponível em: <https://twitter.com/santrasna/status/1429564074724102144>. Acesso em 20 de maio de 2023.

EU super acredito que a Disney pode fazer a Elsa ser lésbica lá no último filme pela popularidade q é essa teoria e pela aceitação q tem, até os próprios dubladores dos personagens falam sobre isso, e sla representatividade lgbt na Disney é tão lixo, eles podem tentar acertar em uma. Brasil, 13 de fev. de 2019. Twitter: @pussykmnaa. Disponível em: <https://twitter.com/pussykmnaa/status/1095740929791672322?s=46>. Acesso em: 21 maio 2023.

FALTA de marketing pq a Disney não botou uma grama de fé nesse projeto kkkkkkkkkk Tem uma galera que jura de pé junto q foi pra por conta das temáticas LGBT presentes na animação mas pra mim isso não tem lógica vendo o histórico de diversos desenhos q tem e fizeram+. Brasil, 15 de abr. de 2023. Twitter: @Math_BDB. Disponível em: https://twitter.com/math_bdb/status/1647186465560973312?s=46. Acesso em: 14 maio 2023.

FERNANDES, Rafael. Top 5 exemplos históricos de que a homossexualidade sempre existiu. **Jornal Ciência**. Disponível em: <https://www.jornalciencia.com/top-5-exemplos-historicos-de-que-a-homossexualidade-tempr-e-existiu/>. Acesso em: 28 out. de 2022.

FERNANDO, Luís. Curiosidades do Clássico Disney Cinderella. **Camundongo**, 29 de outubro de 2012. Disponível em: <https://www.ocamundongo.com.br/curiosidades-do-classico-disney-cinderela/>. Acesso em: 28 out. de 2022.

FILHO, João Freire. **Mídia, Estereótipo e Representação das Minorias**. Rio de Janeiro, [s.n.], 2004.

FINEMAN, Martha Albertson. Vulnerability, Resilience, and LGBT Youth. Emory University School of Law. **Temple Political & Civil Rights Law Review**, 1 de abr. de 2014. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2434246. Acesso em: 03 jan. 2023.

FIRMINO, Solange. Zeus e Ganimedes. **Recanto das Letras**, 29 de nov. de 2008. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos/1310416>. Acesso em: 13 nov. 2022.

FORBES BRASIL. Lucro da Disney supera expectativas. **Forbes**, 17 fev. 2021. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-money/2021/02/lucro-da-disney-supera-expectativas/>. Acesso em: 9 abr. 2023.

FOSSATTI, Carolina Lanner. **Cinema de Animação: Uma trajetória marcada por inovações**. VII Encontro Nacional de História da Mídia – Mídia Alternativa e Alternativa Midiática. Fortaleza, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRASER, Nancy; ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Titchi. **Feminismo para os 99%**. [S.I]: Boitempo Editorial, 2019.

FRASER, Nancy. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era “pós-socialista”. **Cadernos de Campo**, n. 14/15, p. 231-239, 2006.

FRASER, Nancy. **Neoliberalismo progressista e a crise da esquerda**. *Novos Estudos - CEBRAP*, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 23-40, set./dez. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002017000300023&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 08 maio 2023.

FREUD, Sigmund. **Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica Entre os Sexos In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** V. 19 Rio de Janeiro: Imago, [S.I].

FREUD, Sigmund. **Sobre o Narcisismo: uma introdução**. Obras completas de 1914 a 1916, v. 12. [S.I]: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura**. Porto Alegre: LPM, 2010.

FROZEN. Direção: Chris Buck e Jennifer Lee. Produção: Walt Disney Pictures e Walt Disney Animation Studios. Estados Unidos, 3 de jan. de 2013. 102 min de filme, son. cor.

FROZEN 2. Direção: Chris Buck e Jennifer Lee. Produção: Walt Disney Pictures e Walt Disney Animation Studios. Estados Unidos, 22 de nov. de 2019. 103 min de filme, son. cor.

GAMBALE, Ana. Mundo Estranho quebra recorde negativo entre os filmes da Disney. **Disney Plus Brasil**, 25 de nov. de 2022. Disponível em: <https://disneyplusbrasil.com.br/mundo-estranho-quebra-recorde-negativo-entre-os-filmes-da-disney/>. Acesso em 3 de dez. de 2022.

GENTE, a Disney NÃO VAI colocar representatividade LGBT em filmes tão cedo. Eles já tem um histórico gigantesco de fazer Queerbaiting e QueerCatching e não vão perder público em países com censura. NO MÁXIMO vai aparecer algo no plano de fundo. + Brasil, 13 de jul. de 2021. Twitter: @MaxALeite. Disponível em: <https://twitter.com/maxaleite/status/1415007449543761923?s=46>. Acesso em 21 de maio de 2023.

GERBNER, George; GROSS, Larry; MELDRUM, Barry; et al. **Cultural Indicators: Violence Profile** No. 11. Philadelphia: University of Pennsylvania, Annenberg School of Communication, 1969.

GILMORE, Anna; GLANTZ, Staton; WARNER, Kenneth. Tobacco companies' efforts to undermine policy-relevant research. **JAMA: The Journal of the American Medical Association**, v. 274, n.13, 952-960, 1995.

GUGLIELMELLI, Alexandre. Veja o que os críticos dizem de Mundo Estranho: novo filme da Disney. **Uol**, 22 de nov. de 2022. Disponível em: <https://observatoriodocinema.uol.com.br/filmes/veja-o-que-os-criticos-dizem-de-mundo-estranho-novo-filme-da-disney>. Acesso em 3 de dez. de 2022.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1992.

HERCULES. Direção: Ron Clements e John Musker. Produção: Walt Disney Pictures e AGBO. Estados Unidos, 27 de jun. de 1997. 93 min de filme, son., cor.

HINE, Benjamin; ENGLAND, Dawn; LOPREORE, Katie; HORGAN, Elizabeth Skora; HARTWELL, Lisa. The Rise of the Androgynous Princess: Examining Representations of Gender in Prince and Princess Characters of Disney Movies Released 2009–2016. **Social Sciences**, v. 7, p. 245, 2018.

HONNETH, Axel. **Luta por Reconhecimento - A gramática moral dos conflitos sociais**. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. **The Culture Industry: Enlightenment as Mass Deception**. Dialectic of Enlightenment. [S.I]: Stanford University Press, p.94-136, 2002.

JENKINS, Henry. **Convergence Culture: Where Old and New Media Collide**. New York: New York University Press, 2008.

JOHNSTON, Ollie; THOMAS, Frank. **Disney Animation: The Illusion of Life**. [S.I]: Abbeville Press, 1981.

KEY, Adam. A Girl Worth Fighting For: A Rhetorical Critique of Disney Princess Mulan's Bisexuality. **Journal of Bisexuality**, v.15, p.268-286, 2015.

KING, Jessica Lynn. **Claiming a Place in the Magic Kingdom: A Queer Analysis of Disney Movies from 2010 to 2020**. Tese de Mestrado. Virginia Tech, Virginia, 2020. Disponível em: <https://vttechworks.lib.vt.edu/handle/10919/106744>. Acesso em 03 de jan. de 2023.

KOMARCHESQUI, Bruna. Diversão para a família x lacração: porque Minions faz sucesso e Lightyear da Disney fracassou. **Gazeta do Povo**, 21 de jul. de 2022. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/diversao-para-a-familia-x-lacracao-por-que-minions-faz-sucesso-e-lightyear-da-disney-fracassou/>. Acesso em 27 de nov. de 2022.

KOTLER, Philip; KARTAJAYA, Hermawan; SETIAWAN, Iwan. **Marketing 4.0: Do tradicional ao digital**. São Paulo: Sextante, 2017.

KOZINETS, Robert V. **Netnography: Redefined**. 2nd ed. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 2014.

KRAFFT-EBING, Richard von. **Psychopathia Sexualis**. [S.I]: Verlag von F. Enke Collection, 1892.

LEWIS, CLIVE STAPLES. **Os Quatro Amores**. Tradução: Maria Luiza Newlands Silveira. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

LÉVY, Pierre. **Inteligência Coletiva: Por uma Antropologia do Ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1998.

LIGHTYEAR. Direção: Angus MacLane. Produção: Walt Disney Pictures e Pixar Animation Studios. Estados Unidos, 17 de jun. de 2022. 105 min de filme, son., cor.

LILO & Stitch a série. Criação: Chris Sanders. Direção: Dean DeBlois e Chris Sanders. Produção: Walt Disney Picture e Walt Disney Animation Studios. Estados Unidos, de 2003 a 2004. Série exibida no canal televisivo Disney Channel e disponível na plataforma digital Disney+. Acesso em: 03 de jan. de 2023.

LILO & STITCH. Direção: Dean DeBlois e Chris Sanders. Produção: Walt Disney Picture e Walt Disney Animation Studios. Estados Unidos, 21 de jun. de 2002. 85 min de filme, son., cor.

LOPEZ MARIÑO, Sara. **Exploring Gender, Sexuality and Identity Formation in Works about Peter Pan**. Universidade da Coruña, 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/65304486/Exploring_Gender_Sexuality_and_Identity_Formation_in_Works_about_Peter_Pan. Acesso em 03 de jan. de 2023.

LUCA. Direção: Enrico Casarosa. Produção: Walt Disney Pictures e Pixar Animation Studios. Estados Unidos, 18 de jun. de 2021. 95 min de filme, son., cor.

MAXX, Rafael. Como foi feito Moana? (Making of) <Tá Começando>. **Youtube**, 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=w1J8dgzi_p4. Acesso em: 28 de out. de 2022.

MEDEIROS, Rosângela. **Enquadramento e convergência - o queer como resistência**. Paralelo 31. Rio Grande do Sul, 23 de out. de 2018.

MENDES, Wallace Góes. SILVA, Cosme Marcelo Furtado Passos da. Homicide of Lesbians, Gays, Bisexuals, Travestis, Transexuals, and Transgender people (LGBT) in Brazil: a Spatial Analysis. **Ciência & saúde coletiva**, v.25 (5), p.1709-1722, 2020.

MILLÁN, Victor. Dos Espíritus: lo que los nativos americanos nos enseñan sobre diversidad sexual. **Hipertextual**, 11 de fev. de 2018. Disponível em: <https://hipertextual.com/2018/02/dos-espiritus>. Acesso em 02 de jan. de 2023.

MOANA. Direção: Ron Clements e John Musker. Produção: Walt Disney Pictures. Estados Unidos, 23 de nov. de 2016. 107 min de filme, son., cor.

MONEY REPORT. Disney diz que futuros personagens serão 50% LGBTQ ou minorias. **Money Report**, 17 de abr. de 2022. Disponível em: <https://www.moneyreport.com.br/negocios/disney-diz-que-futuros-personagens-serao-50-lgbt-q-ou-minorias/#:~:text=De%20fato%2C%20Karey%20Burke%2C%20presidente,at%C3%A9%20o%20final%20de%202022>. Acesso em: 06 de nov. de 2022.

MONLEON OLIVA, Vicente. Amor romântico em películas Disney. **Revista de Investigación en el Campo del Arte**, Universidad Distrital Francisco José de Caldas, v.17 (31), p.80-96, 2021.

MULAN. Direção: Tony Bancroft e Barry Cook. Produção: Walt Disney Pictures, Jason T. Reed Productions e Good Fear Productions. Estados Unidos, 5 de jun. de 1998. 87 min de filme, son., cor.

MÜLLER, Marcelo. Dois irmãos é censurado em quatro países por ter uma personagem gay. **Papo de Cinema**, 12 de mar. de 2020. Disponível em: <https://www.papodecinema.com.br/noticias/dois-irmaos-e-censurado-em-quatro-paises-por-ter-uma-personagem-gay/>. Acesso em: 15 de nov. de 2022.

MULVEY, Laura. **Afterimages: On cinema, women and changing times**. Londres: Reaktion Books, 2019. 240 p. ISBN 978-1789141646.

MUNDO ESTRANHO. Direção: Don Hall e Qui Nguyen. Produção: Walt Disney Pictures e Walt Disney Animation Studios. Estados Unidos, 23 de nov. de 2022. 102 min de filme, son., cor.

MUNDO CULTURA. Princesas da Disney - As 15 mais famosas. **Mundo Cultura**, 2 de jun. de 2020. Disponível em: <https://mundocultura.com.br/princesas-da-disney-famosas/>. Acesso em: 12 de nov. de 2022.

NAMBIAR, Sridevi. A Brief History Of Hijra, India's Third Gender. **Culture Trip**, 1 de jan. de 2017. Disponível em: <https://theculturetrip.com/asia/india/articles/a-brief-history-of-hijra-indias-third-gender/>. Acesso em: 23 de out. de 2022.

NÃO concordo! #StrangeWorld sofreu muitos boicotes por conta da representação LGBTQ+ e ainda teve um marketing PÍFIO da Disney. Além disso, para cobrir a falta de Marketing, chamaram influencers pra fazer esse trabalho. Tudo isso colaborou para o fracasso, obviamente. Brasil, 27 de nov. de 2022. Twitter: @apolo_junior. Disponível em: https://twitter.com/apolo_junior/status/1597015291841884162?s=46. Acesso em 21 de maio de 2023.

O CORCUNDA DE NOTRE DAME. Direção: Gary Trousdale e Kirk Wise. Produção: Walt Disney Pictures. Estados Unidos, 21 de junho de 1996. 91 min de filme, son., cor.

ONCE upon a time. Criação: Adam Horowitz, Edward Kitsis, Jane Espenson e Andrew Chambliss. Produção: American Broadcasting Company. Estados Unidos, 23 de out. 2011. Série exibida no canal televisivo Sony e disponível na plataforma digital Disney+. Acesso em: 19 de jan. de 2023.

O problema não é a falta de personagens lgbt nos filmes da disney. o que falta é a disney assumir eles. Brasil, 05 de jun. de 2018. Twitter: @kmlrbro. Disponível em: <https://twitter.com/kmlrbro/status/1004162091698311168?s=46>. Acesso em 21 de maio de 2023.

O REI LEÃO. Direção: Rob Minkoff e Roger Allers. Produção: Walt Disney Pictures e Walt

Disney Feature Animation. Estados Unidos, 15 de jun. de 1994. 89 min de filme, son., cor.

OS 101 DÁLMATAS. Direção: Clyde Geronimi, Hamilton Luske e Wolfgang Reitherman. Produção: Walt Disney Productions. Estados Unidos, 25 de janeiro de 1961. 79 min de filme, son., cor.

O SÉCULO DO EGO. Direção: Adam Curtis. Produção: Adam Curtis e Lucy Kelsall. Estados Unidos, 17 de mar. de 2002. 240 min de filme, son., cor.

O que é representatividade lgbt+ na Disney/ o que NÃO é representatividade lgbt+ na Disney. Representatividade n é só o autor fazer um post em rede social(onde nem 1/3 das pessoas que viram o desenho vão ver) afirmando que x personagem é da comunidade, ela tem que ser clara. Brasil, 29 de nov. de 2020. Twitter: @amityjudia. Disponível em: <https://twitter.com/amityjudia/status/1333216872536416256?s=48>. Acesso em 21 de maio de 2023.

PALLANT, Chris. **Demystifying Disney: A History of Disney Feature Animation**. Reino Unido: Bloomsbury Academic, 2011.

PASCHOA, Ramon de. Evolução dos vilões da Disney. **Dicas Jornalismo**. Disponível em: <https://labdicasjornalismo.com/noticia/9761/evolucao-dos-viloes-da-disney>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

PESSOAL os vilões da Disney são na sua maioria Gays Vibes pq era personificação de algo ruim a homossexualidade... por isso que até hoje os lemos como gays... O de Aladim, do Hércules, do rei Leão... todos são vilões “gays” e com pele mais escuras. Brasil, 29 de ago. de 2020. Twitter: @ArtLuckyou. Disponível em: <https://twitter.com/artluckyou/status/1299765727625383939?s=46>. Acesso em 20 de maio de 2023.

PERSONAGENS codificados como gays da Disney :) 3/4 deles são vilões :(. Brasil, 31 de mar. de 2019. Twitter: @timesnewmorán. Disponível em: <https://twitter.com/timesnewmorán/status/1112420788290928640?s=46>. Acesso em 20 de maio de 2023.

PETER PAN. Direção: Hamilton Luske, Clyde Geronimi e Wilfred Jackson. Produção: Walt Disney Picture. Estados Unidos, 10 de abr. de 1953. 77 min de filme, son., cor.

POCAHONTAS. Direção: Eric Goldberg e Mike Gabriel. Produção: Walt Disney Feature Animation e Walt Disney Pictures. Estados Unidos, 23 de jun. de 1995. 81 min de filme, son., cor.

PO mas a Disney pensa que vão comprá-lo assim se esqueceram de divulgar essa coisa? Acho que só vi o trailer umas poucas vezes e encontrei divulgações na internet sobre esse filme ter o primeiro personagem LGBT da Disney, porém nada mais, uma falta de divulgação . Argentina, 28 de nov. de 2022. Twitter: @vovensio. Disponível em: <https://twitter.com/vovensio/status/1597247093978320896?s=46>. Acesso em 21 de maio de 2023.

POR causa dessas coisas é necessário implementar a ESI para as crianças nas escolas e

ensinar que existem famílias homoafetivas e que está tudo bem. Além disso, visibilizar mais a comunidade LGBT em desenhos e livros para crianças. Faz falta uma princesa da DISNEY lésbica por exemplo. Brasil, 02 de jul. de 2019. Twitter: @FedericoNiohe_. Disponível em: https://twitter.com/federiconiche_/status/1146198005604859905?s=46. Acesso em 21 de maio de 2023.

POXA é que vocês não tem ideia da falta que faz ter uma referência lgbt na disney e do quanto ajudaria ter uma princesa super famosa como a elsa sendo lésbica para que as crianças soubessem desde pequenas que está tudo bem ser lgbt. Brasil, 13 de fev. de 2019. Twitter: @pussykmnaa. Disponível em: <https://twitter.com/pussykmnaa/status/1095740929791672322?s=46>. Acesso em 21 de maio de 2023.

PROCURANDO DORY. Direção: Andrew Stanton e Angus MacLane. Produção: Walt Disney Pictures e Pixar Animation Studios. Estados Unidos, 17 de jun. de 2016. 97 min de filme, son., cor.

PROCURANDO NEMO. Direção: Andrew Stanton. Produção: Walt Disney Pictures e Pixar Animation Studios. Estados Unidos, 2003. 100 min de filme, son., cor.

PHILLIPS, Anne. **De uma política de ideias a uma política de presença**. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 61, p. 5-24, 2001.

PRATINI, Vitória. Fãs pedem que Elsa saia do armário e ganhe uma namorada em Frozen 2. **Adoro Cinema**, 2 de maio de 2016. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-121179/>. Acesso em: 02 de jan. de 2023.

PREVEDELLO, Carine. **Economia política da diversidade**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019.

Redação Rolling Stone. Grupo protesta contra “perigosa” cena de casal de mães em Toy Story. **Rolling Stone**, 11 de Julho de 2019. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/grupo-protesta-contraperigosa-cena-de-casal-de-maes-em-toy-story-4-entenda/>. Acesso em 26 de nov. de 2022.

REPRESENTATIVIDADE lgbt na Disney é assim. Mal feita e subliminarmente escondida. Brasil, 15 de nov. de 2022. Twitter: @wFlorencio_. Disponível em: https://twitter.com/wflorencio_/status/1592637331475173377?s=46.

RICOEUR, Paul. **La métaphore vive**. Paris: Éditions du Seuil, 1975.

RITTAUD-HUTINET, Jacques. **Os irmãos Lumière: a invenção do cinema**. [S.I]: Flamarion, 1995.

ROBINSON, Brandon. **Heteronormativity and Homonormativity**. The University of Texas at Austin, USA, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/36851529/Heteronormativity_and_Homonormativity. Acesso em 03 de jan. de 2023.

RODRIGUES, Sérgio. Homossexualismo ou Homossexualidade? **Veja**, 31 de jul. de 2020.

Disponível em:

<https://veja.abril.com.br/coluna/sobre-palavras/homossexualismo-ou-homossexualidade/>. Acesso em 27 de out. de 2020.

RUBIM, Antonio. **Comunicação e Política: conceitos e abordagens**. Editora UNESP. São Paulo, 28 de jul. de 2004.

SÁNCHEZ-VALLEJO, María Antonia. Grécia legaliza as uniões gays apesar da firme oposição da Igreja. **El País**, 23 de dez. de 2015. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/22/internacional/1450821386_657140.html#:~:text=Casamento%20gay%20Gr%C3%A9cia%20legaliza%20as%20uni%C3%B5es%20gays%20apesar,lhes%20garante%20a%20cust%C3%B3dia%20dos%20filhos%20do%20outro. Acesso em 28 de out. de 2022.

SANTOS, Caynã De Camargo; PIASSI, Luís Paulo de Carvalho. Para assistir aos vilões Disney: abjeção e heteronormatividade em “A Pequena Sereia”. **Semina**, Revista Cultural e Científica da Universidade Estadual de Londrina, v. 37(2), p.163, 2016.

SCOTT, Joan. Gender and the politics of history. **Columbia University Press**. Nova Iorque, 1988.

SEGREDOS MÁGICOS. Direção: Steven Clay Hunter. Produção: Max Sachar, Walt Disney Pictures e Pixar Animation Studios. Estados Unidos, 22 de maio de 2020. 9 min de filme, son., cor.

SERGIO, Ricardo. Apolo e Jacinto: um caso de amor. **Recanto das Letras**, 04 de jan. de 2011. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/contos/2709691>. Acesso em: 13 de nov. de 2022.

SHAH, Anup. **Media Conglomerates, Mergers, Concentration of Ownership**. Global Issues, 02 de jan. de 2009. Disponível em: <https://www.globalissues.org/article/159/media-conglomerates-mergers-concentration-of-ownership>. Acesso em 19 de fev. de 2023.

SOUL. Direção: Pete Docter e Kemp Powers. Produção: Walt Disney Pictures e Pixar Animation Studios. Estados Unidos, 25 de dez. de 2020. 100 min de filme, son., cor.

FARRIS, Molly. "Into the Unknown: A Queer Analysis of the Metaphors in Disney's Frozen Franchise". In: **Journal of Queer Studies**. North Carolina, 2022.

TA ai a maior representatividade LGBT da Disney. Brasil, 31 de ago. de 2021. Twitter: @LKVlucas. Disponível em: <https://twitter.com/lkvluucas/status/1432835253522030594?s=46>. Acesso em 20 de maio de 2023.

TARZAN. Direção: Kevin Lima e Chris Buck. Produção: Walt Disney Pictures. Estados Unidos, 18 de junho de 1999. 88 min de filme, son., cor.

TAVARES, Frederico. **Gestão da marca: Estratégia e marketing**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2003.

UP: **ALTAS AVENTURAS**. Direção: Pete Docter e Bob Peterson. Produção: Walt Disney Pictures e Pixar Animation Studios. Estados Unidos, 29 de maio de 2009. 96 min de filme, son., cor.

VALENTE. Direção: Brenda Chapman e Mark Andrews. Produção: Walt Disney Pictures e Pixar Animation Studios. Estados Unidos, 20 de jul. de 2012. 93 min de filme, son., cor.

WASKO, Janet. **Challenging Disney Myths**. 2nd ed. Reino Unido: Rowman & Littlefield Publishers, 2013.

WASKO, Janet. **How Hollywood Works**. 2nd ed. Los Angeles: Sage Publications, 2003.

WELLE, DEUTSCHE. Há 30 anos, OMS retirava homossexualidade da lista de doenças. **Carta Capital**, 15 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/ha-30-anos-oms-retirava-homossexualidade-da-lista-de-doencas/>. Acesso em: 30 de out. de 2022.

WHITE, Vera Lucia. **A influência do filme de Walt Disney nas traduções e adaptações brasileiras de Peter Pan entre 1953 e 2011**. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-23082012-111457/pt-br.php>. Acesso em 03 de jan. de 2023.

Wikipedia contributors. **Praxinoscope**. Wikipedia, a enciclopédia livre, 21 de Dezembro de 2021. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Praxinoscope&oldid=1061322239>. Acesso em: 29 de out. de 2022.

WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza**. 1ª ed. São Paulo: Editora Rocco, 1992.

WRIGHT, Robert. **O Animal Moral: porque somos como somos: a nova ciência da psicologia evolucionista**. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

YOUNG, Iris Marion. **Justice and the Politics of Difference**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1990.

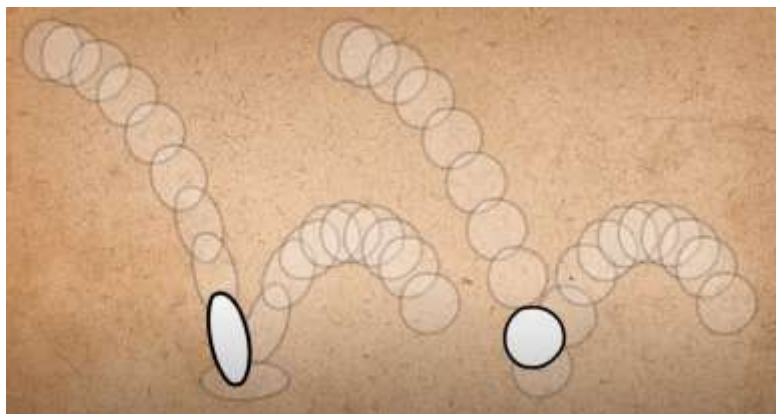
ZOOTOPIA. Direção: Byron Howard, Rich Moore e Jared Bush. Produção: Walt Disney Pictures e Walt Disney Animation Studios. Estados Unidos, 4 de mar. de 2016. 108 min de filme, son., cor.

Apêndice A - Os princípios de animação da Disney

Os conceitos detalhados por Ollie Johnston e Frank Thomas são utilizados por diversas marcas, não só a Disney. Eles guiam a animação de uma forma geral e funcionam como facilitadores para uma produção memorável. Os doze conceitos são: esmagar e esticar, antecipação, encenação, siga direto e pose a pose, sobreposição e continuidade da ação, desaceleração e aceleração, movimento em arco, ação secundária, temporização, exagero, desenho volumétrico e apelo.

O primeiro princípio é relativo ao peso, a massa, a textura e a velocidade dos itens em cena. Em resumo, ele tem relação com a flexibilidade e maleabilidade dos objetos. Isso porque o conceito de esmagar e esticar diferenciam visualmente a sensação que as pessoas têm ao segurar ou observar artefatos variados. Um exemplo aplicável a esse conceito é uma bola, pois ao cair no chão ela pode quicar sem ser deformada, indicando que seu material é mais rígido, ou ser amassada e depois retornar a forma original, mostrando que é macia.

Figura 42: Princípio de animação 1 - Esmagar e esticar



Fonte: BECKER, Alan. 12 Principles of Animation (Official Full Series). **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uDqjIdI4bF4>. Acesso em: 02 de nov. de 2022.

O segundo e o terceiro são antecipação e encenação. Eles consistem, respectivamente, em criar uma prévia do movimento antes que ele ocorra de verdade e manipular ou focar naquilo que a audiência deve prestar mais atenção. Assim, as cenas ocorrem de maneira mais realista e o telespectador não se perde no enredo.

Figura 43: Princípio de animação 2 - Antecipação



Fonte: BECKER, Alan. 12 Principles of Animation (Official Full Series). **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uDqjIdI4bF4>. Acesso em: 02 de nov. de 2022.

Figura 44: Princípio de animação 3 - Encenação



Fonte: BECKER, Alan. 12 Principles of Animation (Official Full Series). **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uDqjIdI4bF4>. Acesso em: 02 de nov. de 2022.

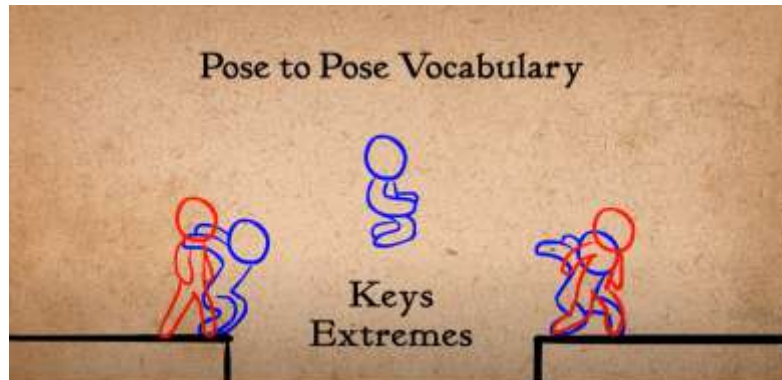
O quarto é o siga direto e pose a pose. Nele, existem duas opções de construção do movimento, uma que é quadro a quadro com cada passo do desenho e outro que envolve as movimentações extremas para depois concluir o que ocorre entre eles.

Figura 45: Princípio de animação 4 - Siga direto



Fonte: BECKER, Alan. 12 Principles of Animation (Official Full Series). **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uDqjIdI4bF4>. Acesso em: 02 de nov. de 2022.

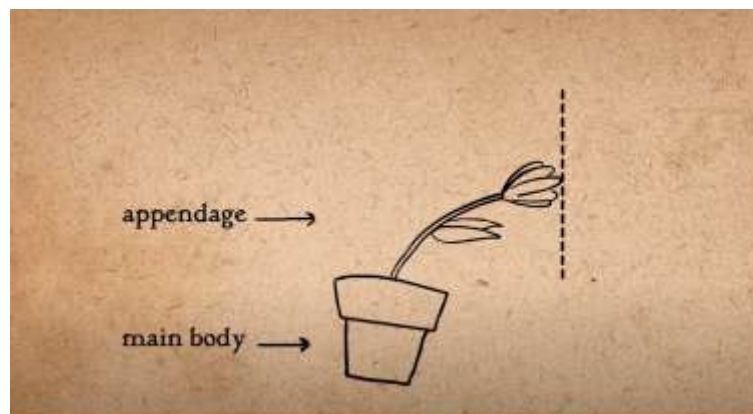
Figura 46: Princípio de animação 4 - Pose a pose



Fonte: BECKER, Alan. 12 Principles of Animation (Official Full Series). **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uDqjIdI4bF4>. Acesso em: 02 de Novembro de 2022.

O quinto é o siga em frente e ação sobreposta, que é o tipo de movimento que ocorre na animação para que ela seja considerada mais natural e realista. Nela, se uma pessoa ou um objeto se move, não necessariamente todas as partes dele vão fazer isso de forma sincronizada.

Figura 47: Princípio de animação 5 - Siga em frente e ação sobreposta

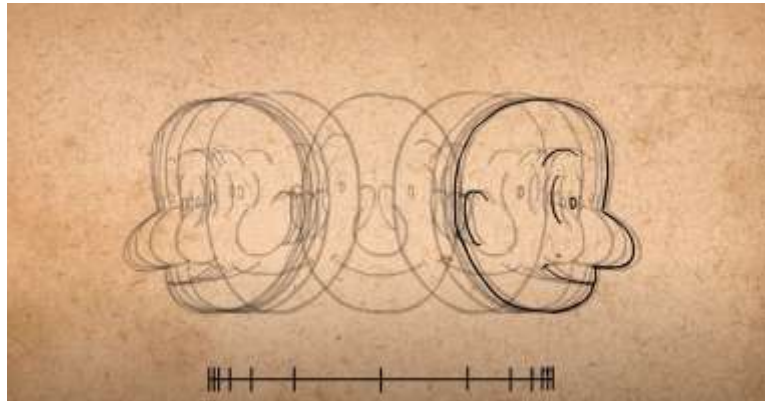


Fonte: BECKER, Alan. 12 Principles of Animation (Official Full Series). **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uDqjIdI4bF4>. Acesso em: 02 de nov. de 2022.

O sexto, o sétimo e o oitavo são: desaceleração e aceleração, movimento em arco e ação secundária. Nelas, a velocidade aumenta e reduz gradualmente para se tornar menos robótica, arredondar deslocamentos para que eles fiquem mais naturais e gestos ou

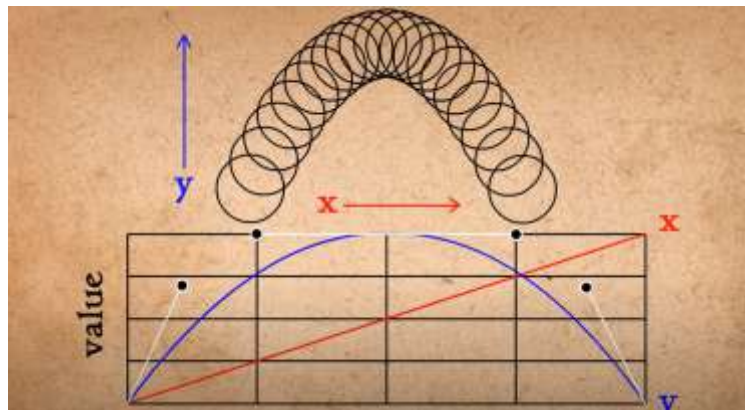
transições que dão maior intensidade ao ato principal para deixar as cenas ainda mais fáceis de compreender.

Figura 48: Princípio de animação 6 - Desaceleração e aceleração



Fonte: BECKER, Alan. 12 Principles of Animation (Official Full Series). **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uDqjIdI4bF4>. Acesso em: 02 de nov. de 2022.

Figura 49: Princípio de animação 7 - Movimento em arco



Fonte: BECKER, Alan. 12 Principles of Animation (Official Full Series). **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uDqjIdI4bF4>. Acesso em: 02 de nov. de 2022.

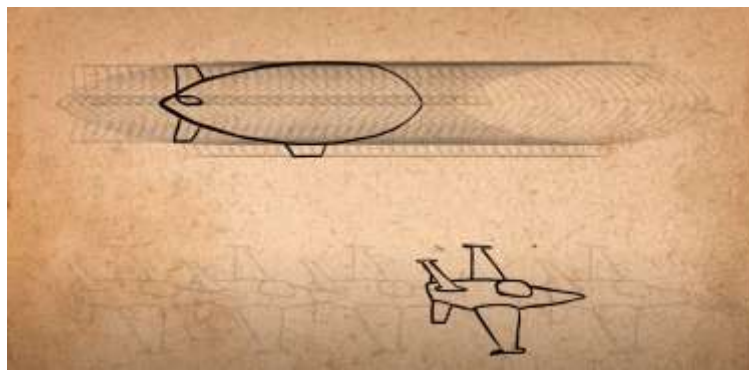
Figura 50: Princípio de animação 8 - Ação secundária



Fonte: BECKER, Alan. 12 Principles of Animation (Official Full Series). **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uDqjIdI4bF4>. Acesso em: 02 de nov. de 2022.

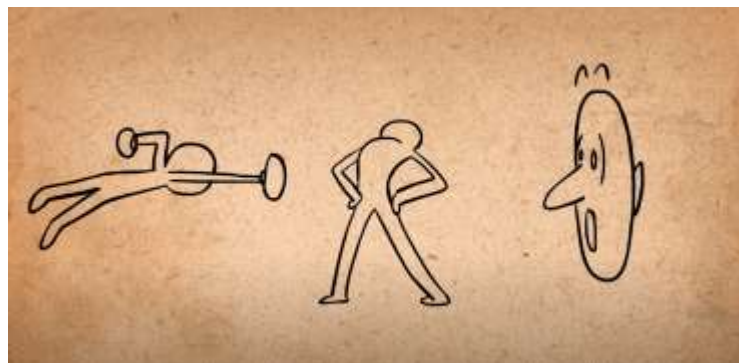
Por fim, o nono, o décimo, o décimo primeiro e o décimo segundo representam a temporização, o exagero, o desenho volumétrico e o apelo. Eles são responsáveis por ditar se uma ação é feita lenta ou rapidamente dependendo da quantidade de *frames* por segundo, dar maior expressividade e clareza das emoções e sensações em um desenho, dar dimensão e profundidade aos itens e personagens para que eles tenham uma sensação de perspectiva e espaço ao redor além de também, no último, tornar as figuras apelativas e capazes de atrair atenção por suas características peculiares fazendo delas memoráveis.

Figura 51: Princípio de animação 9 - Temporização



Fonte: BECKER, Alan. 12 Principles of Animation (Official Full Series).
Youtube, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uDqjIdI4bF4>.
Acesso em: 02 de nov. de 2022.

Figura 52: Princípio de animação 10 - Exagero



Fonte: BECKER, Alan. 12 Principles of Animation (Official Full Series).
Youtube, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uDqjIdI4bF4>.
Acesso em: 02 de nov. de 2022.

Figura 53: Princípio de animação 11 - Desenho volumétrico



Fonte: BECKER, Alan. 12 Principles of Animation (Official Full Series).
Youtube, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uDqjIdI4bF4>.
Acesso em: 02 de nov. de 2022.

Figura 54: Princípio de animação 12- Apelo



Fonte: BECKER, Alan. 12 Principles of Animation (Official Full Series).
Youtube, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uDqjIdI4bF4>.
Acesso em: 02 de nov. de 2022.

Todos esses elementos mostram que, apesar da Disney não ter criado o desenho animado, ela com certeza foi uma das grandes responsáveis pelo seu aprimoramento. Diante disso, é possível concluir que ela conquistou seu espaço na história da animação graças aos seus conceitos-chave replicados em diversas produções mundiais.

Apêndice B - As eras de animação da Disney

A Era Muda	1923 a 1927	<ul style="list-style-type: none"> ● <i>Alice no País das Maravilhas</i> (1923) ● <i>O Show de Alice no Velho Oeste</i> (1924) ● <i>A História Maluca de Alice</i> (1924) ● <i>Alice e o Guarda-Cachorros</i> (1924) ● <i>Alice e a Pacificadora</i> (1925) ● <i>Alice a Caçadora de Baleias</i> (1927)
A Pré Era de Ouro	1928 a 1933	<ul style="list-style-type: none"> ● <i>Oswald, o Coelho Sortudo</i> (1927-1928) ● <i>Vapor Willie</i> (1928) ● <i>A Dança dos Esqueletos</i> (1929) ● <i>Flores e Árvores</i> (1932) ● <i>Os Três Porquinhos</i> (1933)
Era de Ouro	1937 a 1942	<ul style="list-style-type: none"> ● <i>O Moinho Velho</i> (1937) ● <i>O Patinho Feio</i> (1939) ● <i>Branca de Neve e os Sete Anões</i> (1937) ● <i>Pinóquio</i> (1940) ● <i>Fantasia</i> (1940) ● <i>Dumbo</i> (1941) ● <i>Bambi</i> (1942)
Período da Guerra	1943 a 1949	<ul style="list-style-type: none"> ● <i>Alô, Amigos</i> (1943) ● <i>Você Já Foi à Bahia?</i> (1944) ● <i>Música, Maestro!</i> (1946) ● <i>Como é Bom se Divertir</i> (1947) ● <i>Tempo de Melodia</i> (1948) ● <i>As Aventuras de Ichabod e Sr. Sapo</i> (1949)
Era de Prata	1950 a 1967	<ul style="list-style-type: none"> ● <i>Cinderela</i> (1950) ● <i>Alice no País das Maravilhas</i> (1951) ● <i>Peter Pan</i> (1953) ● <i>A Dama e o Vagabundo</i> (1955) ● <i>A Bela Adormecida</i> (1959) ● <i>101 Dálmatas</i> (1961) ● <i>A Espada Era a Lei</i> (1963) ● <i>Mogli – O Menino Lobo</i> (1967)
Era de Bronze ou das Trevas	1970 a 1988	<ul style="list-style-type: none"> ● <i>Aristogatas</i> (1970) ● <i>Robin Hood</i> (1973) ● <i>As Muitas Aventuras do Ursinho Pooh</i> (1977) ● <i>Bernardo e Bianca</i> (1977) ● <i>O Cão e a Raposa</i> (1981) ● <i>O Caldeirão Mágico</i> (1985) ● <i>As Peripécias do Ratinho Detetive</i> (1986) ● <i>Oliver e sua Turma</i> (1988)
Renascimento	1989 a 1999	<ul style="list-style-type: none"> ● <i>Pequena Sereia</i> (1989)

		<ul style="list-style-type: none"> ● <i>Bernardo e Bianca na Terra dos Cangurus</i> (1990) ● <i>A Bela e a Fera</i> (1991) ● <i>Aladdin</i> (1992) ● <i>O Rei Leão</i> (1994) ● <i>Pocahontas</i> (1995) ● <i>O Corcunda de Notre Dame</i> (1996) ● <i>Hércules</i> (1997) ● <i>Mulan</i> (1998) ● <i>Tarzan</i> (1999) ● <i>Fantasia 2000</i> (1999)
Era Pós-Renascentista	2000 a 2009	<ul style="list-style-type: none"> ● <i>Dinossauro</i> (2000) ● <i>A Nova Onda do Imperador</i> (2000) ● <i>Atlantis: O Reino Perdido</i> (2001) ● <i>Lilo & Stitch</i> (2002) ● <i>Planeta do Tesouro</i> (2002) ● <i>Irmão Urso</i> (2003) ● <i>Nem Que a Vaca Tussa</i> (2004) ● <i>O Galinho Chicken Little</i> (2005) ● <i>A Família do Futuro</i> (2007) ● <i>Bolt: Supercão</i> (2008) ● <i>A Princesa e o Sapo</i> (2009)
Era do Revival	2010 a 2019	<ul style="list-style-type: none"> ● <i>Enrolados</i> (2010) ● <i>O Ursinho Pooh</i> (2011) ● <i>Detona Ralph</i> (2012) ● <i>Frozen: Uma Aventura Congelante</i> (2013) ● <i>Operação Big Hero</i> (2014) ● <i>Zootopia</i> (2016) ● <i>Moana: Um Mar de Aventuras</i> (2016) ● <i>WiFi Ralph: Quebrando a Internet</i> (2018) ● <i>Frozen 2</i> (2019)
Era do Streaming	2020 até os dias atuais	<ul style="list-style-type: none"> ● <i>Raya e o Último Dragão</i> (2021) ● <i>Encanto</i> (2021) ● <i>Mundo Estranho</i> (2022) ● <i>Wish: O Poder dos Desejos</i> (2023)

Fonte: BREVE, Giovanna. Da Branca de Neve à Encanto: Entenda as eras que marcaram as animações da Disney. **Omelete**, 15 de nov. de 2022. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/disney/eras-animacoes-disney-lista#58>. Acesso em 16 de maio de 2023.

Apêndice C - Relacionamento arranjado para procriação

Cena	Tempo	Vídeo	Áudio
01	23'30 a 23'42	Cena externa acontecendo durante um dia de céu azul. Enquadramento em grande plano geral aberto mostra o cenário da cidade com o castelo em destaque e dá <i>zoom-in</i> .	Música instrumental tocando ao fundo.
02	23'42 a 23'49	Cena externa em transição para interna acontecendo durante um dia de céu azul. O plano conjunto mostra em <i>zoom-in</i> pombas na janela do castelo enquanto o rei joga sua coroa para longe e quebra o vidro, espantando-as do local em que estavam e permitindo uma visualização do ambiente interno do palácio.	Música instrumental tocando ao fundo. Conselheiro do rei: -Mas, majestade... Rei: -Não me responda! -Meu filho vem evitando as responsabilidades do trono!
03	23'49 a 23'53	Cena externa em transição para interna acontecendo durante um dia de céu azul. Plano inteiro mostra, ainda em <i>zoom-in</i> , detalhes da janela quebrada e o rei, no ambiente interno, resmungando enquanto soca a mesa e depois se senta angustiado.	Música instrumental tocando ao fundo. Rei: -Deve se casar e sossegar!
04	23'53 a 23'59	Cena interna acontecendo durante um dia de céu azul. Plano inteiro do conselheiro do rei enquanto dá sua opinião e se esconde do monarca impaciente que joga objetos nele.	Música instrumental tocando ao fundo. Conselheiro do rei: -Mas é claro, Majestade. Mas sejamos pacientes. Rei: -Sou paciente!
05	24'00 a 24'14	Cena interna acontecendo durante um dia de céu azul. Plano médio <i>plongée</i> mostrando a vulnerabilidade do rei por estar envelhecendo e não ter netos. Na cena ele se senta e o conselheiro se aproxima dele para mostrar compreensão com suas dores. Depois, ocorre um movimento diagonal para cima e para a esquerda, tirando o rei do enquadramento.	Música instrumental tocando ao fundo. Rei: -Mas dia a dia, vou envelhecendo. Gostaria de conhecer meus netinhos. Conselheiro do rei: -Eu compreendo, senhor. Rei: -Não. Não sabe o que é ver seu único filho...
06	24'14 a 24'26	Cena interna acontecendo durante um dia de céu azul.	Música instrumental tocando ao fundo.

		Plano detalhe com deslocamento para a direita a fim de mostrar os quadros da sala. Neles é possível ver o rei e seu filho ao longo dos anos. Ao chegar no último quadro, o rei e seu conselheiro aparecem novamente em plano geral.	Rei: -crescer e crescer, e ficar um homem feito. -Sinto-me triste neste pobre e velho palácio.
07	24'26 a 24'33	Cena interna acontecendo durante um dia de céu azul. Plano inteiro mostrando o rei e seu conselheiro em pé lado a lado enquanto conversam.	Música instrumental tocando ao fundo. Rei: -Eu, eu quero ver meus netinhos correndo por aqui.
08	24'33 a 24'40	Cena interna acontecendo durante um dia de céu azul. Plano médio que mostra o rei chorando e sendo abraçado por seu conselheiro até que o último diz algo que o desagrada e é empurrado para longe com fúria.	Música instrumental tocando ao fundo. Conselheiro do rei: -Não, não, Majestade. -Talvez se o deixássemos em paz. Rei: -Deixá-lo em paz?
09	24'40 a 24'42	Cena interna acontecendo durante um dia de céu azul. Plano americano com o conselheiro do rei esbarrando e depois se escondendo atrás de uma mesa com alguns livros e dois bonecos de porcelana.	Música instrumental tocando ao fundo.
10	24'42 a 24'44	Cena interna acontecendo durante um dia de céu azul. Plano americano que mostra o rei se aproximando agressivamente da mesa em que o conselheiro está.	Música instrumental tocando ao fundo. Rei: -Com suas ideias românticas?
11	24'44 a 24'47	Cena interna acontecendo durante um dia de céu azul. Plano médio com o conselheiro apreensivo se escondendo atrás de uma cadeira enquanto tenta compartilhar sua opinião com o rei.	Música instrumental tocando ao fundo. Conselheiro do rei: -Mas, senhor, em questões de amor...
12	24'47 a 24'49	Cena interna acontecendo durante um dia de céu azul. Plano médio se locomovendo para a esquerda mostrando o rei apontando para os objetos na mesa.	Música instrumental tocando ao fundo. Rei: -Amor. Ahah!

13	24'49 a 25'00	<p>Cena interna acontecendo durante um dia de céu azul.</p> <p>Plano detalhe dos objetos na mesa. O rei aponta para o boneco que representa um rapaz e depois para o que se parece com uma moça, afasta os livros que estão no meio de ambos e junta os enfeites para que eles formem um casal. Depois o conselheiro aponta para os objetos e o rei joga os dois para longe com um tapa.</p>	<p>Música instrumental tocando ao fundo.</p> <p>Rei: -Basta um rapaz conhecer uma jovem em um momento especial. Então, arranjarmos o momento! Conselheiro do rei: -Mas Majestade, se o príncipe suspeitar...</p>
14	25'00 a 25'02	<p>Cena interna acontecendo durante um dia de céu azul.</p> <p>Plano médio mostrando o rei se expressando.</p>	<p>Música instrumental tocando ao fundo.</p> <p>Rei: -Suspeitar! Olhe!</p>
15	25'02 a 25'05	<p>Cena interna acontecendo durante um dia de céu azul.</p> <p>Plano médio mostrando que o rei se aproximou da mesa e que o conselheiro tenta se afastar dele por conta de sua fúria.</p>	<p>Música instrumental tocando ao fundo.</p> <p>Rei: -O príncipe regressa hoje, não é? Conselheiro do rei: -Sim, Majestade.</p>
16	25'05 a 25'08	<p>Cena interna acontecendo durante um dia de céu azul.</p> <p>Plano médio mostrando o rei subindo na mesa para se aproximar do conselheiro que estava fugindo dele.</p>	<p>Música instrumental tocando ao fundo.</p> <p>Rei: -Não acha natural dar um baile para celebrar a sua volta?</p>
17	25'08 a 25'11	<p>Cena interna acontecendo durante um dia de céu azul.</p> <p>Plano inteiro do conselheiro também em cima da mesa tentando ficar longe do rei.</p>	<p>Música instrumental tocando ao fundo.</p> <p>Conselheiro do rei: -Natural.</p>
18	25'11 a 25'16	<p>Cena interna acontecendo durante um dia de céu azul.</p> <p>Plano inteiro com o rei se arrastando em cima da mesa em direção ao conselheiro e depois parando de joelhos com o rosto orgulhoso de sua mais recente ideia.</p>	<p>Música instrumental tocando ao fundo.</p> <p>Rei: -E se todas as jovens solteiras do reino forem...</p>
19	25'16 a 25'18	<p>Cena interna acontecendo durante um dia de céu azul.</p>	<p>Música instrumental tocando ao fundo.</p>

		Plano médio com o conselheiro caindo na cadeira próxima a mesa após levar um tapinha de entusiasmo do rei enquanto o mesmo ri.	Rei: -forem convidadas.
20	25'18 a 25'22	Cena interna acontecendo durante um dia de céu azul. Plano médio com o rei feliz e questionador.	Música instrumental tocando ao fundo. Rei: -Ele se interessaria por uma delas, não é?
21	25'22 a 25'28	Cena interna acontecendo durante um dia de céu azul. Plano médio mostrando o rei puxando agressivamente o conselheiro pelo colarinho enquanto questiona a opinião dele e depois o soltando ao conseguir a resposta desejada.	Música instrumental tocando ao fundo. Rei: -Não é? Conselheiro do rei: -Sim, senhor.
22	25'28 a 25'40	Cena interna acontecendo durante um dia de céu azul. Plano conjunto mostrando o rei sentado na mesa gargalhando, contente com o seu plano, enquanto o conselheiro cai da cadeira e some de cena. Depois o rei olha preocupado para o outro antes de fazer mais uma pergunta.	Música instrumental tocando ao fundo. Rei: -Nesse momento...à meia luz...romance e música. Que ambiente! Não poderá falhar!
23	25'40 a 25'49	Cena interna acontecendo durante um dia de céu azul. Plano inteiro mostrando que o conselheiro esbarrou em vários elementos de cena quando caiu, ficando um pouco desorientado. Ele responde nervoso a pergunta do rei.	Música instrumental tocando ao fundo. Rei: -Poderá? Conselheiro do rei: -Sim, senhor. Não, senhor. -Muito bem, Majestade. Arranjarei um baile para...
24	25'49 a 25'50	Cena interna acontecendo durante um dia de céu azul. Plano inteiro com o rei sentado impaciente na beirada da mesa.	Música instrumental tocando ao fundo. Rei: -Hoje!
25	25'50 a 25'52	Cena interna acontecendo durante um dia de céu azul. Plano inteiro mostrando o conselheiro com um capacete protestando a ordem de seu rei.	Música instrumental tocando ao fundo. Conselheiro do rei: -Hoje? Mas senhor...

26	25'52 a 25'53	Cena interna acontecendo durante um dia de céu azul. Close com o rei impaciente.	Música instrumental tocando ao fundo. Rei: -Hoje!
27	25'53 a 26'03	Cena interna acontecendo durante um dia de céu azul. Plano conjunto mostrando o rei se aproximando do conselheiro e abrindo o capacete para dar um ultimato antes de fechá-lo novamente e sair de cena.	Música instrumental tocando ao fundo. Rei: -E todas as donzelas serão convidadas. Entendeu? Conselheiro do rei: -Sim, Majestade.

Fonte: CINDERELLA. Direção: Clyde Geronimi, Wilfred Jackson e Hamilton Luske. Produção: Walt Disney Pictures. Estados Unidos, 4 de mar. de 1950. 74 min de filme, son.cor.

Apêndice D - Relacionamento arranjado para união de terras

Cena	Tempo	Vídeo	Áudio
01	04'14 a 04'20	<p>Cena interna acontecendo durante um dia de céu claro.</p> <p>Plano aberto mostrando quatro funcionários do palácio tocando um instrumento de sopro na varanda do castelo.</p>	<p>Som do instrumento de sopro.</p>
02	04'20 a 04'23	<p>Cena interna acontecendo durante um dia de céu claro.</p> <p>Plano aberto com um funcionário de costas lendo um pergaminho que introduz os visitantes para todos os outros convidados do castelo, que aparecem no fundo da cena.</p>	<p>Música instrumental tocando ao fundo.</p> <p>Funcionário com pergaminho: -Suas altezas...</p>
03	04'23 a 04'31	<p>Cena interna acontecendo durante um dia de céu claro.</p> <p>Plano aberto com a família real visitante andando em direção a um homem e uma mulher da realeza, que são os donos do castelo e estão sentados no trono. O jovem príncipe faz uma reverência e o rei que estava sentado se levanta para abraçar o que estava em pé.</p>	<p>Música instrumental tocando ao fundo.</p> <p>Funcionário com pergaminho: -o Rei Humberto e o Príncipe Felipe! Narrador: -E estes monarcas sonharam afetuosamente...</p>
04	04'32 a 04'50	<p>Cena interna acontecendo durante um dia de céu claro.</p> <p>Plano médio mostrando que após o abraço, o príncipe se aproxima do pai para cumprimentar o outro rei. Depois, com incentivo e orientação do pai, ele anda em direção ao berço ao lado da rainha, que coloca o braço ao redor dele aprovando a aproximação.</p>	<p>Música instrumental tocando ao fundo.</p> <p>Narrador: -que um dia seus reinos se uniriam. -Hoje eles anunciariam que Felipe, filho e herdeiro de Humberto, seria prometido à filha de Estevão. -Ele trouxe então seu presente para ela e olhou, sem saber, sua futura noiva.</p>
05	04'50 a 04'53	<p>Cena interna acontecendo durante um dia de céu claro.</p> <p>Plano médio curto com foco na reação negativa de Felipe ao ver o bebê, arqueando as sobrancelhas e contorcendo a</p>	<p>Música instrumental tocando ao fundo.</p>

		boca para um dos lados enquanto pisca repetidamente.	
--	--	--	--

Fonte: A BELA ADORMECIDA. Direção: Les Clark, Clyde Geronimi, Eric Larson, Wolfgang Reitherman e Hamilton Luske. Produção: Walt Disney Pictures. Estados Unidos, 29 de jan. de 1959.75 min de filme, son., cor.

Apêndice E - Vilão apaixonado pela própria aparência

Cena	Tempo	Vídeo	Áudio
01	06'35 a 06'36	Cena externa acontecendo durante um dia ensolarado. Plano detalhe dos pássaros voando até que um é atingido por uma bala e cai.	Música instrumental tocando ao fundo. Som de aves e de tiro.
02	06'36 a 06'40	Cena externa acontecendo durante um dia ensolarado. Plano aberto mostra os aldeões curiosos e LeFou correndo para tentar pegar a ave que Gaston matou. O pássaro cai no chão e ele coloca dentro da sacola.	Música instrumental tocando ao fundo. Som de LeFou ofegante.
03	06'40 a 06'42	Cena externa acontecendo durante um dia ensolarado. Plano inteiro em <i>contraplongée</i> colocando Gaston como um personagem superior aos outros, porém sombrio já que ele aparece pela primeira vez escondido nas sombras sorrindo ao conseguir o animal morto. Logo depois, LeFou entra desajeitadamente em cena carregando a sacola com o pássaro e andando em direção ao vilão.	Música instrumental tocando ao fundo. LeFou: -Puxa! Você não erra uma, Gaston!
04	06'42 a 06'43	Cena externa acontecendo durante um dia ensolarado. Plano inteiro em <i>plongée</i> mostrando a inferioridade de LeFou, que é pequeno, desengonçado e feio comparado com Gaston.	Música instrumental tocando ao fundo. LeFou: -Você é o melhor caçador do mundo!
05	06'43 a 06'44	Cena externa acontecendo durante um dia ensolarado. Plano médio curto apresentando as feições do vilão Gaston e mostrando o mesmo soprando o bico da arma que usou para matar o pássaro.	Música instrumental tocando ao fundo. Som de sopro. Gaston: -Eu sei.
06	06'44 a 06'46	Cena externa acontecendo durante um dia ensolarado. Plano conjunto com Gaston saindo de cena e LeFou carregando todos os pertences para o vilão.	Música instrumental tocando ao fundo. LeFou: -Nenhuma fera teria chance contra você.
07	06'46 a 06'49	Cena externa acontecendo durante um dia ensolarado.	Música instrumental tocando ao fundo.

		Plano conjunto com movimentação para a esquerda acompanhando o andar dos personagens.	LeFou: -Nenhuma garota, aliás.
08	06'49 a 06'54	Cena externa acontecendo durante um dia ensolarado. Plano conjunto com Gaston segurando LeFou pelo pescoço com o braço enquanto conversa com ele. Depois, há um giro rápido para acompanhar o que Gaston está apontando com a arma como se ele tivesse uma caça na mira. Nesse momento é possível ver Bela lendo um livro.	Música instrumental tocando ao fundo. Gaston: -Verdade, LeFou. -E eu estou de olho naquela ali. LeFou: -A filha do inventor? Gaston: -Ela mesma.
09	06'54 a 06'59	Cena externa acontecendo durante um dia ensolarado. Plano médio com Gaston derrubando LeFou no chão, ajeitando o próprio cabelo e depois jogando a arma para o colega pegar.	Música instrumental tocando ao fundo. Gaston: -A sortuda com quem me casarei. LeFou: -Mas ela é... Gaston: -A garota mais bela da cidade. LeFou: -Pois é, mas...
10	06'59 a 07'02	Cena externa acontecendo durante um dia ensolarado. Plano conjunto mostrando que LeFou se machucou quando Gaston jogou a arma e, mesmo assim, o personagem não parece se chatear.	Música instrumental tocando ao fundo. Gaston: -Por isso ela é a melhor.
11	07'02 a 07'10	Cena externa acontecendo durante um dia ensolarado. Plano conjunto de Gaston levantando LeFou pelo colarinho e questionando o mesmo. Depois disso ele volta a largar o colega e começa a cantar.	Música instrumental tocando ao fundo. Gaston: -E eu não mereço o melhor? LeFou: -Claro que sim. Merece. Gaston (cantando): -Desde o momento em que eu a vi, eu disse "Não há ninguém igual a ela".
12	07'11 a	Cena externa acontecendo durante um	Música instrumental

	07'15	<p>dia ensolarado.</p> <p>Plano aberto com Bela passando pelo vilarejo seguida pelos olhos atentos de LeFou enquanto Gaston olha apaixonadamente para o próprio reflexo no espelho.</p>	<p>tocando ao fundo.</p> <p>Gaston (cantando): -Eu vi logo que ela tinha...</p>
13	07'16 a 07'20	<p>Cena externa acontecendo durante um dia ensolarado.</p> <p>Close com Gaston se admirando no espelho tão intensamente que só percebe onde está Bela quando ela já passou por ele e está distante do seu ponto inicial. Ele, então, se assusta e começa a correr na direção da protagonista.</p>	<p>Música instrumental tocando ao fundo.</p> <p>Gaston (cantando): -a beleza igual à minha e é por isso que eu quero casar com ela.</p>

Fonte: A BELA E A FERA. Direção: Gary Trousdale e Kirk Wise. Produção: Walt Disney Pictures, Walt Disney Feature Animation e Silver Screen Partners IV. Estados Unidos, 13 de dez. de 1991.84 min de filme, son., cor.

Apêndice F - Vilão com aparência afeminada

Cena	Tempo	Vídeo	Áudio
01	18'13 a 18'19	<p>A cena começa interna e depois fica externa em um dia de céu azul.</p> <p>Inicia em plano detalhe da janela do barco em que o Governador está. É possível ver sua mão empurrando a janela e mudando a tela para o grande plano geral da natureza da América do Norte. A cena é estática de dentro do barco, mas há movimento pois a embarcação está se locomovendo para a esquerda. A paisagem é composta por um rio, várias ilhas e algumas árvores, além de montanhas ao fundo.</p>	<p>Som de janela abrindo.</p> <p>Sons da natureza no fundo.</p> <p>Ratcliffe: -Veja, Wiggins, todo um Novo Mundo, cheio de ouro...</p>
02	18'19 a 18'21	<p>Cena interna em um dia de céu azul.</p> <p>Primeiro plano de Ratcliffe falando com Wiggins enquanto olha para a janela.</p>	<p>Sons da natureza no fundo.</p> <p>Ratcliffe: -esperando por mim.</p>
03	18'21 a 18'27	<p>Cena interna em um dia de céu azul.</p> <p>Plano conjunto de Wiggins e Percy, o cachorro de Ratcliffe. É possível ver o interior do quarto do Governador com vários pergaminhos e boa comida na mesa. O ajudante penteia e perfuma os pelos do cachorro enquanto conversa com o vilão.</p>	<p>Som de cachorro.</p> <p>Som de spray.</p> <p>Wiggins: -E muitas aventuras esperando por nós, certo, Percy? -Será que vamos encontrar selvagens?</p>
04	18'27 a 18'30	<p>Cena interna em um dia de céu azul.</p> <p>Plano médio de Ratcliffe com o corpo voltado para a janela aberta enquanto a cabeça está virada para dentro do barco para que ele possa conversar com Wiggins.</p>	<p>Ratcliffe: -Se encontrarmos, vamos lhes garantir uma adequada saudação inglesa.</p>
05	18'30 18'32	<p>Cena interna em um dia de céu azul.</p> <p>Plano médio de Wiggins segurando cestas com pães, queijos e vinhos.</p>	<p>Som de vidro batendo.</p> <p>Wiggins: -Cesta de presentes!</p>
06	18'32 a 18'36	<p>Cena interna em um dia de céu azul.</p> <p>Primeiro plano do Governador fazendo careta para a sugestão de seu ajudante. <i>Zoom-out</i> para plano médio dele pegando um pergaminho e depois andando para a direita.</p>	<p>Som de resmungo.</p> <p>Ratcliffe: -E ele veio tão bem recomendado.</p>
07	18'37 a 18'39	<p>Cena interna em um dia de céu azul.</p>	<p>Som de papel.</p>

		Plano médio do Governador Ratcliffê sentando na mesa em que seu cachorro está e abrindo o pergaminho que pegou na estante.	Som de alguém batendo na porta.
08	18'39 a 18'43	Cena interna em um dia de céu azul. Plano americano de John Smith entrando no ambiente para falar com Ratcliffê. Há uma movimentação para a direita acompanhando o protagonista até a mesa em que o Governador está.	Som de porta abrindo. John Smith: -Perfeito, a água é bastante profunda. Podemos puxar até a praia.
09	18'43 a 18'46	Cena interna em um dia de céu azul. Plano inteiro de Percy recebendo carinho de John Smith e depois fazendo careta por ter seus pelos despenteados.	Som de cachorro. John Smith: -Ei, olá, Percy.
10	18'46 a 18'50	Cena interna em um dia de céu azul. Plano conjunto de John apoiado na mesa para falar com o Governador enquanto ele lê o mapa.	Ratcliffê: -Muito bem, então. Dê as ordens. John Smith: -Já o fiz, senhor. -Reuni uma equipe, e estão prontos para sair.
11	18'50 a 18'56	Cena interna em um dia de céu azul. Plano médio do Governador fechando o pergaminho e o apontando para John.	Ratcliffê: -Quanto aos nativos, conto com você para garantir que esses pagãos imundos não prejudiquem nossa missão.
12	18'57 a 19'00	Cena interna em um dia de céu azul. Plano médio de John falando.	John Smith: -Bem, se forem como os selvagens com quem já lutei, não são nada que eu não dê conta.
13	19'01 a 19'04	Cena interna em um dia de céu azul. Plano médio do Governador colocando vinho em uma taça.	Ratcliffê: -Certo. Isso é tudo, Smith. É um bom homem.
14	19'04 a 19'06	Cena interna em um dia de céu azul. Plano inteiro de Percy recebendo carinho de John Smith e depois rosnando.	Som de cachorro. John Smith: -Até mais, Percy.
15	19'06 a 19'10	Cena interna em um dia de céu azul. Primeiro plano de Ratcliffê bebendo vinho e depois falando com Wiggins.	Som de porta fechando. Ratcliffê: -Os homens gostam de Smith, não é?

16	19'11 a 19'12	Cena interna em um dia de céu azul. Plano inteiro de Percy ajeitando seu pelo e rosnando.	Som de cachorro.
17	19'12 a 19'17	Cena interna em um dia de céu azul. Plano médio do Governador em pé em frente ao espelho falando com seu ajudante até que ele para do seu lado para conversar.	Ratcliffe: -Nunca fui um homem popular. Wiggins: -Eu gosto do senhor.
18	19'17 a 19'24	Cena interna em um dia de céu azul. Plano médio de Ratcliffe falando com Wiggins. Movimentação para baixo mostrando a cintura do Governador enquanto seu ajudante coloca peças de roupa nele.	Sons de roupa. Ratcliffe: -Não pense que não sei o que os traidores da corte falam sobre mim. Wiggins: -Ah, sim, toda aquela conversa sobre ser um patético oportunista, que fracassou em tudo...
19	19'24 a 19'37	Cena interna em um dia de céu azul. Plano médio de Ratcliffe conversando com Wiggins em <i>zoom-in</i> enquanto ele continua colocando mais peças de roupa em seu corpo.	Ratcliffe: -Estou bastante consciente que esta é minha última chance de glória. Mas ouça bem, Wiggins, quando Rei Jaime vir o ouro que esses camponeses vão extrair, o sucesso será meu, finalmente.

Fonte: POCAHONTAS. Direção: Eric Goldberg e Mike Gabriel. Produção: Walt Disney Feature Animation e Walt Disney Pictures. Estados Unidos, 23 de jun. de 1995. 81 min de filme, son., cor.

Apêndice G - Discussão da importância do gênero

Cena	Tempo	Vídeo	Áudio
01	01'06'24 a 01'06'25	Cena externa em uma noite sem chuva. Primeiro plano de Shang olhando para o festival em homenagem aos heróis da China. Ele abaixa o rosto e fecha os olhos, demonstrando tristeza e vergonha pelo que fez com Mulan.	Música instrumental.
02	01'06'25 a 01'06'26	Cena externa em uma noite sem chuva. Plano conjunto de Ping, Yao e Chien-Po também de cabeça baixa enquanto andam no festival, mostrando o mesmo tipo de ressentimento que Shang.	Música instrumental.
03	01'06'27 a 01'06'33	Cena externa em uma noite sem chuva. Plano aberto em movimento de Mulan em cima de seu cavalo atravessando a multidão do festival.	Música instrumental. Som de pessoas reclamando. Barulhos de cavalo.
04	01'06'33 a 01'06'34	Cena externa em uma noite sem chuva. Plano aberto de Mulan se aproximando de Shang. Ambos estão em cima de cavalos e conseguem se ver com facilidade.	Música instrumental. Barulhos de cavalo. Mulan: -Shang!
05	01'06'34 a 01'06'35	Cena externa em uma noite sem chuva. Primeiro plano de Shang surpreso em ver Mulan novamente.	Música instrumental. Barulhos de cavalo. Shang: -Mulan?
06	01'06'35 a 01'06'38	Cena externa em uma noite sem chuva. Primeiro plano de Mulan concentrada em dar as informações que sabe a Shang.	Música instrumental. Barulhos de cavalo. Mulan: -Os hunos sobreviveram! E já chegaram!
07	01'06'38 a 01'06'40	Cena externa em uma noite sem chuva. Primeiro plano de Shang ignorando a fala da protagonista e sendo grosseiro com ela, expulsando-a do local e saindo de cena como se acelerasse o passo de seu cavalo.	Música instrumental. Barulhos de cavalo. Shang: -O seu lugar não é este, Mulan. Vá embora.

08	01'06'40 a 01'06'43	Cena externa em uma noite sem chuva. Plano inteiro de Mulan em seu cavalo assimilando o que lhe foi dito e insistindo mesmo assim em falar com o comandante. Ela sai de cena fazendo seu cavalo andar mais rápido para acompanhar o passo do outro personagem.	Música instrumental. Barulhos de cavalo.
09	01'06'43 a 01'06'47	Cena externa em uma noite sem chuva. Plano conjunto de Mulan olhando para Shang implorando que ele confie nela enquanto o comandante evita contato visual e fecha o rosto, juntando as sobrancelhas em desagrado com sua teimosia.	Música instrumental. Barulhos de cavalo. Mulan: -Shang, eu os vi nas montanhas. Por favor, acredite em mim.
10	01'06'47 a 01'06'48	Cena externa em uma noite sem chuva. Primeiríssimo plano de Shang, zangado, respondendo a pergunta de Mulan.	Música instrumental. Barulhos de cavalo. Shang: -Por que eu deveria?
11	01'06'49 a 01'06'51	Cena externa em uma noite sem chuva. Primeiríssimo plano de Mulan franzindo a testa como Shang havia feito, demonstrando não gostar da fala dele. Ela sai de cena novamente, fazendo com que seu cavalo ande mais rápido.	Música instrumental. Barulhos de cavalo.
12	01'06'51 a 01'06'55	Cena externa em uma noite sem chuva. Plano conjunto de Mulan colocando seu cavalo na frente do de Shang para que ele pare e preste atenção no que ela vai falar.	Música instrumental. Barulhos de cavalo. Mulan: -Por que acha que eu vim para cá?
13	01'06'55 a 01'06'57	Cena externa em uma noite sem chuva. Plano médio de Mulan séria e questionadora falando com o comandante.	Música instrumental. Barulhos de cavalo. Mulan: -Você confiava em Ping.
14	01'06'57 a 01'07'01	Cena externa em uma noite sem chuva. Plano médio de Shang com as sobrancelhas levemente arqueadas e olhando para os lados, demonstrando dúvida.	Música instrumental. Barulhos de cavalo. Mulan: -Por que seria diferente com Mulan?

15	01'07'01 a 01'07'05	Cena externa em uma noite sem chuva. Plano conjunto de Shang decidindo ultrapassar Mulan e não responder a protagonista. Ela, então, sai da frente e decide investir seus esforços de outra maneira.	Música instrumental. Barulhos de cavalo.
16	01'07'05 a 01'07'07	Cena externa em uma noite sem chuva. Plano médio de Mulan desviando o olhar de Shang para o grupo de soldados que batalhou com ela.	Música instrumental. Barulhos de cavalo.
17	01'07'07 a 01'07'09	Cena externa em uma noite sem chuva. Plano conjunto de Ping, Yao e Chien-Po prestando atenção na fala de Mulan.	Música instrumental. Barulhos de cavalo. Mulan: -Fiquem atentos.
18	01'07'09 a 01'07'12	Cena externa em uma noite sem chuva. Plano médio de Mulan avisando uma última vez sobre o perigo a que todos estão expostos. Depois, ela faz com que seu cavalo mude de direção e sai de cena.	Música instrumental. Barulhos de cavalo. Som para aticar o cavalo. Mulan: -Eles estão aqui.

Fonte: MULAN. Direção: Tony Bancroft e Barry Cook. Produção: Walt Disney Pictures, Jason T. Reed Productions e Good Fear Productions. Estados Unidos, 5 de jun. de 1998. 87 min de filme, son., cor.

Apêndice H - Pleakley preferindo acessórios femininos

Cena	Tempo	Vídeo	Áudio
01	38'17 a 38'19	<p>A cena se passa em uma noite de céu estrelado.</p> <p>Plano aberto do acampamento que Jumba e Pleakley fizeram próximos a casa de Lilo. Há aparelhos eletrônicos espalhados pelo local. O cientista que criou Stitch está de calça e colete enquanto o observa com um binóculo. O alienígena especialista da Terra está de pijama desenrolando um colchonete para se deitar.</p>	<p>Sons da natureza.</p> <p>Som de risada.</p>
02	38'19 a 38'21	<p>A cena se passa em uma noite de céu estrelado.</p> <p>Plano médio de Jumba tirando os olhos do binóculo e virando o pescoço para trás para falar com Pleakley.</p>	<p>Jumba: -Esta garotinha está perdendo o tempo dela.</p>
03	38'21 a 38'27	<p>A cena se passa em uma noite de céu estrelado.</p> <p>Plano aberto do acampamento enquanto Jumba se senta para conversar com o colega de forma animada e o outro demonstra pouco interesse no que ele diz, revirando o olho.</p>	<p>Som de risada.</p> <p>Jumba: -Não se pode ensinar o 6-2-6 a ignorar sua programação destrutiva.</p>
04	38'27 a 38'35	<p>A cena se passa em uma noite de céu estrelado.</p> <p>Plano conjunto com foco em Pleakley já sentado dentro do colchonete e pegando uma peruca. No fundo está Jumba, de costas novamente, observando Stitch com seu binóculo. O especialista na Terra aproveita que o colega está distraído e bota a cabeleira que utilizou no bar ao se disfarçar de mulher. Ele, então, se admira no espelho e é flagrado por Jumba, que questiona o que ele está fazendo. O personagem tira a peruca e tenta esconder o rosto com vergonha.</p>	<p>Som de risada.</p> <p>Som de objetos sendo ajeitados e depois guardados.</p> <p>Jumba: -Empurre isso. -O que está fazendo?</p> <p>Pleakley: -Nada!</p>
05	38'35 a 38'44	<p>A cena se passa em uma noite de céu estrelado.</p> <p>Plano conjunto de Jumba se aproximando de Pleakley para pegar a peruca. O segundo protesta e tenta proteger o artefato, porém ambos brigam pelo objeto e</p>	<p>Som de risada.</p> <p>Som de briga.</p> <p>Jumba: -Quero experimentar isso.</p>

		o primeiro acaba conseguindo o que quer.	Pleakley: -Não! Jumba: -Dê-me isso! Quero experimentar! Pleakley: -Está com inveja porque estou bonito.
06	38'44 a 38'51	A cena se passa em uma noite de céu estrelado. Plano médio curto de Pleakley com o braço levantado dando destaque a um mosquito que pousou nele. O animal se desloca pela pele do alienígena e outros se aproximam.	Som de mosquito. Pleakley: -Um mosquito me escolheu como poleiro. -Ele é tão... bonito. -Olhe, mais um.
07	38'51 a 39'00	A cena se passa em uma noite de céu estrelado. Plano médio de Pleakley com vários mosquitos pousando em seu corpo e ele animado com o acontecimento. Os animais cobrem o corpo do alienígena desde sua pele até suas roupas, que são uma calça e uma blusa de botões.	Som intenso de mosquitos. Som de risada. Pleakley: -E mais um! -É um bando inteiro. E eles gostam de mim! -Eles estão me cheirando com seus narizes!
08	39'00 a 39'02	A cena se passa em uma noite de céu estrelado. Plano médio curto de Pleakley com apenas os olhos, a boca e uma das mãos aparecendo enquanto todo o resto está coberto por mosquitos. O personagem aparenta se preocupar um pouco com o que acontecerá em seguida.	Som intenso de mosquitos. Pleakley: -Agora eles estão... Eles estão...
09	39'02 a 39'06	A cena se passa em uma noite de céu estrelado. Grande plano geral aéreo mostrando a casa de Lilo, um rio, a mata e o local do acampamento de Pleakley e Jumba iluminado entre as palmeiras.	Som de grito agudo.

Fonte: LILO & STITCH. Direção: Dean DeBlois e Chris Sanders. Produção: Walt Disney Picture e Walt Disney Animation Studios. Estados Unidos, 21 de jun. de 2002. 85 min de filme, son., cor.

Apêndice I - Possível casal formado por duas mulheres

Cena	Tempo	Vídeo	Áudio
01	39'19 a 39'20	Cena externa acontecendo durante um dia de sol. Movimento para trás com plano aberto mostrando o parque no fundo, o carrinho de bebê no centro, uma criança no lado direito, o polvo no esquerdo e o copo com a Dory na frente.	Som ambiente no fundo. Som de criança. Som de objetos caindo.
02	39'20 a 39'21	Cena externa acontecendo durante um dia de sol. Plano detalhe da Dory em um copo perto de uma bota feminina.	Som ambiente no fundo. Mulher de cabelo curto: -Tadinho.
03	39'21 a 39'21	Cena externa acontecendo durante um dia de sol. Plano conjunto com duas mulheres lado a lado. Uma delas abaixa para pegar o copo que caiu e fala com o bebê que ela acredita estar no carrinho. Enquanto isso, o polvo olha preocupado para a cena. No fundo é possível ver diferentes casais e família visitando o ambiente.	Som ambiente no fundo. Mulher de cabelo curto: -Deixa eu pegar pra você.
04	39'21 a 39'22	Cena externa acontecendo durante um dia de sol. Plano inteiro do polvo assustado e apreensivo.	Som ambiente no fundo. Som de susto.
05	39'22 a 39'24	Cena externa acontecendo durante um dia de sol. Plano conjunto da mulher de cabelo curto ameaçando devolver o copo para o carrinho enquanto a mulher de cabelos longos ao lado dela sorri em direção ao bebê.	Som ambiente no fundo. Mulher de cabelo curto: -Aqui está...Opa!
06	39'24 a 39'24	Cena externa acontecendo durante um dia de sol. Plano inteiro mostra o polvo disfarçado de bebê dentro do carrinho.	Som ambiente no fundo. Som de susto.
07	39'24 a 39'27	Cena externa acontecendo durante um dia de sol. Plano conjunto da mulher de cabelo curto	Som ambiente no fundo. Mulher de cabelo

		devolvendo o copo para o carrinho enquanto a de cabelos longos faz cara de assustada. A primeira, então, segura o braço da outra como se já a conhecesse e vira seu corpo para se afastarem do lugar.	curto: -Puxa vida.
--	--	---	------------------------------

Fonte: PROCURANDO DORY. Direção: Andrew Stanton e Angus MacLane. Produção: Walt Disney Pictures e Pixar Animation Studios. Estados Unidos, 17 de jun. de 2016. 97 min de filme, son., cor.

Apêndice J - Casal formado por dois homens

Cena	Tempo	Vídeo	Áudio
01	12'55 a 13'01	Cena interna acontecendo durante um dia de sol. Tela estática em plano aberto de dentro do novo quarto de Judy. Ela está parada na porta e cumprimenta os dois vizinhos antílopes machos que vão entrar no ambiente ao lado.	Som de sirene. Som de passos. Som de porta batendo. Judy: -Oi! Sou Judy, a nova vizinha. Antílope de vermelho: -É? Somos barulhentos. Antílope de azul: -E não espere desculpas.

Fonte: ZOOTOPIA. Direção: Byron Howard, Rich Moore e Jared Bush. Produção: Walt Disney Pictures e Walt Disney Animation Studios. Estados Unidos, 4 de mar. de 2016. 108 min de filme, son., cor.

Apêndice K - Casal de lésbicas com o filho

Cena	Tempo	Vídeo	Áudio
01	11'32 a 11'38	<p>Cena interna acontecendo durante um dia de sol.</p> <p>Leve movimento para trás e enquadramento de plano aberto. Na cena é possível ver a sala de uma creche com mesas lotadas de crianças e alguns pais se despedindo dos filhos. Um homem de verde abraça uma criança de azul em uma das mesas do lado direito. Do lado esquerdo, uma mulher está abaixada enquanto a outra se agacha com o braço apoiado nela para falar com outra criança. Enquanto isso, a Bonnie aparece no fundo da cena entrando na sala.</p>	<p>Música ambiente.</p> <p>Som de crianças brincando.</p>
02	11'38 a 11'39	<p>Cena interna acontecendo durante um dia de sol.</p> <p>Plano conjunto mostrando a mãe de Bonnie de mãos dadas com a filha e a mesma aparentando estar surpresa com o local em que estava.</p>	<p>Música ambiente.</p>
03	11'39 a 11'41	<p>Cena interna acontecendo durante um dia de sol.</p> <p>Plano detalhe dos olhos do boneco Woody, que está guardado dentro da bolsa da Bonnie e observa com cautela o ambiente ao redor.</p>	<p>Música ambiente.</p>
04	11'41 a 11'43	<p>Cena interna acontecendo durante um dia de sol.</p> <p>Plano aberto em primeira pessoa da perspectiva do Woody ao observar a creche. No primeiro plano é possível ver a decoração da mochila por dentro. No fundo, estão as famílias vistas por outro ângulo com as duas mulheres abraçando a criança e a professora se aproximando.</p>	<p>Música ambiente.</p>

Fonte: TOY STORY 4. Direção: Josh Cooley. Produção: Walt Disney Pictures e Pixar Animation Studios. Estados Unidos, 21 de jun. de 2019. 100 min de filme, son., cor.

Apêndice L - Mulher afirma ter namorada em cena

Cena	Tempo	Vídeo	Áudio
01	48'13 a 48'15	Cena externa durante a noite. Grande plano aberto da estrada, mostrando o carro dos personagens principais e o da polícia entrando em cena.	Som de sirene da polícia.
02	48'15 a 48'19	Cena interna durante a noite. Plano conjunto de duas policiais dentro do carro. A mais alta, Spectre, fala no autofalante com os protagonistas.	Som de sirene da polícia. Spectre: -Saia do carro.
03	48'19 a 48'22	Cena interna durante a noite. Plano conjunto dos dois irmãos, Ian e Barley, no carro com a luz do automóvel da polícia piscando no fundo. Enquanto os personagens conversam, o pai deles levanta e sai do carro.	Som de sirene da polícia. Ian: -O que vamos fazer? Barley: -Não sei. Ian: -Como vamos explicar... Ai, não. Pai!
04	48'22 a 48'26	Cena externa durante a noite. Plano aberto do pai dos meninos andando de forma desengonçada em direção às duas policiais.	Música instrumental. Som de passos.
05	48'26 a 48'27	Cena interna durante a noite. Plano conjunto das duas policiais dentro do carro ficando espantadas com o que veem.	Música instrumental.
06	48'27 a 48'29	Cena externa durante a noite. Plano aberto do pai dos meninos andando de forma desengonçada em direção às duas policiais.	Música instrumental. Som de passos.
07	48'29 a 48'31	Cena interna durante a noite. Plano conjunto das duas policiais se entreolhando.	Música instrumental.
08	48'31 a 48'38	Cena externa durante a noite. Plano conjunto das policiais saindo do carro e andando em direção ao pai dos meninos. Há uma movimentação para trás e um giro para esquerda em que é possível ver os dois irmãos conversando.	Som de porta. Policia Gore: -A noite foi longa, amigo? Policia Spectre: -Senhor, peço que ande em linha reta.

			Ian: -Vão levar o papai.
09	48'38 a 48'40	Cena externa durante a noite. Plano conjunto dos irmãos conversando na frente do carro. Movimentação para baixo virando plano detalhe da mão de Barley fazendo um desenho no chão.	Barley: -Ah, já sei. A magia do disfarce.
10	48'40 a 48'43	Cena externa durante a noite. Plano conjunto dos irmãos conversando na frente do carro enquanto Ian escuta assustado o plano do irmão.	Barley: -Pode se disfarçar e ser quem você quiser.
11	48'43 a 48'44	Cena externa durante a noite. Plano detalhe do desenho de Ian mostrando um indivíduo dentro de outro e ambos realizando o mesmo movimento.	
12	48'44 a 48'45	Cena externa durante a noite. Plano conjunto dos dois irmãos conversando um de frente pro outro. O foco está em Ian enquanto ele fala.	Ian: -E se eu errar de novo?
13	48'45 a 48'53	Cena externa durante a noite. Plano conjunto dos dois irmãos conversando um de frente pro outro. O foco está em Barley enquanto ele olha para trás para ver o que está acontecendo entre o pai e as policiais. Depois, volta e conversa com Ian.	Barley: -Segundo a magia: "Disfarçar-se é mentir, então deve dizer a verdade para conseguir." -Se você não mentir, a magia dá certo.
14	48'53 a 48'56	Cena externa durante a noite. Plano conjunto dos dois irmãos conversando um de frente pro outro. O foco está em Ian enquanto ele fala.	Ian: -Entendi. Quem nós vamos ser?
15	48'56 a 48'59	Cena externa durante a noite. Plano aberto das duas policiais em frente ao carro falando com o pai dos meninos enquanto ele se move de um lado para o outro.	Policia Gore: -Vamos levá-lo para a delegacia. Ian (disfarçado de Bronco): -O que está acontecendo aqui, meu amigo policial?
16	49'00 a 49'04	Cena externa durante a noite. Plano aberto de Ian e Barley disfarçados como o padrao, Bronco, saindo de trás do carro para falar com as policiais.	Som de passos.

17	49'05 a 49'07	Cena externa durante a noite. Plano aberto das duas policiais em frente ao carro falando com quem elas acreditam ser o Bronco enquanto o pai dos meninos continua se movendo no fundo.	Policia! Gore: -Policia! Bronco? Policia! Spectre: -Estava naquela van?
18	49'07 a 49'19	Cena externa durante a noite. Plano aberto de Ian e Barley disfarçados como o padrasto andando em direção às duas policiais. Ocorre uma movimentação para direita conforme Bronco se aproxima e é possível entender melhor a mágica de camuflagem usada.	Ian (disfarçado de Bronco): -Positivo. E nós vamos... Digo, eu vou assumir a responsabilidade por esse sujeito aí. Então pode entregá-lo a mim. Barley (sussurrando para Ian): -Eu queria ficar na frente. Ian (sussurrando para Barley): -Esquece. Deixa que eu falo.
19	49'19 a 49'21	Cena externa durante a noite. Plano conjunto das duas policiais e do pai, porém com foco na personagem mais baixa enquanto ela fala.	Policia! Gore: -Achei que estivesse trabalhando do outro lado da cidade.
20	49'21 a 49'23	Cena externa durante a noite. Plano médio de Ian disfarçado de Bronco respondendo às policias e tendo sua orelha transformada.	Som de magia. Ian (disfarçado de Bronco): -Eu mudei de ideia.
21	49'23 a 49'24	Cena externa durante a noite. Primeiro plano do perfil de Ian disfarçado de Bronco mostrando sua reação ao ter a orelha verdadeira exposta.	
22	49'24 a 49'24	Cena externa durante a noite. Plano médio de Ian disfarçado de Bronco virando o rosto para não mostrar a orelha.	Som de protesto e confusão de Bronco.
23	49'24 a 49'25	Cena externa durante a noite. Plano médio de Spectre levantando a lanterna para ver Bronco melhor.	Som de lanterna ligando. Policia! Spectre: -Algo errado?
24	49'25 a 49'29	Cena externa durante a noite. Plano médio de Ian disfarçado de Bronco respondendo às policias e tendo sua mão transformada. Para disfarçar, ele tenta escondê-la e faz um barulho com a boca por conta do susto.	Som de magia. Som de protesto e confusão de Bronco. Ian (disfarçado de Bronco): -Um pouco de câimbra no

			pescoço.
25	49'29 a 49'32	Cena externa durante a noite. Plano conjunto visto de cima para baixo de Ian e Barley disfarçados de Bronco enquanto o irmão mais velho fala com o mais novo.	Barley (sussurrando para Ian): -Tem que parar de mentir. Responda tudo com perguntas.
26	49'32 a 49'34	Cena externa durante a noite. Plano médio de Spectre com a lanterna levantada e os olhos indicando suspeita de algo errado.	Policia Spectre: -O que está fazendo aqui?
27	49'34 a 49'39	Cena externa durante a noite. Plano médio de Ian disfarçado de Bronco respondendo às policiais com outra pergunta de forma evasiva e suspeita.	Ian (disfarçado de Bronco): -O que estou fazendo aqui? -O que nós estamos fazendo aqui?
28	49'39 a 49'42	Cena externa durante a noite. Plano conjunto das policiais com foco em Gore enquanto ela fala.	Policia Gore: -Nunca pensei nisso desse jeito.
29	49'42 a 49'44	Cena externa durante a noite. Plano conjunto visto de cima para baixo de Ian e Barley disfarçados de Bronco enquanto o irmão mais velho fala com o mais novo.	Barley (sussurrando para Ian): -Legal.
30	49'44 a 49'46	Cena externa durante a noite. Plano médio de Spectre com a lanterna levantada e os olhos indicando suspeita de algo errado.	Policia Spectre: -Com todo respeito, não respondeu minha pergunta.
31	49'46 a 49'54	Cena externa durante a noite. Plano médio de Ian disfarçado de Bronco respondendo às policiais de forma nervosa e insegura.	Ian (disfarçado de Bronco): -Nós estávamos só fazendo umas dinâmicas de educação no trânsito para o Ian.
32	49'54 a 49'58	Cena externa durante a noite. Plano conjunto das policiais, do carro e do pai dos meninos aparecendo enquanto elas fazem questionamentos.	Policia Spectre: -Quem é Ian? Policia Gore: -Ah, é o filho da Laurel?
33	49'58 a 50'00	Cena externa durante a noite. Plano médio de Ian disfarçado de Bronco respondendo às policiais de forma nervosa e insegura.	Ian (disfarçado de Bronco): -O Ian é filho da Laurel.

34	50'00 a 50'03	Cena externa durante a noite. Plano médio de Spectre com a lanterna apontada para o pai dos meninos e os olhos indicando suspeita de algo errado.	Policia! Spectre: -Seu enteado estava costurando na estrada.
35	50'03 a 50'04	Cena externa durante a noite. Plano médio de Ian disfarçado de Bronco respondendo às policia! de forma nervosa e insegura.	Ian (disfarçado de Bronco): -Pois é, bem...
36	50'04 a 50'06	Cena externa durante a noite. Primeiro plano do perfil de Ian disfarçado de Bronco mostrando sua reação ao responder a policia!.	Ian (disfarçado de Bronco): -o cara está meio fora de si.
37	50'06 a 50'14	Cena externa durante a noite. Plano conjunto das policia!s, do carro e do pai dos meninos aparecendo enquanto Spectre responde e anda em direção a Bronco. Há uma movimentação que torna o plano médio e acompanha a policia! mais alta enquanto ela investiga o que está acontecendo.	Policia! Spectre: -É, ele parece não estar bem. -Você também parece não estar bem.
38	50'14 a 50'19	Cena externa durante a noite. Primeiro plano do perfil de Ian disfarçado de Bronco mostrando nervosismo.	Ian (disfarçado de Bronco): -Olha, sendo bem sincero, eu não fico nada à vontade...
39	50'19 a 50'24	Cena externa durante a noite. Plano médio de Ian disfarçado de Bronco respondendo às policia!s de forma insegura.	Ian (disfarçado de Bronco): -numa situação como essa e estou começando a surtar.
40	50'24 a 50'28	Cena externa durante a noite. Plano conjunto das policia!s e do carro. Spectre não parece estar mais suspeita como antes. Ela olha para a companheira de trabalho e depois volta a se concentrar em Bronco.	Ian (disfarçado de Bronco): -Estou me sentindo estranho, suando, sem saber o que dizer.
41	50'28 a 50'30	Cena externa durante a noite. Plano médio de Ian disfarçado de Bronco se movendo de forma nervosa cada vez mais próximo da tela mostrando que Spectre está perto dele.	Ian (disfarçado de Bronco): -E parece que não faço nada direito e eu sou um esquisitão.
42	50'30 a 50'34	Cena externa durante a noite. Plano conjunto de Bronco e Spectre um de	Policia! Spectre: -Espere aí, calma. -Acho que sei o que está

		frente pro outro enquanto a policial tenta acalmá-lo.	acontecendo.
43	50'34 a 50'36	Cena externa durante a noite. Primeiro plano do perfil de Ian disfarçado de Bronco mostrando nervosismo.	Ian (disfarçado de Bronco): -Sabe?
44	50'37 a 50'41	Cena externa durante a noite. Plano conjunto de Bronco e Spectre um de frente pro outro.	Policial Spectre: -Não é fácil virar pai de repente. -A filha da minha namorada me deixou careca, sabia?
45	50'41 a 50'43	Cena externa durante a noite. Primeiro plano do perfil de Ian disfarçado de Bronco mostrando alívio.	Ian (disfarçado de Bronco): -Ah, sim.
46	50'43 a 50'47	Cena externa durante a noite. Plano conjunto de Bronco e Spectre um de frente pro outro enquanto a policial mostra empatia. Ian, disfarçado de Bronco, agradece por meio de gestos e demonstra o que vai fazer em seguida.	Policial Spectre: -Tudo bem, podemos liberá-lo. Ian (disfarçado de Bronco): -Está bem, então vou levá-lo para a van.
47	50'47 a 50'50	Cena externa durante a noite. Plano aberto de Ian e Barley disfarçados de Bronco dando a volta por trás das policiais para buscar o pai e carregá-lo até o carro deles.	Som de passos. Som de pessoas cambaleando.
48	50'50 a 50'52	Cena externa durante a noite. Primeiro plano de Spectre mais tranquila dando conselhos para Bronco.	Policial Spectre: -Depois melhora, viu? Boa sorte, Bronco.
49	50'52 a 50'58	Cena externa durante a noite. Plano aberto de Ian e Barley disfarçados de Bronco já na parte de trás do próprio carro segurando o pai e colocando ele dentro do veículo enquanto se despedem das policiais.	Relinchar de cavalo. Ian (disfarçado de Bronco): -Para você também, policial. -Continue dando duro ou fique só na moleza.
50	50'58 a 51'00	Cena externa durante a noite. Plano conjunto de Ian e Barley visto de cima para baixo com foco no irmão mais velho falando com o mais novo.	Barley (sussurrando para Ian): -Esse, sim, é o Colt.
51	51'00 a 51'01	Cena externa durante a noite. Primeiro plano de Ian disfarçado de Bronco	Som de risada.

		olhando para o irmão mais velho contente.	
52	51'01 a 51'04	Cena externa durante a noite. Plano americano da policial Gore falando com Bronco.	Policial Gore: -Não invejo você, Bronco. O garoto Lightfoot dá trabalho.
53	51'04 a 51'10	Cena externa durante a noite. Plano aberto de Ian e Barley disfarçados de Bronco respondendo a policial Gore.	Ian (disfarçado de Bronco): -Vou ter que discordar de você nessa. Acho que o Ian é um cidadão muito íntegro.
54	51'10 a 51'13	Cena externa durante a noite. Plano americano da policial Gore falando com Bronco com uma expressão diferenciada como se estivesse confessando algo.	Policial Gore: -Ele, não, o mais velho.
55	51'13 a 51'14	Cena externa durante a noite. Primeiro plano de Ian disfarçado de Bronco demonstrando confusão e surpresa.	Ian (disfarçado de Bronco): -O quê?
56	51'14 a 51'16	Cena externa durante a noite. Plano americano da policial Gore falando com Bronco em tom de pena.	Policial Gore: -O cara é um inútil.
57	51'16 a 51'18	Cena externa durante a noite. Plano médio de Barley disfarçado de Bronco escutando o que dizem dele.	Policial Gore: -Não pode dizer que não concorda.
58	51'18 a 51'20	Cena externa durante a noite. Primeiro plano de Ian disfarçado de Bronco escondendo sua verdadeira opinião.	Ian (disfarçado de Bronco): -Eu não.
59	51'20 a 51'22	Cena externa durante a noite. Plano aberto de Ian e Barley disfarçados de Bronco respondendo a policial Gore e tendo a perna transformada por conta da mentira.	Som de magia.
60	51'22 a 51'24	Cena externa durante a noite. Plano médio de Barley chocado ao descobrir que o irmão concorda com a policial.	Música de fundo. Barley (disfarçado de Bronco): -O quê?
61	51'24 a 51'27	Cena externa durante a noite. Primeiro plano de Ian disfarçado de Bronco com cara de triste e decepcionado consigo mesmo enquanto olha para o irmão.	Música de fundo. Ian (disfarçado de Bronco): -Quer dizer, tudo bem...

62	51'27 a 50'31	Cena externa durante a noite. Plano aberto de Ian e Barley disfarçados de Bronco tentando voltar para o carro enquanto várias transformações acontecem.	Música de fundo. Som de magia. Ian (disfarçado de Bronco): -Preciso ir. Vou levar o Ian para casa.
63	50'31 a 50'32	Cena externa durante a noite. Plano conjunto das policiais estranhando o comportamento de Bronco.	Ian (disfarçado de Bronco): -Digo, estou atrasado para o trabalho. Digo, estou doente.
64	50'32 a 50'35	Cena externa durante a noite. Plano aberto de Ian e Barley disfarçados de Bronco tentando voltar para o carro enquanto mentem e tem partes do corpo transformadas.	Ian (disfarçado de Bronco): -Digo, estou doente. Digo, cansado.
65	50'35 a 50'36	Cena externa durante a noite. Plano médio de Ian e Barley apenas com a cabeça de Bronco aparecendo e todo o resto do corpo transformado dentro do carro.	Ian (disfarçado de Bronco): -Doente e cansado. Fui!
66	50'36 a 50'41	Cena externa durante a noite. Plano aberto de Ian terminando de entrar no carro. Depois o automóvel começa a se mover e sai do local.	Ian (disfarçado de Bronco): -Até segunda!

Fonte: DOIS IRMÃOS: UMA JORNADA FANTÁSTICA. Direção: Dan Scanlon. Produção: Walt Disney Pictures e Pixar Animation Studios. Estados Unidos, 20 de mar. de 2020. 102 min de filme, son., cor.

Apêndice M - Família composta por duas mulheres

Cena	Tempo	Vídeo	Áudio
01	21'16 a 21'21	Cena interna acontecendo durante um dia sem chuva. Plano médio mostrando Buzz Lightyear de costas abrindo uma porta. A comandante Hawthorne se vira para ele grávida e sorri.	Música de aventura.
02	21'21 a 21'22	Cena interna acontecendo durante um dia sem chuva. Plano médio do rosto de Buzz Lightyear mostrando sua felicidade pela colega.	Música de aventura.
03	21'22 a 21'23	Cena externa acontecendo no espaço. Grande plano geral mostrando o espaço e a nave de Buzz.	Música de aventura.
04	21'24 a 21'25	Cena externa acontecendo em um dia sem chuva. Plano aberto da Alisha dirigindo para levar o Buzz até os apartamentos.	Música de aventura.
05	21'25 a 21'26	Cena interna acontecendo em um dia sem chuva. Plano conjunto com Alisha e Buzz andando até o espaço de Hawthorne.	Música de aventura.
06	21'26 a 21'30	Cena interna acontecendo em um dia sem chuva. Plano conjunto do Buzz de costas vendo Hawthorne encontrar com a esposa e o filho, abraçando ambos ao entrar no compartimento.	Música de aventura.
07	21'31 a 21'32	Cena interna acontecendo em um dia sem chuva. Plano médio de Buzz sorrindo pela comandante.	Música de aventura.
08	21'32 a 21'33	Cena interna acontecendo em um dia sem chuva. Plano médio do rosto de Buzz Lightyear mostrando sua alegria pela colega.	Música de aventura.
09	21'33 a	Cena interna acontecendo em um dia sem	Música de aventura.

	21'34	chuva. Plano médio do Buzz sendo acordado por seu gato para mais um dia de aventura.	
10	21'34 a 21'35	Cena interna acontecendo em um dia sem chuva. Plano médio do Buzz deixando o quarto para decolar em sua nave novamente.	Música de aventura.
11	21'35 a 21'37	Cena externa acontecendo em um dia sem chuva. Plano médio de Lightyear sendo arrastado para baixo pelas plantas do planeta em que ele está.	Música de aventura.
12	21'37 a 21'40	Cena externa acontecendo em um dia sem chuva. Plano aberto do protagonista sendo arrastado para longe pela planta e seus companheiros correndo atrás para ajudá-lo.	Música de aventura.
13	21'40 a 21'41	Cena externa acontecendo em um dia sem chuva. Plano detalhe de Buzz apertando o botão para lançar sua nave no espaço.	Música de aventura.
14	21'41 a 21'41	Cena externa acontecendo em um dia sem chuva. Grande plano geral da nave decolando e do planeta aparecendo no fundo.	Música de aventura. Som de foguete.
15	21'42 a 21'43	Cena externa acontecendo em um dia sem chuva. Grande plano geral da nave decolando e do espaço aparecendo no fundo.	Música de aventura. Som de foguete.
16	21'43 a 21'43	Cena interna acontecendo no espaço. Plano detalhe de um botão escrito "Instável" na nave.	Música de aventura. Som de alerta.
17	21'43 a 21'45	Cena externa acontecendo em um dia sem chuva. Plano aberto da nave pousando no planeta.	Música de aventura.
18	21'46 a	Cena interna acontecendo em um dia sem chuva.	Música de aventura.

	21'47	Plano médio mostrando Lightyear dentro da nave com um X vermelho refletindo no capacete provando que a missão foi um fracasso.	
19	21'47 a 21'48	Cena interna acontecendo em um dia sem chuva. Plano médio do Buzz abrindo a porta da comandante Hawthorne.	Música de aventura.
20	21'48 a 21'49	Cena interna acontecendo em um dia sem chuva. Plano médio do rosto do protagonista enquanto ele entra na sala de Alisha.	Música de aventura.
21	21'49 a 21'51	Cena interna acontecendo em um dia sem chuva. Plano médio de Alisha já com cabelos brancos virando-se para ver Buzz.	Música de aventura.
22	21'51 a 21'52	Cena interna acontecendo em um dia sem chuva. Plano médio do rosto de Buzz surpreso por ver Alisha já mais velha.	Música de aventura.
23	21'53 a 21'55	Cena externa acontecendo em um dia sem chuva. Plano aberto mostrando Alisha levando o colega de carro ao alojamento.	Música de aventura.
24	21'55 a 21'57	Cena interna acontecendo em um dia sem chuva. Plano conjunto da comandante e do Lightyear andando no corredor em que a Hawthorne mora.	Música de aventura.
25	21'57 a 21'59	Cena interna acontecendo em um dia sem chuva. Plano conjunto mostra Lightyear de costas enquanto Alisha entra em seu apartamento para ver a esposa colocando um capelo no filho.	Música de aventura.
26	21'59 a 22'01	Cena interna acontecendo em um dia sem chuva. Plano médio de Buzz sorrindo pelas	Música de aventura.

		realizações da amiga.	
27	22'01 a 22'02	Cena interna acontecendo em um dia sem chuva. Plano detalhe do fluido da nave sendo reposto.	Música de aventura.
28	22'02 a 22'02	Cena interna acontecendo em um dia sem chuva. Primeiro plano do rosto de Buzz enquanto ele encaixa o capacete já dentro da nave para voar novamente.	Música de aventura.
29	22'03 a 22'03	Cena interna acontecendo em um dia sem chuva. Plano aberto de Buzz pilotando a nave em direção ao espaço.	Música de aventura.
30	22'04 a 22'04	Cena interna acontecendo no espaço. Plano detalhe de um botão escrito “Instável” na nave.	Música de aventura.
31	22'05 a 22'06	Cena interna acontecendo no espaço. Plano aberto do Buzz descendo as escadas para sair da nave espacial.	Música de aventura.
32	22'06 a 22'08	Cena interna acontecendo no espaço. Plano médio do rosto de Buzz enquanto ele entra na sala de Alisha.	Música de aventura.
33	22'08 a 22'10	Cena interna acontecendo no espaço. Plano médio de Alisha já idosa virando-se para ver o amigo.	Música de aventura.
34	22'10 a 22'13	Cena externa acontecendo em um dia sem chuva. Plano aberto da comandante dirigindo com dificuldade apesar da preocupação de Buzz.	Música de aventura.
35	22'14 a 22'16	Cena interna acontecendo em um dia sem chuva. Plano conjunto da comandante e do Lightyear andando no corredor em que a Hawthorne mora.	Música de aventura.
36	22'17 a	Cena interna acontecendo em um dia sem	Música de aventura.

	22'21	chuva. Plano conjunto de Alisha abrindo a porta, beijando a esposa e encontrando o filho com a namorada dentro da casa.	
37	22'21 a 22'23	Cena interna acontecendo em um dia sem chuva. Plano médio de Buzz sorrindo, de novo, pelas realizações da amiga.	Música de aventura.

Fonte: LIGHTYEAR. Direção: Angus MacLane. Produção: Walt Disney Pictures e Pixar Animation Studios. Estados Unidos, 17 de jun. de 2022. 105 min de filme, son., cor.